

A princesa Ana, pouco antes da tentativa de rapto de que foi alvo. (Telefoto UPI - Teilm-prensa - DL).

Não-alinhados discutem maneiras de ajudar países mais pobres

ARGEL, 21 — (R.) — Ministros dos Negócios Estrangeiros e delegados de 17 países Não-Alinhados esperam aprovar hoje um documento final no termo de três dias de conversações nesta capital, a despeito de divergências sobre certas questões importantes, há muito existentes.

As individualidades que assistem à conferência do Centro Permanente do Movimento dos Não-alinhados indicaram a noite passada que o desacordo aparecera à superfície, pelo menos, em duas questões relevantes: a posição do Chile no movimento, a seguir ao golpe de Estado militar de Setembro último, e maneiras de ajudar nações mais pobres do Terceiro Mundo a pagarem as enormes contas do petróleo.

aos países em desenvolvimento mais pobres, afectados pelos enormes aumentos dos preços das ramas de petróleo, espera-se que os delegados apreciem duas propostas discordantes:

Uma sugestão da Guyana para um «imposto» sobre estes produtores de petróleo, a ser pago a um fundo central em benefício de países mais pobres, foi acolhida com desaprovação pelos delegados desses estados, representados nesta capital.

O Koweit vai, porém, voltar a apresentar uma proposta, numa forma mais detalhada, feita na cimeira dos Não-alinhados, que se efectuou em Argel, em Setembro passado, que prevê um fundo de desenvolvimento a ser financiado por todos os estados membros.

Fontes afectas à delegação do Koweit declararam à Reuter que o plano não indicava ainda como o dinheiro ficaria disponível dessa forma nem como seria fixada a média das contribuições de cada país ligado ao fundo.

A sessão de ontem, a qual foi dedicada em grande parte a uma discussão da crise no Médio Oriente, durou até quase à meia-noite e os delegados esperavam que as conversações do último dia se prolongassem pela noite fora.

Ontem, a Síria pediu aos países Não-alinhados para iniciarem diligências destinadas a expulsar Israel das Nações Unidas e de outras organizações internacionais.

Quanto à questão de auxílio

Tentativa de rapto da princesa Ana

-confirma Jenkins nos Comuns

LONDRES, 21 — (F.P.) — Aquilo que primeiro se julgou ser um atentado contra a vida da princesa Ana e do seu marido era na realidade uma tentativa de rapto. Roy Jenkins, ministro do Interior, assim o afirmou ante a Câmara dos Comuns cheia a deitar por fora.

Pelo seu lado, Edward Short, chefe da Câmara dos Comuns, declarou numa entrevista radiodifundida que foi encontrada no local do ataque, ontem, depois da detenção do agressor, uma extensa carta dirigida à rainha Isabel e pedindo um resgate.

Depois de lerem a carta, as autoridades consideram muito pouco provável que um motivo político estivesse na origem da agressão.

Esta parece ter sido cometida só por um indivíduo, um inglês residente em Londres, que foi detido. Será preciso aguardar as conclusões do inquérito para saber os motivos do seu acto.

Mas a Polícia não pode deixar de notar que um indivíduo perfeitamente são de espírito dificilmente teria a ideia de raptar sozinho a princesa Ana, acompanhada por seu marido e protegida por um guarda-costas, sem falar no carro da Polícia que seguia o Rolls Royce.

Algumas horas depois da tentativa de rapto da princesa Ana e do capitão Mark Phillips, o jovem casal deixou o palácio de Buckingham para regressar a sua casa (a «Oak Grove House») no campo militar de Sandhurst, a uns 50 quilómetros de Londres.

O casal instalou-se há uns dez dias apenas nessa casa de estilo georgiano, que fica ao pé da academia onde o jovem oficial é instrutor.

M.E.N. Cooperação com o sector privado

Foi homologado pelo ministro da Educação Nacional um acordo de cooperação entre o MEN e uma companhia de navegação para realizar uma experiência-piloto de formação do pessoal do mar através de meios audiovisuais. A coordenação da experiência estará a cargo dessa companhia e dos serviços centrais do Ministério — Gabinete de Estudos e Planeamento, Instituto de Tecnologia Educativa e Direcção-Geral da Educação Permanente.

Os cursos são abertos a todos os elementos das

Continua na pág. 20

O teatro amador tem hoje o seu dia

Os grupos de teatro do Camphide Atlético Clube e da Companhia Nacional de Navegação, ambos de Lisboa; dos «Modestos», do Porto; da Sociedade Joaquim António de Aguiar, de Évora, e de Iniciação Teatral da Trafaria elaboraram uma mensagem alusiva ao Dia do Teatro Amador Português, que hoje decorre. É do seguinte teor:

Amadores, homens que no seio da população portuguesa — nas aldeias, vilas e cidades — propagam o teatro, fazem dele a sua relação social e artística, são a cultura viva do lugar, alimentam-se e alimentam os seus compatriotas de palavras e acções conscientes, críticas, iluminadoras que são as palavras e acções do teatro — esta mensagem é para vós.

Hoje, dia 21 de Março, data que os amadores escolheram para comemorarem o dia do Teatro Amador Português con-

vidamo-los a que elejam como vossa principal preocupação a união de esforços e vontades em torno da constituição da Associação Portuguesa do Teatro de Amadores.

Sem solenidades, mas de espírito perfeitamente claro perante a necessidade de respirarmos em conjunto por um teatro digno, activo e útil na sociedade em que vivemos, comemoremos este dia com esse gesto que será teatral no melhor sentido do termo.

Também nada será mais simples e simultaneamente mais transcendente, neste momento, do que a decisão tomada por cada grupo amador de se juntar a outro grupo, e a outro e a outro ainda, até que o abraço que os uns não os distingue no desejo de ser um corpo e uma voz, colectivamente empenhados no enraizamento duma autêntica cultura popular, da charneca à montanha.



TILINTAM OS FERROS DAS NORAS DA PRIMAVERA

Tocada de vento, goticulada de chuva e logo depois com muito sol — assim nos chegou a Primavera, de manhã cedo, e nos tomou o braço e se fez connosco à vida.

Que dizer deste tempo em que começa, criando em nós impaciência, uma certa angústia fina e também uma esperança num Verão azul propício a todos?

Aqui, pela Redacção, ficámos todos de olhos nos olhos num breve momento de saudação. Depois, os dedos caíram sobre as teclas e começámos a desbobinar o jornal página a página...

As palavras mais emocionantes vieram de uma colega nossa. A secretária, sentada numa cadeira de ferro e de napa, e porque a cadeira, de tão usada, rangesse com um certo ritmo, ela com as sobranças atiradas para muito longe, disse assim:

«Eh, pá! Este rangido faz lembrar as noras da minha terra! Parece que estou no campo a ouvir a água a correr.»

E não disse mais nada.

Só que, de quando em quando, a cada rangido da cadeira, o lento rodar das noras surgia entre nós todos — e todos nós nos sentíamos com os pés num fio de água alastrando pelos campos e baldios da liberdade...

A REUNIÃO DA CÂMARA A FEIRA DO LIVRO VAI PARA O ROSSIO

A abertura à circulação, a partir de amanhã, do conjunto viário constituído pelo prolongamento da avenida António Augusto de Aguiar, desde a Praça de Espanha até à avenida Prof. Egas Moniz; e da Avenida 28 de Maio, desde o cruzamento com a avenida Gama Pinto até à Praça de Sete Rios, foi uma das mais importantes notícias, de interesse imediato, divulgadas na reunião pública mensal da Câmara Municipal de Lisboa que se realizou esta manhã.

Incluindo também a rehode-

lação total da Praça de Espanha, do nó de cruzamento das avenidas 28 de Maio e Gama Pinto e da Praça de Sete Rios (esta última ainda em curso), este empreendimento, que importou em 190 mil contos, foi considerado pelo coronel Silva Sebastião «o de maior envergadura levado a cabo pela Câmara até agora, no sector viário».

Ainda no âmbito das notícias o presidente da Câmara a propósito da intervenção da vereadora Maria Clementina de Vasconcelos, em que falou demoradamente sobre a praça do Rossio, sugerindo o seu rápido arranjo, revelou que a próxima Feira do Livro a realizar em Maio, como é tradicional, terá por cenário aquela praça, recentemente liberta de veículos. Também no seguimento de uma sugestão desta vereadora, o presidente informou que vai ser criada uma Comissão Municipal de Cultura, com carácter permanente, destinada a coadjuvar a Câmara, nomeadamente na definição da política cultural municipal e no seu planeamento e programação a curto e a médio prazo, no acompanhamento e avaliação da actividade cultural levada a efeito pelos serviços camarários e na integração da acção cultural da Câmara numa política de cultura de âmbito nacional.

O "rallye" está na estrada



O «Rallye TAP» foi para a estrada ontem à noite e anda por esse País a criar emoções. Primeira prova do Campeonato Mundial da modalidade, só pode realizar-se graças à oferta de gasolina feita pela Venezuela à Federação Internacional de Automobilismo. Na foto, Romãozinho arranca do Parque Eduardo VII. (Ler notícia do nosso enviado especial na pág. 15).

28 páginas
incluindo
Suplemento
Literário

DL/NACIONAL

Ao falar, na reunião plenária de ontem na Assembleia Nacional, da proposta de lei sobre a criação de secções cíveis e criminais nos tribunais de Relação, o dr. Manuel Homem Ferreira, deputado por Aveiro, traçou um quadro pouco optimista da situação actual da magistratura portuguesa. E na sequência das suas ideias, exemplificou: **Para além desta paisagem sombria, acontece, actualmente, que os Delegados de 3.ª classe quase se limitam a tomar posse do lugar, mal iniciando as suas funções, pois logo partem para o serviço militar. E, aí, permanecem longo tempo, afastados dos códigos, dos processos e do tribunal. No regresso, muitos surgem já promovidos à classe superior e até à 1.ª classe, e todos vêm com uma carência aflitiva de preparação científica, técnica e prática. Conhecem, certamente, o funcionamento das metralhadoras, mas não conhecem a tramitação dos mais simples autos judiciais.**

Este foi o aspecto mais original da discussão, pois nenhum dos interventores de ontem nem os anteriores — o aborda-

Novo subdirector da Faculdade de Letras

Para o cargo de subdirector da Faculdade de Letras da Universidade Lisboa, vago devido ao pedido de exoneração do prof. Francisco da Gama Caeiro, acaba de ser nomeado o prof. Olívio Caeiro, catedrático de Filologia Germânica.

Licenciado em 1959 pela mesma Faculdade, o prof. Caeiro doutorou-se em 1969, tendo nos últimos anos aprofundado a sua especialização em literatura alemã. Director do Instituto de Cultura Alemã da Faculdade de Letras e membro da Associação Internacional dos Germanistas, é professor catedrático desde o ano passado, contando 52 anos de idade.

ASSEMBLEIA DIA A DIA

Por ARMANDO PEREIRA DA SILVA

PROCURAR SOLUÇÕES

O deputado aveirense, falando para mais de uma centena de colegas, disse logo depois que os tais delegados **podem saber de instrução militar, mas ignoram a instrução processual. Sabem de recruta, mas não sabem dar uma acusação ou uma forma à partilha, nem interrogar uma testemunha.** Ora, prosseguiu, constituindo os delegados o núcleo basilar dos futuros julgadores, torna-se fácil ver como o problema é sério e dispensa comentários, glosas e teorias. Assim, o orador propôs que seja estabelecida uma base de entendimento entre o Ministério da Justiça e o Ministério da Defesa, em ordem a debater situação tão crítica e a resolver o impasse. **De contrário — assinalou — em breve acabaremos por ter juizes que saberão dar tiros, mas não sabem dar sentenças.**

De resto, o orador, como os outros, chamou a atenção para a crítica situação económica dos profissionais da Justiça e afirmou que a armadura da organização judiciária começa a pedir uma reforma profunda e geral, porque os processos vão aumentando e os juizes vão diminuindo. Em sua opinião, um ordenamento jurídico pode existir sem códigos escritos, mas não pode viver, nem funcionar, sem juizes verdadeiros, isto é, devidamente apetrechados e ao nível da alta missão que lhes compete e que, afinal, constitui a garantia suprema de todos os cidadãos. Contestou os contestadores da especialização prevista na proposta de lei:

O problema consiste — declarou — em evitar este plano inclinado, através de um antídoto capaz de suavizar a incompatível carga de trabalho.

Em resumo: embora preferisse uma reforma global, o dr. Homem Ferreira admite este «remendo» e aprovou na generalidade a proposta de lei.

O mesmo fizeram, aliás, os ou-

tros oradores da sessão: Cardoso Gouveia, Maria Teresa Lobo e António Brochado, que pouco adiantaram em relação ao que já tinha sido dito. Os debates na generalidade terminam na sessão de hoje, admitindo-se igualmente que a proposta — de unicamente três Bases — seja esta tarde discutida na especialidade e aprovada com as alterações já propostas pela Comissão de Justiça.

ANTES DA ORDEM DO DIA

Dois deputados — Meireles de Campos (Braga) e Alberto Alarcão (Lisboa) — preencheram o período inicial da reunião. O primeiro, após regozijar-se com as reformas ministeriais e a nomeação de conterrâneos seus para cargos no Executivo, fez o balanço da importância do distrito de Braga no contexto da economia nacional e afirmou que, para que os grandes planos para ali anunciados (polo industrial Braga-Guimarães, Universidade do Minho, plano agrícola integrado do Vale do Lima) tenham realização efectiva, necessário se torna que sejam adaptadas as infra-estruturas da região: estradas, auto-estradas, aeroportos, etc. Com o seu polo industrial, Braga e Guimarães poderão ser, se nós quisermos, uma grande e próspera cidade, afirmou Meireles de Campos, glosando uma expressão muito conhecida.

Quanto a Alberto de Alarcão, aproveitou para manifestar o seu regozijo pela aprovação que há dias anunciámos — do plano urbanístico para a Brandoa-Falagueira e a próxima destruição da Praça de Touros de Algés. Pediu, mais uma vez, a reclamada passagem subterrânea junto à estação de caminhos-de-ferro daquela povoação às portas da capital. E um melhor aproveitamento dos espaços verdes na cidade e arredores e, sobretudo, na área opulenta da Praça do Império,

DEPOIS DO ENCONTRO DE LISBOA

Responsáveis do ensino particular recebidos pelo ministro da Educação

A publicação do Estatuto do Ensino Particular de modo a entrar em vigor antes das próximas matrículas e que na sua aplicação se não faça discriminação de colégios, mas se dê a todos as mesmas possibilidades durante uns três anos, até se provar se são capazes ou não, são algumas das medidas a pedir, pelos estabelecimentos de ensino particular, ao ministro da Educação Nacional, na audiência marcada para as 17 horas de hoje.

Estes dois pontos e muitos outros problemas que assobram a existência do ensino particular, à medida que se vai alargando, territorialmente, o ensino oficial secundário e diversificando as suas modalidades, foram discutidos no primeiro dia de trabalhos do III Encontro Nacional de Responsáveis do Ensino Particular que reúne representantes de uma centena de estabelecimentos, no Colégio do Sagrado Coração de Maria, em Lisboa. Como aspecto latente no espírito dos responsáveis a velhíssima polémica entre o ensino laico e o religioso, já arrastada de anteriores encontros. Se ontem não produziu faísca, chegou para puxar a lágrima aos olhos de educadores mais sensíveis a palavras duras ainda que correctas.

«Todos trabalhamos para o mesmo fim, a educação da juventude portuguesa» afirmou, dada altura, o moderador do Encontro, mas isso, não esbateu os contornos do quadro oferecido aos presentes: a abrir, um telegrama do Funchal pedindo a «benção de Deus para o vosso trabalho»; depois o largo número de padres e freiras no anfiteatro, representando 70 estabelecimentos de ensino religioso face a 31 laicos; também a escolha de cinco religiosos para moderadores dos onze grupos de trabalho e, por fim, a própria direcção das reuniões gerais, entregue a um padre, o dr. Lucian-

o Guerra, reitor do Santuário de Fátima.

Foi neste ambiente que o dr. Primo Casal Pelayo, director do Colégio Antero de Quental se apresentou para ler uma violenta catalinária contra a intervenção do Grémio e da Igreja na defesa do ensino particular. Perguntou se estas entidades têm defendido os interesses das comunidades diocesanas ou as da classe em geral e afirmou a propósito:

A Igreja nunca procurou conquistar perante os poderes temporais, a mera cidadania mas, antes, uma posição de privilégio.

Depois de chamar a atenção dos seus pares para esta questão prévia fundamental para o Encontro, o dr. Pelayo acusou, frontalmente, a Igreja de muitas responsabilidades na situação desastrosa do ensino particular.

Respondendo a estas objecções, e após explicar a formação do grupo que convocou o Encontro, o padre Luciano Guerra garantiu que sempre tinham pretendido a coexistência pacífica com o Grémio («Que cada um viva a sua própria vida»). Fez ainda um apelo: «Precisamos de nos manter muito unidos na conjuntura actual. Se não fosse isso, não estaria aqui».

O dia de ontem, ocuparam-no os participantes no Encontro, em dois plenários e em reuniões de grupos de trabalho. O primeiro plenário, de apresentação e onde se deu a intervenção do director do Colégio Antero de Quental, fez o ponto à situação.

Depois discutiram-se as últimas medidas pedagógicas e económicas do Ministério da Educação que tanto afectaram o ensino particular. Nomeadamente: o alargamento da escolaridade obrigatória, a possibilidade de dispensa a uma secção no 3.º ano liceal, transferências do ensino particular para o ensino

oficial, concessão de alvarás, concessão de subsídios aos alunos e supressão dos mesmos aos colégios, subsídios de conservação de edifícios, inclusão do ensino particular no IV Plano de Fomento e as negociações com presidentes das Câmaras Municipais para venda ou trespasses de colégios particulares.

Os subsídios foram concedidos (aos alunos, e não aos colégios) por suplência territorial, ou seja, nas localidades onde não havia ensino oficial. Não foi garantida a continuidade desses subsídios.

Sobre as negociações com as Câmaras Municipais para a cedência dos colégios particulares a fim de neles ser ministrado o ensino oficial, a classe considera a situação muito grave. Tem havido vendas decorrem negociações, estudam-se alguns trespasses

Em muitas localidades para-se o início do ensino oficial, em prejuízo imediato do particular, já existente.

O Encontro encerra-se hoje com a audiência concedida pelo ministro Veiga Simão às 17 horas depois de serem elaboradas as sínteses a apresentar. Da parte da manhã continuou a discussão das consequências das medidas do MEN, com reunião plenária do meio-dia à uma e posterior reunião de síntese.

Submarino frances no Tejo

Para uma visita de rotina que se prolongará até ao dia 26, chega amanhã ao Tejo o submarino «Requin», da Armada Francesa, cuja guarnição se compõe de sete oficiais e 62 sargentos e praças, sob o comando do primeiro-tenente Coureau. Ficará atracado ao cais da Doca da Marinha.

O PORTEIRO

(LE CONCIERGE)

BERNARD LE COQ

4º MÊS DE EXIBIÇÃO

estúdio
444

23ª SEMANA!



EASTMANCOLOR
GRUPO D-18 ANOS
DOPERFILME



em complemento:

HOMENS E TOIROS

realização de FRANCISCO SAALFELD colorido

O EXTRAORDINÁRIO DOCUMENTÁRIO QUE O PÚBLICO APLAUDE DIARIAMENTE!

A entrada em funções do novo ministro da Indústria e Energia

A cerimónia com que se assinalou a entrada em funções do ministro Daniel Barbosa e dos dois subsecretários de Estado da pasta agora criada para a Indústria e Energia, teve a presença dos ministros da Agricultura e Comércio e da Saúde, do subsecretário do Comércio, de representantes do titular do departamento das Corporações e Segurança Social e de outros membros do Governo, além de antigos ministros, deputados e várias individualidades de destaque da vida nacional.

Na qualidade de secretário-geral do novo Ministério, o eng. Soares Carneiro, director-geral de Minas e Serviços Geológicos, saudou o ministro e os dois subsecretários, dr. Vilares Cordeiro (Indústria) e comandante Soeiro de Brito (Energia). Em seguida, o prof. Daniel Barbosa proferiu o seu discurso, dizendo a certa altura: **Não trago naturalmente comigo qualquer programa governamental. Creio mesmo que seria estultícia condenável tentar defini-lo nas suas linhas mestras que fosse, até porque só o contacto permanente e intenso com as situações e com os factos que alimentarão o dia-a-dia da nossa vida ministerial, me poderiam ajudar a esboçá-lo. E há um mínimo de tempo que, para tanto, é indispensável respeitar.**

O prof. Daniel Barbosa terminou dizendo que dispomos felizmente de industriais de alta craveira e de técnicos excelentes, ainda que os quadros oficiais se encontrem desfalcados, salientando ainda que sem um diálogo equilibrado e uma acção conjunta entre os sectores privado e público não via maneira de se encontrar na execução dos planos de fomento com os olhos postos no futuro.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Antero Duarte Ferreira, Tabacaria da Estação da PAREDE

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na Tabacaria «MERGULHO», Rua de Luanda - Loja 5, c. PAREDE

TELEX José Gabriel Viegas

AMEAÇAS DE CRISE SOCIAL EM FRANÇA

PARIS, 21 — As novas medidas encaradas pelo Governo francês para lutar contra a inflação foram anunciadas ontem depois do Conselho dos Ministros, como declarou Valéry Giscard d'Estaing, ministro da Economia e Finanças, depois de uma reunião de trabalho com Pierre Messmer. Segundo o responsável pela economia francesa, não se trata de novas decisões espectaculares, mas sim de certas correcções e reajustes do plano anteriormente adoptado.

Confirma-se assim que o terceiro gabinete de Pierre Messmer não se diferenciara mais da precedente pela sua composição. Vê-se, aliás, mal como é que os mesmos homens, mantidos praticamente nos mesmos postos, salvo raras excepções, podem praticar uma política sensivelmente diferente. Porém, essa política é hoje reclamada não só pela Oposição, como por um número cada vez maior de membros fluentes do Partido governamental, que não hesitam em afirmar publicamente o seu desacordo com as opções propostas.

Tal foi o caso, domingo, nas jornadas de estudos dos parlamentares U.D.R. de dois «gaullistas históricos», Michel Debré e Couvre de Murville — manifestando-se este último contra a política exterior francesa, que considera, apesar das aparências, insuficientemente independente em relação aos Estados Unidos.

Deve dizer-se que uma boa parte dos deputados gaullistas presentes na reunião de Nogent-Sur-Marne esperava por uma resposta vigorosa as declarações de sexta-feira do presidente Nixon, consideradas por muitos como um «ultimato» ou «chantagem» inadmissíveis. Para aqueles que nas declarações e iniciativas de Michel Jobert em relação ao Médio Oriente, ao problema do aprovisionamento em petróleo e matérias-primas, tinham reencontrado um certo tom «gaulliano», a esqui-va do ministro dos Negócios Estrangeiros não podia constituir senão uma desilusão. E, para Couvre de Murville, foi fácil salientar as contradições da diplomacia francesa, denunciar os desvios efectuados des-

de a partida do general De Gaulle.

As críticas de Couvre de Murville à política internacional de Georges Pompidou não são uma novidade. O que é mais novo é que uma boa parte dos parlamentares U. D. R. aprovava nitidamente as suas tomadas de posição. E que o antigo primeiro-ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros do general De Gaulle tenha utilizado uma linguagem e argumentos praticamente idênticos aos da Oposição de esquerda e extrema-esquerda.

Mais violentos ainda foram os ataques de Michel Debré ao que Pierre Messmer forneceu como indicações sobre a sua política anti-inflacionista. Na sua opinião, a política do ministro das Finanças não poderá senão agravar a inflação, conduzindo ao mesmo tempo a uma diminuição de poder de compra e do nível de vida. Considerando as medidas fiscais parciais insuficientes, considera que é preciso encarar uma política global de salários, custos e fiscalidade, eventualmente negociada. O que se aproxima bastante da análise da Oposição. O Governo francês parece disposto a continuar a sua política económica, que consiste em tentar preservar a todo o custo a expansão — e por consequência o emprego — contando com certas dinâmicas do mercado, o afrouxamento dos aumentos de salários e a fiscalidade para combater a inflação. A eficácia de tal política é, desde já, contestada. Quanto aos riscos de crise que contém são numerosos — o que não escapou a Michel Debré.

Com efeito, as novas medidas fiscais preparadas por Giscard d'Estaing, se não atingem as categorias mais desfavorecidas, tocarão certamente vastos sectores, nomeadamente das classes médias, que vêem com inquietação o confortável nível de vida atingido nos últimos anos seriamente ameaçado. Essa inquietação traduz-se nomeadamente no movimento do sector bancário, em greve desde há mais de quinze dias, greve que começa a perturbar a vida económica do país e na qual participam não só os empregados como o pessoal de enquadramento. Ao mesmo tempo,

Continua na pág. 14

Peron e a informação na Argentina

O presidente Juan Peron da Argentina aprovou um extenso plano sobre o futuro dos meios de comunicação públicos e privados do país.

O plano estabelece a expansão da Agência Nacional de Notícias TELAM pela criação de delegações fora do país para a cobertura especial das missões da Argentina no estrangeiro, a criação de centros de informação na América Latina, Europa Ocidental e no mundo árabe, a fundação de escolas de jornalismo e a realização de campanhas de informação sobre educação, temas de sanidade e segurança.

De acordo com o plano aprovado, a TELAM passa a ter edifício, que poderá vir a ser o «palácio da Imprensa» à semelhança dos existentes noutros países, onde não só trabalharão funcionários da TELAM, mas também os de todas as agências estrangeiras que operam na Argentina.

Foi ainda determinada a criação de uma «entidade nacional cinematográfica», o estabelecimento de radiotransmissores perto das fronteiras da Argentina para servir os cidadãos, que captam programas estrangeiros, a fundação de uma escola nacional de cinema e a elaboração de um sistema de distribuição dos filmes nacionais.

Ficou prevista a fundação de entidades nacionais editoras de livros e de gravação, e a criação de um «ballet» de folclore nacional.

O secretário de Imprensa do Governo afirmou que o programa tem por objectivo pôr termo à lamentável situação em que se encontram os meios de comunicação, «em consequência das políticas de destruição levadas a cabo pelos anteriores Governos, que dirigiram a Argentina desde 1955».

Nível de vida checo

O nível de vida da população checoslovaca teve uma evolução favorável nos três primeiros anos do quinto plano quinquenal, disse numa conferência de Imprensa o presidente da Repartição Federal de Estatística, Jan Kazimur.

Assim, os lucros nominais da população aumentaram nesses três anos cerca de 19 por cento. Os rendimentos devidos ao trabalho aumentaram no mesmo período 15 por cento e os lucros sociais mais de 19 por cento. As estatísticas mostram tendência para superar os salários médios que em 1973 eram de 2200 coroas (cerca de 4500\$00). Neste ano 40 por cento já recebiam mais de 2200 coroas.

As despesas por casal são as seguintes: alimentação: 32,2 por cento, compra de produtos industriais: 27 por cento, serviços: 11 por cento, pagamentos diversos (impostos, renda de cada, gás e electricidade, telefone, seguros etc.): 18 por cento. Economias, 8 por cento.

As medidas tomadas a favor das famílias numerosas melhoraram a situação demográfica: o número de nascimentos foi em 1973 superior em 20 por cento ao de 1970. O número de casamentos aumentou 11 por cento.

O número de médicos aumentou também de forma a atingir um médico por 400 habitantes, indicou ainda Kazimur.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pela «Tabacaria Diana», Rua Com. António Feio, lote A, loja 3 CACILHAS

QUADRATIM

ISABEL DA NÓBREGA

Livros e água na boca

Leitor, leu mal o último artigo, ou, desculpe, lê-lo não soube. Porque eu escrevi: Deixo de lado a enumeração e focagem das causas mais profundas deste pernicioso alheamento vivido pelo português comum em relação ao livro, à leitura. Só um estudo destacando bases socio-económicas, o acesso à instrução, feito por quem possua os elementos estatísticos e os instrumentos de análise rigorosa — com prioridade para uma serena visão e interpretação crítica do fenómeno (...) responderia com proveito suficiente a tão complexo problema. E também escrevi: Há várias décadas, o editor, nesta terra, começou por ser um Quixote. Distraído e não interessado, apaixonado mas (salvo uma, duas, excepções) sem um plano nem o sentido das realidades — sem um Sancho. Exaltado e inocente, confundiu ao contrário, confundiu os gigantes com moínhos, quando os gigantes estavam lá: o analfabetismo, o vulto espesso da ignorância, um outro vulto a aproximar-se, veloz, chamado nova era; e os cuidadosos jardineiros do obscurantismo. Não chegou, então, por isso, a conquistar Dulcinea.

Mas não me proponho repetir o artigo! Hoje o propósito é provar — provas à vista — que há livros portugueses de ficção injustamente tratados pelo leitor porque... talvez insuficientemente acompanhados pelo editor. Dir-me-ão: outros há que de arauto não precisam para serem arrebatados e esgotados. Responderei: tanto melhor, mas justamente não é deles que me ocupo, e sim dos que teriam merecido (dessa entidade) terna vigilância, cuidados extremos, uma espécie de obstinação, ou de paciência, uma espécie de amor.

E agora perdoa-me, leitor (ou agradece-me) o que vou fazer. Pego numa pilha de volumes. Somam catorze. Dela retiro quatro, para exemplo e por causa do espaço. Aqui os abro e os deixo escancarados, como por detrás de montra no Chiado.

Muita gente passará sem os entrever. Mas também por certo alguém se deterá. Curiosidade apenas o primeiro impulso, é no movimento seguinte que eu aposto. E, então, na razão por mim ganhada.

Assim começa Maina Mendes: «Húmido na manhã, o prédio de azulejo ressumo estrias de água que descem com lentura. Os vidros das janelas estão opacos e desenha-se com a ponta do dedo um arco de correr e o pau de guiá-lo.

Em cima da cadeira pesada de arrastar, de assento aveludado e sombrio, estão as botinas de pelica de Maina Mendes, cujos dedos põem ainda entre si e o vidro, por sobre a rua, os círculos do barco a vapor e depois as lâminas de uma tesoura aberta. A cortina de peso cremoso, formando desenhos de pássaros, idênticos em ambos os lados, pássaros de vastas asas concertadas no «crochet» lento de fio gordo, cai-lhe sobre o folho do bibe armado em asa menor sobre o ombro que não sente. De compostura grave, paramentada de boneca limpa, Maina Mendes desenha a dedo fugas moventes da névoa que da boca seca cai ao vidro. Muitas crianças o fazem na mesma manhã de Outubro a vir, mas nenhuma com tão pouca alegria e tão quieta ira». Sete páginas adiante: «Maina Mendes, as costas para a rua, não sofre. A sala pertence-lhe por direito de mercê. Coisas ali não estão porque as quebrou pouco depois do berço. Quebradas são agora todas, porque após conhecidas e tocadas não lhes ficou na posse, não lhe ficou qualquer amor. As arrecuas sai e tão certo o faz, tão habitual o trajecto moroso, preparado ainda de esperança raiva para a tremenda imobilidade dos cortinados, que, como sempre, acaba na frieza na cabeça que é do puxador de vidro verde e limoso e facetado».

Maina, para Hortelinda sua mais do que criada, ama, a quem envia a estranho recado. Maina mulher, e grávida, dos outros tão apartada que na terra a têm já por bruxa, Maina para alcançar a certeza certa de que será um rapaz: «Vai e pergunta-lhe. Dize-lhe que vais de meu mando». Mas diante da resistência da criada: «Cala-te já de mentir, mulher. Eras tão loba como eu, em lura de cerdo. Comi da tua mãe e as carnes fizeram-se-me ao teu colo. Escondeste-me as febres no encharco dos panos e saraste-me com o mel da cozinha para que eu soubesse estancar a pé os meus males. Fizeste por mim os choros e as manhas para que me fora água choca o que não prezas. Destete-me as tuas falas para cuspir ao redor o teu grão. Tens medo do cardo que amanhaste? Antes te houvera medrado faceira a mula? Vai e não me moas, que até a criatura já me bole cá dentro e te arrenega.

E para que quer mezinhas da ranhosa? Que outra coisa havia de ser senão varão? Não vê como se lhe toldam as carnes e se vendam, como se as andara a esfregar na terra bar-

renta? Não vê como se lhe encrosta o mimo da face, como se lhe veda o corpo e se lhe encasca para a invernia de fazer um homem? Que mais pode o bruxedo que se não possa aqui? — Agora sim, que te des-coses, agora sim, perdiz val-dia. Vai, que ninguém te tira o choco. Anda, rosa parda, sume-te e avia-te que o fazemos ambas pelo certo. — Seja. E a capa, que já há-de estar seca? — Sume-te, mulher».

A páginas 141: «Creio que sou já na idade em que nos repetimos. Não, não é bem isso que queria dizer. Não é ainda a consolada litarica dos momentos idos, o comprazimento anedótico, a caquexia de alma do que se agarra a destroços e os reconta com a candura absurda da novidade e que torna os velhos enfadonhos, repelentes como uma supuração que não sara, ou insólitos se encontrados pela primeira vez num banco de jardim. É antes o começo da forma envelhecida da esperança, provar com insistência que se foi, que se soube, que junto de nós foi, que não passámos em vão, que estávamos onde foi o terramoto, a morte do parente, a beleza sem turismo de uma enseada, os vidros listrados de papel das janelas ameaçadas, guardadores do instante, testemunhas. /Não, não creia que é a melancolia do declínio, ou o tão simples quanto a si temor da morte. Há apenas conjuras, eixos fixos, uma trama melódica peculiar a cada um de nós e parece-me haver chegado o tempo de conhecer a que me cabe».

Era mesmo já altura, creio, de algum especialista se debruçar a fundo para a obra dela. Vejo-o primeiro enlouquecido, depois de atravessar a trama cerrada e afiada de uma prosa que é pesquisa e inspiração, segura construção, e risco. Serenado, vejo-o (desejo-o) apto e ansioso por analisar para o leitor comum — não para os outros especialistas, na erudita piscadela de olho — cada pedaço deste painel de dentro e de fora. De focar a riqueza do vocabulário, em lupa grossa para que melhor se pas-me; a técnica da câmara lenta, nas botinas sobre o estofado da cadeira ou nas espirais da alma, o poder encantatório, ou de esconjuração.

Era tempo já. E em tempo paralelo qualquer coisa deveria acontecer. Ninguém mais se oferece? ninguém mais avisa, ou anuncia? Eis-me pronta e decidida, grato me é. — Três talhes no livro, atiro os gomos ao leitor, e faço-lhe água na boca.

A DEFESA EM FRANÇA:

UM APARELHO INDUSTRIAL QUE REUNE 270 MIL PESSOAS

Para a sua defesa, a França construiu um aparelho que toca em todos os domínios da economia, e, principalmente, nos domínios aeronáutico, electrónico e mecânico. Em 1972, pois não se dispõe ainda de todos os dados de 1973, os números realizados pelas indústrias do armamento foi, em francos constantes, da mesma ordem que o de 1971: ou seja 17 mil milhões de francos (incluindo 4775 milhões de francos de fornecimentos ao

estrangeiro, o que se não deve confundir com as encomendas).

Os efectivos desta indústria podem ser avaliados em cerca de 220 000 pessoas para os fornecimentos nacionais e 50 000 pessoas para os estrangeiros, ou seja 270 000 pessoas no total nas empresas de armamento. Este pessoal — para sermos completos, seria necessário acrescentar os efectivos das fábricas que trabalham indirectamente ou parcialmente

apenas para o armamento — reparte-se em três grandes sectores de investigação e de produção:

Os estabelecimentos da delegação ministerial para o armamento, são estabelecimentos do Estado reunindo cerca de 57 000 pessoas em doze estabelecimentos ou arsenais (36 000 pessoas), onze estabelecimentos navais de construção (17 500 pessoas) terres-

Continua na pág. 14

DI/GERAL

COIMBRA

PROVAS PARA CATEDRÁTICO NA FACULDADE DE LETRAS

Na Sala Grande dos Actos da Universidade de Coimbra, começou a prestar provas para catedrático da Faculdade de Letras o dr. Joaquim Ferreira Gomes.

Presidida pelo reitor da Universidade, prof. Cotelto Neiva, a primeira prova constou de uma lição que o candidato proferiu, desenvolvendo o tema «Estrutura da inteligência e a criatividade», segundo J. P. Guilford e que foi comentada pelo prof. dr. Moreira de Sá, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

As provas terminam hoje.

FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

No departamento de matemática da Faculdade de Ciências e Tecnologia, o dr. Gerard Turner, da Universidade de Oxford, proferiu amanhã, pelas 18 horas, uma conferência intitulada «Apparatus of Science in the Eighteenth Century».

DROGA: A MAIOR CAÇADA DE SEMPRE.



Três anos foi o tempo que duraram as investigações que levaram ao desmantelamento da maior rede de traficantes de Droga nos Estados Unidos.

Mais de 200 agentes e detectives da polícia trabalharam arduamente para conseguirem a prisão de 65 traficantes de heroína, que tinham transaccionado apenas num ano seis toneladas de heroína e cocaína.

Leia a narrativa desta gigantesca caçada, no número de Março de Selecções de Reader's Digest. Compre hoje mesmo o seu exemplar.



ÚLTIMA LIÇÃO

No próximo sábado, pelas 11 horas, na Faculdade de Letras, o prof. dr. Manuel Paiva Boléo, que dentro em pouco atinge o limite de idade na actividade docente, proferirá a sua última aula.

COLÓQUIO SOBRE A CRIANÇA

A associação dos «Casais de Santa Maria» promove amanhã, pelas 21 e 30, no salão da União dos Grêmios de Lojistas de Coimbra, na Avenida Sá da Bandeira, 90, um colóquio sobre o tema «A criança deficiente mental». A exposição inicial será confiada às senhoras dr.ª Maria de Lurdes Carvalho Santos, Maria del Pilar de Sá e Melo e Maria da Luz Machado Colaço.

Após a introdução de cada uma das orientadoras seguir-se-á o debate. A entrada é livre.

I CONGRESSO PORTUGUÊS DE REUMATOLOGIA

A Sociedade Portuguesa de Reumatologia, a Faculdade de Medicina de Coimbra e o Instituto Português de Reumatologia, com o patrocínio do Ministério da Educação Nacional, do Instituto de Alta Cultura e da Universidade de Coimbra, vão levar a efeito nesta cidade, de 4 a 7 de Abril o I Congresso Português de Reumatologia.

Para a sua realização estão a decorrer os respectivos trabalhos, devendo as principais sessões realizar-se no Instituto de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina.

Para além das importantes comunicações e conferências por cientistas portugueses e espanhóis, serão projectados filmes e aos congressistas será proporcionado um programa social com excursões, espectáculos de arte, etc.

SERVIÇO NACIONAL DE EMPREGO

Num estabelecimento de en-

sino secundário de Penacova, estão em curso colóquios de informação, promovidos pelo Serviço Nacional de Emprego, que visam sensibilizar a massa estudantil a uma escolha criteriosa das profissões que os alunos se propõem desempenhar após a conclusão dos estudos, de acordo com as motivações e preferências detectadas.

ACTIVIDADE DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS EM 1973

Durante o ano de 1973, os Bombeiros Voluntários de Coimbra registaram 225 saídas com carros de combate para prestação de socorros de toda a espécie, das quais 101 exclusivamente para incêndios; para o efeito percorreram-se 2781 quilómetros consumindo-se 2000 litros de gasolina. O pessoal voluntário gastou, nestes socorros — saídas diurnas e nocturnas — 246 horas, algumas em péssimas condições.

As duas ambulâncias efectuaram 10 003 saídas para transporte de doentes, percorrendo 75 109 quilómetros e consumindo 6008 litros de combustível.

O pessoal efectuou 365 piquetes durante a noite e de segurança à cidade, permanecendo nesses piquetes 3285 horas.

EXPOSIÇÃO EM CERNACHE

Durante as festas da Senhora dos Milagres realizada o ano passado, em Cernache, o União Desportiva e Recreativa daquela freguesia levou a efeito uma exposição subordinada ao tema «Cernache de ontem — Cernache de hoje» que constituiu um grande êxito.

Animados com o sucesso dessa exposição, os membros do referido clube deliberaram fazer este ano, também por altura das festas, logo a seguir à Páscoa, uma Exposição de Arte Religiosa, para a qual já

ençetaram os respectivos trabalhos.

TEATRO FRANCÊS NO GIL VICENTE

A Aliança Francesa, em Coimbra, de colaboração com a Reitoria da Universidade, promove hoje, pelas 18 horas, no Teatro Gil Vicente, um espectáculo em que o actor francês Yves Tarlet, discípulo de Louis Jovet, apresentará uma panorâmica do teatro francês, desde os autores clássicos aos contemporâneos, subordinada ao título «Vinte personagens à procura de um autor».

EDUCAÇÃO SANITÁRIA

Prosseguindo na realização do ciclo de lições de Educação Sanitária que está a decorrer na Faculdade de Farmácia, houve mais uma lição, agora a cargo do sr. prof. dr. Orlando Pinto, que se ocupou do «Perigo das embalagens de plástico».

Pequenos cantores de Versailles

Durante as férias da Páscoa, os Pequenos Cantores de Versailles, dirigidos por Jacques Duval, realizarão uma «tour-née» de concertos pelo nosso país, com um repertório essencialmente de carácter religioso e orientado de preferência para a música da Renascença, sendo possível que executem música sagrada, clássica ou moderna, assim como peças polifónicas profanas.

Na sua digressão musical por Portugal, depois de terem visitado já vários países europeus, os Pequenos Cantores actuarão em Lisboa, Porto, Coimbra, Leiria e Setúbal de 23 a 31 do corrente mês.

SOBREVIVÊNCIA



Vinte quilómetros a pé é o percurso que todas as semanas faz esta anciã, quando se desloca a Castro Daire para vender um molho de carqueja, único meio de auferir algum dinheiro.

Habitando uma barraca no lugar da Granja, freguesia de Mões, e distante da sede do concelho cerca de dez quilómetros, Arminda de Jesus Paiva, assim é a sua graça, com mais de oitenta anos de existência, tem de recorrer àquela solução para conseguir 12\$50 semanais, tudo o que lhe pagam pela mercadoria.

A carqueja apanha-a nos montes — segundo afirmou — e leva-lhe mais de meio dia para conseguir o molhe. Enquanto puder e para não estender a mão à caridade continuará neste trabalho.

Viveu sempre na sua terra e das suas filhas que teve julga saber que estão para Lisboa.

Para aquela anciã a esperança de vida está resumida a um molho de carqueja. Os comentários tornam-se desnecessários.

BAIÃO

OBRAS PÚBLICAS, ENSINO E SUBIDA DO CUSTO DE VIDA

Santa Cruz do Douro (Baíão)
— (Do nosso correspondente
Arlindo Carvalho Borges) —

Há dois anos deslocou-se a Lisboa uma comissão constituída pelos presidentes da Câmara, da União Nacional e outras individualidades, avistando-se com o ministro da Justiça, a fim de tratar de assuntos relacionados com a construção do Palácio da Justiça de Baíão. Ao que parece, a diligência foi coroada de êxito, pois foi prometida a concessão da verba necessária para a construção daquele edifício público. No entanto, as obras ainda não tiveram início. Outra obra que se impõe é a construção do edifício destinado à Escola Preparatória, pois ela está a funcionar num local muito distante da vila e num casarão sem condições necessárias a uma acomodação conveniente para os alunos e respectivos serviços. Em tempo abriu-se a Avenida 28 de Maio, que trouxe à vila largos benefícios e pensou-se logo a seguir na abertura de uma outra avenida que, saindo da igreja vinha ter ao

tribunal, mas interesses particulares e mesquinhos impediram a realização desse plano que, a concretizar-se, daria a Baíão um magnífico aspecto. Se esta avenida fosse uma realidade, estaria hoje rodeada de edifícios que dariam uma importância vital à sede do concelho. Assim, há uma dificuldade cada vez maior em adquirir terreno para construção de edifícios e os que se vendem é a preços exagerados.

SOBRE O CUSTO DE VIDA

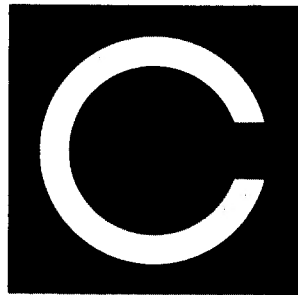
O custo de vida na região tem subido muito, vendo-se as donas de casa seriamente embaraçadas para se abastecerem do indispensável. A carne de vaca, que se vendia ainda há pouco tempo a 70\$00, subiu muito ultimamente, o mesmo acontecendo com a de porco e de anho. O azeite vende-se a 800\$00 cada 15 litros e o preço do restantes produtos também sobre constantemente. Não há dinheiro que chegue para enfrentar esta

corrida desenfreada do custo dos géneros.

TELESCOLA: HORAS E LOCAL

Consta que nesta freguesia vai ser instalado um posto da Telescola. O programa do seu funcionamento não agrada a ninguém, uma vez que nos meses de Inverno as crianças saem a horas tardias com a agravante de terem de arrostar com a chuva, a escuridão da noite a distâncias muitas vezes longínquas. O funcionamento da Telescola dever-se-ia iniciar às 9 horas para poder terminar às 15 ou 16 horas. O regime actual é recusado por muitas crianças pois é difícil frequentá-lo com aqueles horários. Seria realmente proveitoso que em todas as freguesias funcionassem postos de ensino audiovisuais, mas em condições que permitissem à criança frequentá-lo de dia. Se queremos um ensino útil, é necessário fazê-lo acompanhar de condições acessíveis e cómodas para os alunos. Uma escola cujas aulas terminam a altas horas da noite é inconcebível nos meios rurais.

Mosaico vidrado



CINCA

um novo mosaico*

Altamente decorativo
Cores moderníssimas
Acabamento requintado
Qualidade... CINCA

* Entregas rápidas

CINCA - Fiães - Telfs. 968333 e 968337

TV

DL/ESPECTÁCULOS

FUTEBOL: MILHÕES DE PESSOAS ENTRETIDAS A VER PASSAR O REI

Como diz o Padre Teodoro Marques dos Santos, eu não venho aqui para discutir nem para impor as minhas ideias a ninguém. Se é que tenho ideias, está claro, se é que aquilo que tenho se pode mesmo considerar ideias, para

além da minha natural vaidade em acreditar nisso. Vou apenas dar um exemplo.

Imaginem que constava para aí que o Romãozinho não ia ao Rallye TAP. Suponham que se aventavam, para justificar o infausto acontecimento, as mais desencontradas hipóteses. Qual o resultado? O resultado, se a lógica não deixou ainda de ser lógica nos difíceis tempos do nosso tempo, não deixaria de ser ruinoso para o Automobilismo Nacional, para a sua boa fama no mundo do Desporto, (do quê?) da Indústria e quicá (tenho a impressão de que emprego pela primeira vez na minha vida esta palavra. Mas, como dizem as vestais, alguma vez havia de ser) de Política.

De modo que bem andou a Televisão Portuguesa em esclarecer um problema que nos últimos dias muito tem preocupado o país. Disso foi encarregado, como é óbvio, esse nobre elemento de Cavalaria Andante do Automobilismo e



Por MARIO CASTRIM



acessórios que se chama Mário Gonzaga Ribeiro. O qual pretendeu saber porquê Romãozinho tão tarde se inscrevera no Rallye. O próprio Romãozinho o declarou: a marca representada, a Citroën, resolvera não participar mais em Rallyes; mas como a Citroën Portuguesa se mostrara muito interessada na participação, a sede em França concordou, até porque tinham um motor novo e a prova seria excelente para testar.

Assim é que está certo. Procurar a informação na fonte directa e dá-la ao público, nas melhores condições de horário. Palmas para a televisão portuguesa!

Como se sabe, constou há tempos igualmente que a Venezuela oferecera à organização

do Rallye TAP sem o que o mesmo não se poderia efectuar. Afinal talvez não tivesse sido bem assim. Gonzaga Ribeiro informa-nos agora que as octanagens constituíram oferta da F.I.A., sigla da Federação Internacional de Automobilismo. Como se prova, no automobilismo FIA-se. Admirável demonstração de solidariedade. Ah, se todo o mundo assim procedesse, outro galo de melhor crista nos cantaria!

Claro, por muito importante que seja o pormenor, a emissão esperada era o jogo de futebol entre o Vitória e o Estuária. O jogo em si mesmo terá os seus comentadores qualificados. Pessoalmente, considero se continua a fazer entre nós grande confusão entre os processos de futebolis apresentados: o futebol mindi-

nho, malabarista, «artístico» é que é; o outro, o futebol rijo, veloz, em linhas rectas é um futebol sem imaginação, um subfutebol. Depois, claro, e cada balde de água fria...

Sem querer foice em seara alheia, este Vitória de Setúbal não parece o mesmo do princípio da época. Alguma coisa nele desapareceu: a sua força, a sua organização, a sua capacidade de dominar. Deficiência física, ou psicológica o que quiserem. As vezes torna-se impossível distinguir uma da outra. Ou erros tácticos, ou coisa assim, com a supremacia no marcador, mandava a prudência não atacar ao desbarato, com gasto de energias desnecessário.

Reparem que nem sou eu que digo isto: é o Kutuzov, o comandante russo durante a invasão napoleónica. Atacar para quê as tropas francesas? Para quê dispersar forças inu-

tilmente, para quê pôr em risco as reservas do exército russo quando as tropas francesas possuíam forte capacidade de resposta?

Bom. Isto é para os técnicos. A verdade é que talvez estejamos em vésperas de assistir a modificações importantes nas transmissões desportivas: a transmissão em directo-diferido ao Sporting-Porto, talvez seja o lamiré a plataforma encontrada entre a televisão e a Federação: ficam salvaguardados os interesses dos outros clubes, que ficariam lesados com a transmissão directa, e aproveita a televisão que assim enriquece as emissões e procura nova popularidade. Não será o óptimo; mas sabe-se como o óptimo é inimigo do bom.

Depois o futebol, o lálá!, mesmo em diferido sempre é o futebol. Futebol diferido é pouco. Mas quem o desdenha é louco.

RENDERAM 130 CONTOS DOIS ASSALTOS EM LISBOA

Durante a noite foi assaltada uma loja de fazendas da Rua Emílio das Neves, de onde os ladrões levaram tecidos no valor de 60 contos.

Também na Rua Carolina Michaelis de Vasconcelos, utilizando ao que parece uma chave falsa, os gatinhos penetraram numa residência cujos donos se encontravam ausentes. Levando vários objectos de ouro, que somam, ao todo, 70 contos.

Freira expulsa de Moçambique

JOANESBURGO, 21 — (R.) — O correspondente da agência sul-africana «SAPA» na Beira comunicou hoje que uma freira italiana, a irmã Maria Del Carli, de 37 anos, foi expulsa de Moçambique.

Não foi distribuído qualquer comunicado oficial sobre o assunto, mas fontes religiosas disseram ao correspondente que a

freira tinha abandonado Moçambique no passado domingo, depois de receber ordem de expulsão, segundo se julga por ter sido acusada de actividades contra a segurança do Estado.

A freira pertencia à Congregação Italiana das Filhas de São Paulo e encontrava-se em Moçambique desde Maio de 1970, acrescenta a agência noticiosa.

Portas do Sol — Restaurante

Participa à sua distinta clientela, que sexta-feira dia 22 do corrente mês, tem a sua sala reservada para um jantar de confraternização.

A GERÊNCIA

HERDADE

Vende-se, coutada, na Região de Évora, preço 10 700 contos. Sou o dono. Resposta por escrito ao Apartado 1147, Lisboa - 1

Teatro Maria Matos

HOJE às 21.45 horas «MORTE DE UM CAIXEIRO VIAJANTE» de Arthur Miller M/14 Bilhetes à venda Tel.: 717017 Matinée aos domingos às 16.00 h. 3.ª-feiras Descanso da Companhia

UM FILME EXTREMAMENTE VIOLENTO E PROFUNDAMENTE HUMANO.

Robert Mitchum / Peter Boyle



SELVA HUMANA

"the friends of Eddie Coyle"

UMA MAGISTRAL REALIZAÇÃO DE

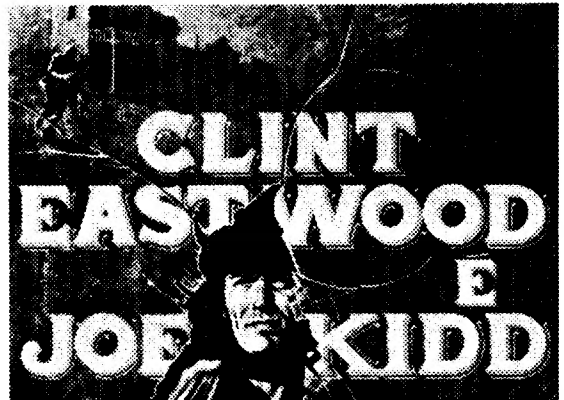
Peter Yates

TECHNICOLOR - GRUPO D 18 anos

AMANHÃ ESTREIA As 21.45

PATHE

Se procura sarilho ---



A CRISTA DO DIABO

Um filme de John Sturges

ROBERT DUVALL STELLA GARCIA JOHN SAXON · DON STROUD

TECHNICOLOR PANAVISION

AMANHÃ ESTREIA, às 21,45

ROXY

GRUPO C 14 anos

CURSO DE MASSAGISTA

Estão abertas, até ao fim do mês corrente, as inscrições para um curso de massagem manual, a iniciar em breve sob a direcção de Zélia Manuel, massagista especializada na Suíça. O curso (de frequência limitada e seleccionada) destina-se a criar uma equipa privada do instituto «Sauna Z» (Avenida Infante Santo, 361, 1.º Esq.º), onde as condições se encontram patentes, podendo também ser fornecidas pelo Telefone 676746.

De Faure da Rosa,

o autor de MASSACRE

(ed. Iniciativas Editoriais)

acaba de sair a 2.ª edição de

DE PROFUNDIS

(ed. Seara Nova)

SEARA NOVA

INICIATIVAS EDITORIAIS

DL/ESPECTÁCULOS

CRÍTICA DE CINEMA

LAURO ANTÔNIO

Mal vistos e mal achados

Título: NEM VISTO, NEM ACHADO (Now You See Him Now You Don't)
Realização: Robert Butler, 1973 (EUA)
Interpretes: Kurt Russell, Cesar Romero, Joe Flynn, Jim Backus, etc.
Distribuição: Sif
Estreia: Cinema Vox (15.3.1974)

Título: ROSAS VERMELHAS PARA O INIMIGO (Our Miss Fred)
Realização: Bob Kellett (Inglaterra)
Interpretes: Dannq La Rue, Alfred Marks, Lance Percival, etc.
Distribuição: Sonoro Filme
Estreia: Cinema Roxy (15.3.1974)
Título: E AGORA CHAMAM-LHE MAGNÍFICO (Man of the East)
Realização: E.G. Clucher, 1972 (Itália)
Interpretes: Terence Hill, Gregory Walcott, Harry Care, Dominic Barto, Yanti Somerset
Distribuição: Rank Filmes
Estreia: Cinema S. Jorge (14.3.1974)

Título: ATÉ MESMO OS ANJOS COMEM FEIJÕES (Even Angels Eat Beans)
Realização: E.G. Clucher 1973 (Itália)
Interpretes: Giuliano Gemma, Bk Spencer, Robert Middleton, Bill Vanders, etc.
Distribuição: Rivus

Estreia: Cinemas Avis e Politeama (14.3.1974)
Título: HELENA, A GREGA (Sin)
Realização: George Pan Cosmatos (Grécia)
Interpretes: Raquel Welch, Richard Johnson, Frank Wolff, etc.
Distribuição: Distribuidores Reunidos
Estreia: Cinema Monumental (14.3.1974)

Efectivamente o panorama cinematográfico em Lisboa é quase desastroso e se-lo-ia inteiramente, não fosse a presença em «ecrans» da capital de meia dúzia de títulos ainda assim indispensáveis. Por isso lhe dizemos que, se quiser ir ao cinema, não perca **O Convite**, de Claude Goretta (Londres), **Lágrimas e Suspiros**, de Ingmar Bergman (Apolo 70), **Cerimónia Solene**, de Oshima (Satélite), **A Influência dos Raios Gama no Comportamento das Margaridas**, de Paul Newman (Pathé), **Núpcias Vermelhas**, de Claude Chabrol (Tivoli) e, vamos lá, ainda pode ver **Projeção Privada**, de François Letterier (Castil) e o discutido **Jesus Cristo Superstar**, de Norman Jewisson (Berna). De resto, será talvez de referir a grande desilusão que é **Meus Amigos**, de Cunha Telles (Estúdio), filme integrado num «novo cinema português» que convida não ignorar, mesmo

que seja para melhor discutir o futuro provável deste movimento que a todos nós diz respeito.

Tudo o resto é coisa insignificante, a não justificar senão as duas ou três linhas do registo usual. O que fazemos:

Da lista que atrás compendiamos, unicamente um título poderá dar algum gozo, mesmo assim um tudo nada alvar: **ATE MESMO OS ANJOS COMEM FEIJÕES**, de E.G. Clucher, o mesmo de Trinitá, que renova a receita com um ambiente diferente. Em lugar do Oeste americano, Chicago, a mafia, a «pequena Itália», etc. Meia dúzia de piadas com graça, outra meia dúzia de gosto muito duvidoso, e o sucesso público.

Do mesmo Clucher, outro título em salas de estreia: **E AGORA CHAMAM-LHE MAGNÍFICO**, com Terence Hill, repisando de algum modo os títulos do **western spaghetti**, nomeadamente dos dois Trinitá. O

que o próprio programa do Cinema S. Jorge denuncia:

Terence Hill chama-se Tom, um rapaz elegante que nunca viu uma pistola e chega ao Oeste para herdar umas terras, após a morte do pai. Depois, é a sua transformação em pistoleiro temível. Tudo com as mesmas «doses» de «Trinitá» a mina de ouro descoberta pelos italianos que nunca irá concorrer a festivais mas faz acorrer multidões.

Inscrição que denuncia ainda uma outra realidade: a sábia divisão dos filmes em dois grandes grupos: «os que vão aos festivais» e «os que fazem acorrer multidões». Isto no espírito da «indústria», como é de calcular.

Continuando temos para oferecer mais um filme típico de estúdios Walt Disney: **NEM VISTO, NEA ACHADO**, hitorrieta edificante de um estudante que descobre a fórmula da invisibilidade. Evidentemente que

muitos **gansgters** se lançam na sua perseguição. E alguns oportunistas. Entre estes, os produtores da fita...

HELENA, A GREGA, de um grego ignorado (George Pan Cosmatos), procura ser uma adaptação moderna e livre de uma tragédia helénica, com Orestes e Hector disputando o amor de Helena. Helena é incarnada por Raquel Welch. O que será de esperar de uma tal incar-

nação? Muito pouco, a não ser um filme melodramático, esper-talhão, turístico-erótico, mas não muito...

Finalmente, uma comédia invulgarmente idiota, dos estúdios ingleses: **ROSAS VERMELHAS PARA O INIMIGO**, de Bob Kellett, com **travestis** e confusões habituais à série **com jeito val...** Quem foi que disse que o humor inglês era diferente?

Hermann Prey em São Carlos

A Temporada de Ópera e Concerto de 1974 do Teatro Nacional de S. Carlos prossegue hoje à noite, pelas 21 e 30, com a realização do 2.º concerto no qual se apresenta pela primeira vez no nosso país o barítono Hermann Prey que se- rá acompanhado pelo pianista Leonard Korkanson.

Hermann Prey, figura habitual dos grandes festivais mundiais e dos grandes teatros líricos, conhecido do nosso público apenas através das suas gravações e da sua inter-

pretação de Fígaro na ópera (**O Barbeiro de Sevilha**) transmitida há pouco pela R.T.P. actuará também no Porto.

No concerto de amanhã em S. Carlos Hermann Prey interpretará um programa de excep- cional categoria: «Uma Pequena Cantata Alemã. L. 619», de Mozart; «A Bem-Amada Ausente, op. 98», de Beethoven; «Quatro Canções Sérias, op. 121», de Brahms; «Três Baladas», de Loewe; e «Cinco Canções», de Strauss.

Concerto de Stotlar

Curtis Stotlar, pianista norte-americano, dará um concerto no Centro Cultural Americano, Av. Duque de Loulé, 22-B, amanhã pelas 18 e 30.

O concerto inclui obras de Guion, Gottschalk, Dello-Joi, Gershwin, Liszt e Khatchaturian.

Curtis totlar, nascido em St. Louis, 1945, começou muito novo a aprender piano e compôs a sua primeira obra aos catorze anos. Diplomado pela Eastman School of Music, obteve o grau de Mestre em piano da Juilliard School, onde estudou com Beveridge Webster. Foi professor de piano na Southern Illinois University e no Vassar College.

Na Europa, onde presente- mente reside, Stotlar tem conti- nuado a estudar piano junta- mente com Roberto Casadeus, Philippe Entremont e Nadia Boulanger.

Recebeu durante estes últi- mos dois anos uma bolsa de es- tudio da Harriet Hale Woolley atribuída a músicos da Fun- dação Norte-Americana da Universidade de Paris.

Stotlar já actuou em França e Espanha. Esta é a sua primei- ra apresentação em Portugal. Durante a sua estadia efectuará concertos em Lisboa, Porto, Aveiro, Matosinhos e Guimaraes.

Entrada por convites.

NOVOS DISCOS

LULU

Lulu, de cabelos arruivados e com uma cara salpicada de sardas, nasceu em Bridgeton, Glasgow, Escócia, e é a mais velha dum grupo de dois irmãos



e duas irmãs. Billy, seu irmão, está há muito metido no «show- biz» inglês tendo já trabalhado diversas vezes com Gary Osborn e Ringo Starr como co-compositor.

Quem não se lembra da pre- sença de Lulu na Eurovisão co- mo representante da Inglaterra, com a canção «Boom Bang-a-Bang»?

Começou a ser notada no pa- norama musical britânico quan- do há dez anos atrás (tinha nes- sa altura quinze) brilhou nas «charts», inicialmente com «Shout» e depois com «To Sir, With Love».

Votada como «Top Girl Sing- er», «Top Television Performer» e «Best Dressed Girl» na Grã-Bretanha, Lulu actuou já em toda a Europa, Nova Ze- lândia, Singapura, Hong Kong, E.U.A. e Canadá.

Depois de longo tempo sem gravar, após o seu casamento com um dos irmãos Gibb do célebre grupo «Bee Gees», Lulu encontrava-se cantarolando numa festa convidada por Mike Garson que nessa altura a acom- panhava ao piano. Entre as di- versas personalidades do mundo da música presentes encontra- va-se David Bowie, que depois de a ouvir cantar lhe disse: **Estou tão entusiasmado que gosta- va de escrever uma canção para ti!** Lulu respondeu-lhe: **Estu- pendo!** — e por aqui se ficou tudo até que Bowie, passados dias, lhe disse que tinha tudo pronto para fazer uma gra- vação.

O resultado foi «The man who sold the World». Na face B, outra composição de David Bowie: «Watch that man».

O SIBISA
do VIVO

domingo 24 às 16 h.
PAÇO D'ARCOS
Pavilhão dos Desportos

produção **nexus** m/10 anos visado p/DSE

DELON/SIGNORET

Num clima escaldante o confronto impiedoso de dois seres excepcionais!

ALMAS A NÚ

LES GRANGES BRULEES



UM FILME de JEAN CHAPOT

21.30
HOJE ESTREIA NO

IMPERIO
MUCMUCMUCMUC

RIVUS

colorido

GRUPO C (14 anos)

CURTA SÉRIE DE ESPECTÁCULOS

MAYER CINEMA (Antigo Terraço do Capitólio) Telef. 32 74 93

Três de Comédia

A Ilha dos Escravos e A Herança
de MARIVAUX

Grupo C-14 anos Esp. Sub. F. Guilbenkian
HOJE, AS 21.30 h.

UMA CRÍTICA AO "CANAL DA CRÍTICA"

Bragança tem e não tem cinema

Do nosso leitor Luís Amílcar de Almeida, natural de Bragança e residente em Lisboa, recebemos com o pedido de publicação uma carta que alude à crítica feita por Mário Castrim ao programa «25 Milhões de Portugueses» do passado dia 18, programa esse dedicado, como se sabe, àquela cidade transmontana. O principal ponto debatido (ou rebatido) pelo nosso leitor na referida carta, é o caso da controvérsia surgida naquele programa, sobre se Bragança tem ou não tem cinema e que o crítico do «DL» registou e comentou a seu modo. Eis o texto integral da resposta de Luís Amílcar de Almeida a Mário Castrim:

Para começar ao jeito do

meu contrerrâneo, eu direi que «se me é lícito opinar», opinarei, apresentando a V. Ex.ª uma crítica da crítica do «Canal da Crítica».

É claro que há muitas maneiras de se dizer a mesma coisa mas, se formos para o caminho de criticar todos os que usam uma forma mais ou menos afectada na sua expressão, temo que as colunas do vosso conceituado jornal não cheguem para todas as críticas a fazer.

De resto a crítica é fácil, mormente quando se apresenta uma crítica destrutiva, o que aliás é o caso, pois não houve a mais pequena coisa que estivesse certa. Tudo errado, tudo mau, e não sei se apenas o espectáculo é que teve baixo nível ou se também Bragança e os naturais daquela região estarão incluídos no derrotismo da crítica apresentada.

Não pretendo de forma alguma enaltecer o espectáculo, mas como natural de Bragança, eu senti-me ofendido e muito especialmente pelo facto de estar incluído no número daqueles que não sabem se Bragança tem ou não cinema, se esse cinema é ou não do tamanho de uma «caixa de fósforos», ou se a «bagunça» leva ao ponto de pensar que

os brigantinos vêm para aqui a mentir.

Há cerca de dois anos que Bragança não tem cinema porque a única casa de espectáculo que havia foi destruída por um incêndio. Entretanto construiu-se um novo edifício que comporta um hotel, restaurante e cinema mas que não sei se já funciona dada a morosidade que normalmente existe nestes trabalhos.

Sendo assim, não parece estranho que uns possam afirmar que Bragança não tem cinema e outros digam que Bragança tem um cinema, e todos falem verdade. O que me parece estranho, isso sim, é que se ponha em dúvida as afirmações que as pessoas fizeram e, mesmo vendo que elas são contraditórias, não se procure esclarecer convenientemente o assunto em vez de se levantar a suspeita de que existe falta de seriedade nas declarações prestadas.

De resto Bragança e a sua gente estão muito acima dessas dúvidas, e a atestá-lo está o grande número de brigantinos, alguns dos quais ocupam elevados cargos em vários sectores da vida nacional. Enume-

rá-los seria um trabalho ciclóptico e só realizável se se quisesse correr o risco de aceitar muitas omissões. O próprio Diário de Lisboa teve como director um brigantino.

Eu fui um dos que não conseguiram arranjar bilhete para ver o espectáculo no Maria Matos, e tive muita pena porque para mim isso tinha um significado muito especial, pois não era a arte que me levava lá... era o coração... era esse sentimento que os brigantinos não negam aos outros, mas que eles têm até às lágrimas... era a nostalgia daqueles que labutam longe das suas terras e que riem e choram de contentes ao mitigarem as saudades que os consomem. É talvez neste sentido que se devem tomar esses espectáculos dos «25 Milhões de Portugueses».

Na minha qualidade de brigantino, e sentindo-me como tal ofendido pela crítica apresentada pelo senhor Mário Castrim no Diário de Lisboa de 18 de Março de 1974 no «Canal da Crítica», sob o título «Bagunça em Bragança», eu venho apelar para o direito de resposta pedindo a publicação da presente carta.

COIMBRA

"O rosto" e colóquio sobre Bergman

O Clube de Cinema de Coimbra promove esta noite, pelas 21 e 30, no Centro de Recreio do Bairro Marechal Carmona, uma sessão em que será projectado o filme «O rosto» de Ingmar Bergman.

Aquela centro leva a efeito no próximo domingo, pelas 15

e 30, um colóquio em que será analisada a obra de Bergman a partir dos filmes «Persona», «O rosto» e «Lágrimas e Suspiros». O debate, que decorre na sede da União dos Grémios dos Lojistas, deverá ser orientado pelo dr. Orlando de Carvalho.

HOJE NO TIVOLI

Maria João Pires

No Cinema Tivoli, às 18 e 30, actua a Orquestra Gulbenkian dirigida pelo maestro Michel Tabachnik e com a participação da pianista Maria João Pires.

Programa:

«Concerto Brandeburguês n.º 4» (Bach), «Concerto para piano e orquestra, opus 54» (Schumann), «Sinfonia 21» (Webern) e «Sinfonia 104» (Haydn).



Já tem vinte anos a
REGISCONTA

...aquela máquina!



Vinte anos, para um Homem, é juventude e dinamismo. Para uma Empresa, é maturidade e experiência. Nós temos 20 anos. Oferecemos-lhe a maturidade da nossa experiência e a juventude e dinamismo do Homem da Regisconta.



LISBOA / PORTO / COIMBRA / FARO / LEIRIA

CASINO ESTORIL

SLOT MACHINES - SALA DE JOGOS
ACESSO LIVRE A MAIORES DE 21 ANOS * TODOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS

MARTINE CLEMENCEAU
REPRESENTANTE DA FRANÇA NO EUROFESTIVAL 1973

JOE WALOYS
ET LIBERU
ILLUSÃO E MAGIA

LIDIA RIBEIRO com RAUL SILVA e NOBRE COSTA

LES BALLETS DE JEAN GUELLIS
FERREIR TRINDADE e sua Orquestra
M.S. AFFAIR ORPHEUS QUARTET

BAMBI BROWN
NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23.30 H.
Grupo C Maiores de 14 anos
NO WONDER BAR A 10 H. Maiores de 21 anos

PATXI ANDION



COLISEU dos RECREIOS

SÁBADO 23
22 horas

MARIA Y FEDERICO
1.ª parte
Grupo - C
14 anos



FABRICO PRÓPRIO

DE MESAS EM METAL E ACRÍLICO

RUA CASTILHO, 201-B LISBOA

DI/NACIONAL

Eleições no "1º Acto"

Devido à extraordinária afluência de público ao espectáculo «O Celeiro do Império» do Grupo de Teatro do «Primeiro Acto», de Algés, realiza-se uma nova sessão, no próximo sábado, dia 23, às 22 horas, na sede do Clube, Rua Eduardo Augusto Pedrosa, 16-A. Será a décima sexta apresentação daquela criação colectiva coordenada por Jorge Listopad.

Entretanto, está marcada para amanhã dia 22, às 20 e 30 em primeira convocação, a Assembleia Geral do Clube de cuja ordem dos trabalhos consta a discussão e votação do Relatório e Contas da Direcção e o parecer da Comissão «ad hoc» Revisora de Contas, assim como a eleição de corpos gerentes para o triénio de 1974/76.

Revitalização na vida cultural do Orfeão Universitário do Porto

PORTO — Um trabalho aturado de valorização dos seus naipes está a ser levado a cabo no Orfeão Universitário do Porto, pelo professor Mário Mateus que, ao fim de seis meses de intensa actividade, motivou uma alteração radical do grupo coral. Isto foi dito aos

representantes dos Órgãos de Informação no decorrer de uma conversa informal, na sede daquele organismo, pelos corpos gerentes do O.U.P. Na sequência dessa conversa, o presidente da direcção, Agostinho Baldaia Moreira, divulgou a linha de acção traçada para o corrente ano artístico. Após dizer que o Orfeão integra actualmente 110 elementos que tomam parte activa nas suas várias secções adiantou que a acção do O.U.P. se divide numa actividade interna e outra externa. Explicando: Internamente, possui o O.U.P. um grupo coral constituído por 70 elementos, sendo regido pelo professor Mário Mateus. O programa escolhido pretende traçar a linha evolutiva da música coral «A Capella», através da música europeia do Renascimento ao Séc. XX, abordando os pontos fundamentais da arte do canto coral, com especial incidência sobre obras de autores portugueses. Como complemento desta secção e como segundo fulcro principal da sua actividade interna, criou este ano grupos de etnografia (núcleos de estudo), os quais se dedicam, além da recolha de textos predominantemente populares, ao aprofundamento dos conhecimentos já adquiridos integrando-os numa acção de consciencialização de to-

dos os movimentos expressivos que concernam o folclore português.

Continuando a sua explicação, o presidente do O.U.P., disse: Possuímos, também, além de outros grupos artísticos, outras secções, das quais salientamos a de fotografia, luz, câmbio e convívio que complementam as já referidas, integram os nossos propósitos de autovalorização.

ACTIVIDADES EXTERNAS

Prosseguindo, aquele estudante, declarou: Entre as actividades externas, tendo em vista dar a conhecer o trabalho interno de criação artística acima referido, junto dum público dos mais diversos níveis, destacamos a promoção de concertos, quer corais, quer juntamente com a parte de variedades, de iniciativa própria ou que nos sejam solicitados.

Nesta ordem de ideias citamos um concerto-coral efectuada em Dezembro último na igreja do Mosteiro de S. Bento da Vitória oferecido à população portuense.

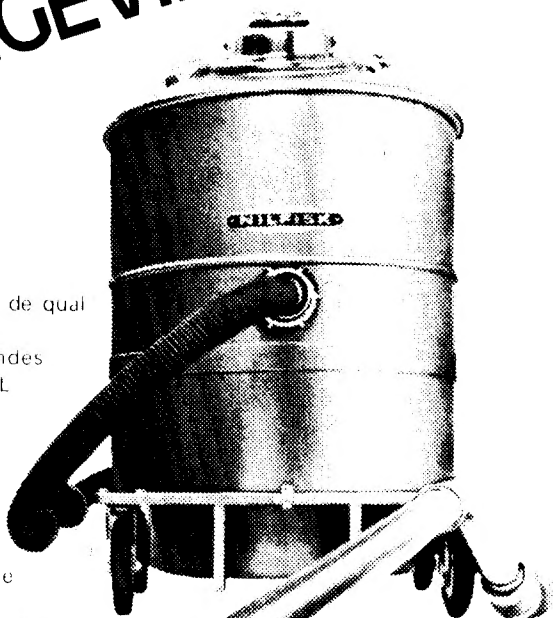
Porém, numa abertura mais ampla da divulgação da arte musical, tencionamos levar a efeito séries de concertos, colóquios e conferências por figuras relevantes do meio artístico português.

Dentro deste último propósito, os jornalistas foram informados de que no dia 22 do corrente haverá um concerto com entrada livre, no Ateneu Comercial do Porto, com o compositor Fernando Lopes Graça e o mezzo-soprano dr.ª Dulce Cabrita.

João de Freitas Branco e Michel Giacometti são outras figuras que, de momento, foram convidadas para dar prosseguimento às iniciativas do O.U.P., que tem ainda em mente dar vários concertos-ensaios nas diferentes escolas de ensino para levar a música junto das camadas jovens.

NILFISK

GUARDA O SEGREDO
DA LONGEVIDADE



NILFISK

UM MUNDO DE SOLUÇÕES

A duração e a eficácia são atributos de qual quer dos seus modelos. Para a limpeza de médias e grandes superfícies — NILFISK INDUSTRIAL. Com o seu elevado poder de aspiração e os seus diversos acessórios, ele limpa cantos e recantos geralmente inacessíveis. Torna-se assim, pela eficiência e economia que representa, no mais rentável aspirador de média e grande potência. NILFISK INDUSTRIAL duramente comprovado em fábricas, armazéns, garagens, oficinas, hotéis, hospitais, cinemas, igrejas, etc.

NILFISK — ASPIRADORES INDUSTRIAIS E DOMÉSTICOS, LDA.

LISBOA — Rua Félix Correia, 8 — Tels. 78 83 31/78 99 55

PORTO — Rua da Constituição, 2371 — Tel. 69 34 23

MARCA A

STEPHANIE—SHOES PORTUGAL

NUM AMBIENTE DE LUXO REQUINTADO,
APRESENTAREMOS BREVEMENTE AS NOSSAS
COLECÇÕES DE SAPATOS, EXECUTADOS POR
UM DOS MELHORES MODELISTAS EUROPEUS

GOSTO—QUALIDADE—E PREÇOS CONVIDATIVOS

2 a 16 — RUA ANTÓNIO PEREIRA CARRILHO, (Junto à Praça do Chile)

"Diário de Lisboa"

Fizeram ultimamente transcrições do «Diário de Lisboa» ou referiram-se ao nosso jornal os prezados colegas «Independência d'Agueda», «Diário do Ribatejo», «Linhas de Elvas», «Diário do Sul», «Ecos de Belém», «Jornal de Santo Tirso», «Jornal do Mar» e «Diário de Coimbra», entre outros.



Um homem não deixa nada ao acaso. Ele quer Rodolphe Deville para a sua toilette diária.

Excepcional. Viril.

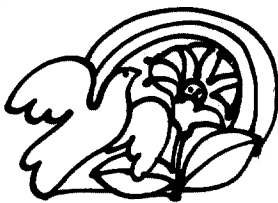


Men's Line

Rodolphe Deville

Distribuidores: COLIM Soc. Cosmético-Farmacêutica, Lda Rua da Alegria, 181 PORTO

EXTRA



Primavera Philips

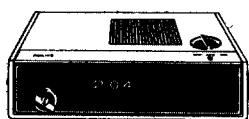


tempo de verdades práticas

Quando os troncos das árvores fervem por dentro e a «fervura» salta cá para fora em borbotos que são folhinhas verdes — é a Primavera. Quando as aves «fervem» por razões biológicas e chilreiam de atrevimento — vêm aí os ninhos e é a Primavera. É um tempo de coisas que nascem. Altura de reformar o lar — o ninho — em termos de mais comodidade, mais conforto, mais alegria. É portanto um tempo Philips. Com Philips lá em casa, terá mais tempo para viver a Primavera e chilrear livremente.



Vera e João Pedro estão casados há 8 anos. São um casal unido e feliz, que luta pelo presente e acredita no futuro. Quantos apatelhos PHILIPS têm Vera e João Pedro no seu lar? Mais de 15. Fora as lâmpadas, claro! A saber: Gravador, Rádio-Relógio, Auto-Rádio, Rádio-Gravador, Hi-Fi, Televisão, Espremedor de Citrinos, Máquina de Café, Batedeira, Ferro de Engomar, Máquina de Lavar Roupa, Fogão, Frigorífico, Torradeira, Aspirador, Philishave, etc.



RADIO-RELOGIO RS 204

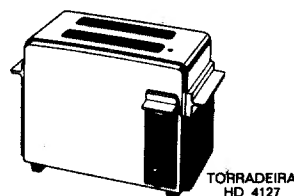
15 aparelhos PHILIPS, anh!? Estamos a ver o João Pedro começar a sua Primavera diária, barbeando-se com uma Philishave. Antes, ele e Vera haviam acordado com música. A música do Rádio-relógio PHILIPS, o despertar mais alegre que se conhece...



PHILISHAVE HP 1118



MAQUINA DE CAFE HD 5105



TORRADEIRA HD 4127



ESPREDADOR DE CITRINOS HD 2201

Depois da barba feita (bem feita) com a Philishave, João Pedro toma o seu sumo de laranja. Sumo que Vera preparou num instante, para ele e para os miúdos, num espremedor de citrinos PHILIPS.



NOTA: A laranja e o limão são frutos de Inverno com sabor a Primavera. Têm vitamina C aos litros. Com o espremedor PHILIPS, nem uma gota se perde do sabor a Primavera, nem de vitamina C.

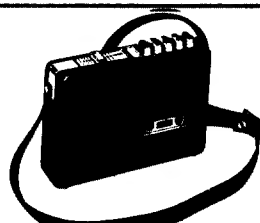


AUTO-RADIO RN 531

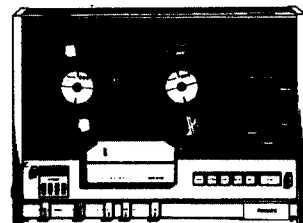


Já no carro, liga o Auto-Rádio PHILIPS, com leitor de cassettes. Apetece-lhe ouvir a «Sagração da Primavera» de Strawinsky. É uma música cheia de coisas a nascer. Como o jardim, lá fora.

Anualmente se renova o "milagre da Primavera".
Diariamente, se renovam os milagres da Técnica PHILIPS

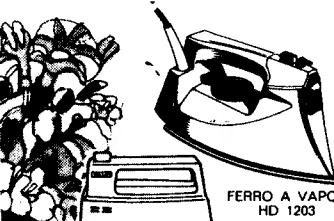


GRAVADOR DE CASSETES N 2211

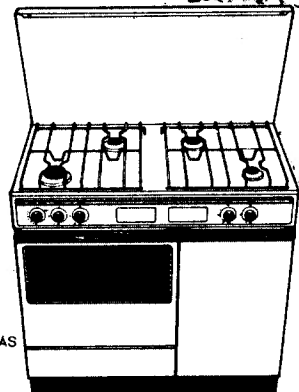


GRAVADOR DE BOBINAS N 4418

— Como resolve Vera os problemas do seu dia-a-dia de dona-de-casa empregada?
— Muito simplesmente: com PHILIPS. Lavar a roupa, quase nem penso nisso.
— Passar a ferro... é simples, rápido, eficiente, com o ferro a vapor PHILIPS.

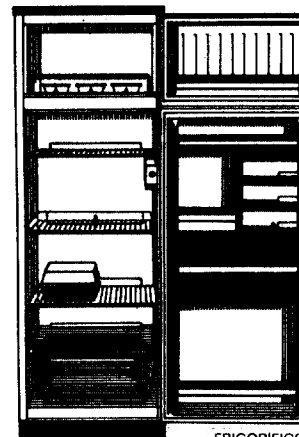


FERRO A VAPOR HD 1203

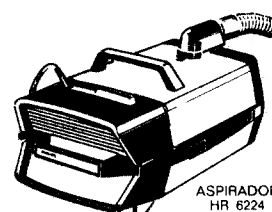


FOGÃO A GAS AAA 227

CONJUNTO BATEDOR HR 1171



FRIGORIFICO AAB 012

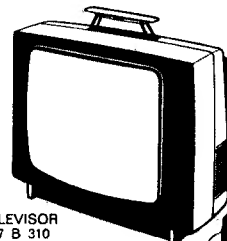


ASPIRADOR HR 6224

— Além de outros pequenos electrodomésticos de grande utilidade. Tudo PHILIPS. Tudo ótimo. Com Philips lá em casa — a vida doméstica é um mar de rosas. Parece uma frase publicitária, não parece?



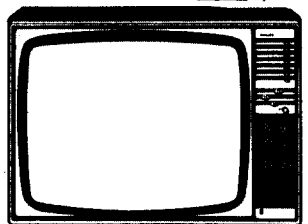
MAQUINA DE LAVAR AAC 914



TELEVISOR 17 B 310



TELEVISOR 24 B 350



À noite, ao serão, um pouco de TV. Aqueles programas favoritos, que parecem melhores ainda graças à qualidade excepcional da imagem e do som.

— Pois parece. Mas atribuímos as rosas à Primavera que cerca o lar de Vera e João Pedro. A música há muito que deixou de ser privilégio de alguns. Todos podemos ter em casa a melhor música. Em discos, em cassettes. Ou gravada por nós próprios.



SINTONIZADOR AMPLIFICADOR RH 901

Vera, João Pedro e todos lá em casa têm uma Primavera mais agradável com PHILIPS. Faça como eles.

PHILIPS · faz parte da sua vida

DL/GERAL

A Sé de Leiria está fora da inflação?

«A Sé Catedral de Leiria completa este ano 400 anos de abertura ao culto divino» — informa uma circular mandada distribuir aos paroquianos pelo rev. Jacinto de Sousa Gil.

Até aqui está tudo muito bem. Só que... Bem, só que entre 1968/69 se realizaram «vultosas obras de restauro, gastando-se 3.699 contos, dos quais há ainda que pagar 2.385 contos, a agravar com os arranjos que ainda falta completar.»

Mas o rev. Sousa Gil tem resposta para esta pergunta. Com efeito, lê-se assim na circular: «Como certamente não é possível dispor de tal quantia, de uma só vez, poderão (os paroquianos) entregá-la em prestações ou assinar cheques ou vales com datas posteriores a fim de serem cobrados mais tarde.»

Lembra o pároco depois que estamos na Quaresma, tempo de penitência, e lança a seguinte palavra de

ordem: **Jejuar para repartir será a palavra para todos nesta quadra.**

Homem de senso prático, o rev. Jacinto de Sousa Gil acaba por aconselhar que «o envelope com a vossa oferta poderá ser entregue no Ofertório da Missa do 4.º Domingo da Quaresma, dia 24, ou directamente no Cartório da Sé.»

E termina o apelo do seguinte modo:

«Idêntico pedido dirige a todas as empresas e ao comércio leiriense bem como a todos os irmãos não católicos ou não praticantes, lembrando-lhes a solidariedade com todos os leirienses na preservação dos seus monumentos e na beleza e brio da nossa cidade.»

Não se dando por vencido (e por aqui nos ficamos) pergunta o nosso leitor:

«Se a Sé é um momento, como diz a circular, porque não pedir auxílio aos Monumentos Nacionais?»

MISSÃO COMERCIAL DA RODÉSIA

Encontra-se em Lisboa o sr. Edward Graham Bailey que vem substituir, no cargo de representante superior da Missão Comercial da Rodésia o sr. W. Humphries que regressou a Sa-

lisburia.

O novo representante desempenhou em Joanesburgo, de 1968 a 1970, as funções de representante comercial da Rodésia.

TERRENO COMPRA-SE CONCELHO DE LISBOA

Para construção c/ o mínimo de 19 ms. de largura e 56 ms. de comprimento e de preferência autorizado para edifício até 8 andares. Resposta a este jornal ao n.º 1050 indicando área certa, localização, preço e outros detalhes.

O relatório de 1973 do Banco Borges & Irmão explica objectivamente o "peso" dos factores conjunturais na economia portuguesa

A concessão de crédito pelo Banco Borges & Irmão, durante o ano passado, registou um aumento substancial em relação ao ano anterior, e pautou-se pela observância das normas de selectividade, directa ou indirectamente definidas pelas autoridades monetárias, e por uma particular atenção ao financiamento do investimento produtivo, segundo destaca o relatório do conselho de administração referente ao exercício findo, o qual será apreciado em assembleia geral ordinária no próximo dia 30. Vários foram os projectos que mereceram apoio financeiro, o qual atinge, já, uma apreciável representatividade no total do crédito concedido pelo Banco.

Ressalta, aliás, do relatório a impressão de que só não foi mais além do equilíbrio de actuação por ainda não se ter concretizado a intenção superiormente manifestada de melhorar os esquemas de funcionamento do crédito a médio prazo, bem como o mecanismo de apoio do banco central, de modo a torná-lo mais exequível e eficiente e a permitir atribuir

menor peso ao risco de liquidez, que nele assume particular relevância.

Por outro lado, mantiveram-se ao longo de 1973 — e denunciavam, mesmo, tendência para se agravarem — as desfavoráveis condições de exploração da banca comercial, só atenuadas pela meritória acção das Comissões existentes a nível corporativo e pelo contributo positivo das operações ligadas ao comércio externo.

A preocupação de compatibilizar uma gestão tendente a limitar as pressões inflacionistas com o objectivo de alcançar uma rentabilidade para os capitais próprios dominou o exercício transacto, dada a dificuldade de atingir o equilíbrio, em face da subida constante dos custos de funcionamento — implicando uma melhoria dos índices de produtividade, impossível de atingir sem um elevado grau de utilização dos fundos que afluem ao Banco.

Assinala-se que, no final do ano, as disponibilidades de caixa ascendiam a 4286 mil contos, situando-se a margem de solvabilidade do Banco (definida pelo excedente do activo

disponível e realizável sobre o passivo exigível) em 1216 mil contos, o que revela uma equilibrada situação financeira.

A CONJUNTURA NACIONAL PERANTE OS CONDICIONALISMOS INTERNACIONAIS

O relatório aprecia a evolução da conjuntura nacional, enquadrada num condicionalismo internacional marcado pela crise energética, pelo agravamento da inflação e por perspectivas de abrandamento sensível do ritmo de crescimento.

No nosso país, o ano findo evoluiu favoravelmente quanto à indústria e ao turismo, não tendo sido possível, no entanto, escapar ao clima inflacionista internacional que veio agravar a pressão altista derivada de conhecidos factores internos. O número de novas sociedades continuou a aumentar a bom ritmo, tendo predominado, no mercado primário de títulos, as emissões de valores industriais.

Constituiu factor relevante de dinamização da conjuntura nacional a procura externa. O rápido crescimento das expor-

tações permitiu uma certa atenuação do défice da balança comercial metropolitana. Quase metade destas exportações tiveram como destino o Mercado Comum, absorvendo a E.F.T.A. cerca de 14 por cento do total exportado entre Janeiro e Outubro (ao invés dos quase tradicionais 50 por cento) e o Ultramar 15 por cento.

De notar, como evidência o relatório do Banco Borges & Irmão, que se registou uma inversão da tendência recente no comércio com o Ultramar: nos primeiros dez meses de 1973 não só as vendas para o Ultramar aumentaram cerca de 1300 mil contos em relação ao período homólogo de 1972, como diminuíram as importações dele provenientes. A evolução foi particularmente notória no caso de Angola, território com o qual a Metrópole viu reduzido o seu défice comercial, em Outubro, de quase dois milhões para mais de trezentos mil contos.

Extinção e integração de instituições de assistência

Foi mandada extinguir de direito a Casa de Trabalho de Nossa Senhora da Conceição, de Elvas, revertendo todos os seus bens e valores para a Santa Casa da Misericórdia da mesma cidade.

Paralelamente, foram mandadas integrar de direito as seguintes instituições: a Santa Casa da Misericórdia de Taboasa do Carregal na Santa Casa da Misericórdia de Sernancelhe; a Sopa dos Pobres de Alvíto na Santa Casa da Misericórdia da mesma vila; o Património dos Pobres da Freguesia da Amora no Centro de Assistência Paroquial da mesma freguesia.

Concurso fotográfico em Beja

A Comissão de Turismo de Beja leva a efeito, no dia 19 de Maio, nesta cidade, a IV Exposição de Arte Fotográfica, certame destinado a amadores e profissionais portugueses e estrangeiros.

Os trabalhos apresentados a concurso (quatro, no máximo, por concorrente) deverão ser entregues naquela comissão até 29 de Abril, juntamente com a quantia de 50 escudos, correspondentes à taxa de inscrição.

O formato mínimo das fotografias deverá ser de 30x40 cm (a preto e branco) e 18x24 cm (a cores). Estas deverão ter escritas, no verso, o pseudónimo do autor, o número e o título da obra. Para tema — livre e regional — são dados quatro prémios e oito menções honrosas, a dividir pelas duas modalidades. A Comissão de Turismo editou já os boletins de inscrição e o regulamento de prova.

MERCADO DO BARREIRO

Foi aberto segundo concurso na Câmara Municipal do Barreiro para adjudicação da empreitada referente à transfe-

rência do mercado provisório da Rua do Professor Joaquim Vicente França para a Praceta da Quinta Grande.

ENSINO LICEAL

LIÇÕES INDIVIDUAIS

CEPELT

Rua Tomás Ribeiro, 47
Rua D. Estefânia, 48
Telef. 4 29 59 — Lisboa

LABORATÓRIOS DE FÍSICA, QUÍMICA E CIÊNCIAS NATURAIS

UM OVO MÁGICO
PARA AS SUAS FÉRIAS DA PÁSCOA
VIAGENS ESPECIAIS "APOLO"

EM AUTOCARRO TORREMOLINOS desde 2.440\$00	EM AVIÃO MAIORCA desde 2.450\$00
viagens apolo	LONDRES desde 2.730\$00

UMA GARANTIA PARA QUEM EXIGE QUALIDADE

Consulte o seu agente de viagens

"Não estamos em tempo de atitudes dúbias"

-afirmou o Governador de Moçambique

LOURENÇO MARQUES, 21 (L.) — O governador-geral de Moçambique, eng. Pimentel dos Santos, ao presidir ontem de manhã à sessão de abertura dos trabalhos das associações económicas, definiu com linear clareza, a situação política, económica, social e militar daquele Estado, analisando, ponto por ponto, as razões fundamentais e a evolução através dos tempos até ao sólido e confiante momento actual, cujas dificuldades serão totalmente superadas pela vontade inabalável dos portugueses em continuarem no firme caminho traçado pelos seus maiores, a despeito do que — conforme afirmou — «Não se poderá esconder ou ignorar que 1974 se apresenta como um ano de crise, até certo ponto mais grave do que seria lícito esperar. Crise à escala universal, com a perigosa oscilação das estruturas políticas, sociais e económicas do Ocidente, perante a gulososa expectativa do mundo comunista».

«NÃO ESTAMOS SÓS»

Ainda dentro de considerações prévias, o eng. Pimentel dos Santos sublinhou que a situação geral de Moçambique pode definir-se por um ritmo de progresso social satisfatório, e noutro passo afirmou: «Não estamos em tempo de complacências, de meias-palavras ou atitudes dúbias, antes temos de nos entender sobre as razões das dificuldades que se nos apresentam para afastar as que são apenas imaginárias e combater com energia e determinação as que são reais e têm de ser eliminadas».

Entretanto, seguidamente, num capítulo que definiu como «alguns parâmetros políticos», o governador-geral frisou que «contrariamente ao que alguns pretendem fazer crer, não estamos sós. Os nossos recursos próprios são bem mais importantes do que se diz. Não será por falta de suporte financeiro, de armas ou de homens que perderemos a guerra». E acrescentou que o apoio militar contínuo com o mesmo vigor de sempre.

«FÓRMULA POLÍTICA SUFICIENTEMENTE RÍGIDA»

Reportou-se, depois, às im-

portantes consequências do apoio financeiro anunciado há dias pelo Presidente do Conselho e que é o maior de sempre — três milhões e meio de contos.

Noutro altura desta sua importante comunicação, o eng. Pimentel dos Santos disse: «Encontram-nos perante uma fórmula política suficientemente rígida para impedir a desintegração e consequente destruição da Nação Portuguesa».

Noutro capítulo em que se referiu aos reflexos do terrorismo, o governador-geral frisou que, mais tranquilizados os espíritos e dominadas as vagas sucessivas de boatos que criam atmosferas de pânico, a vida retoma o seu curso normal, com maiores riscos e uma vigilância mais apertada e efectiva.

Nesta clara exposição, o eng. Pimentel dos Santos abordou, também, o fenómeno mundial da inflação, suas incidências em Moçambique, as medidas de combate tomadas nos campos financeiro, monetário e económico e o agravamento consequente da crise do petróleo e seu derivados.

Outro ponto que referiu, com largueza, foi o dos problemas cambiais apresentando elucidativos números sobre a balança de pagamentos de Moçambique, destacando que «segundo boas probabilidades se iniciou em 1973 a viragem da economia».

Referiu-se, em seguida, aos objectivos fundamentais de uma política económica coerente, salientando o sector agro-pecuário como o «grande motor» de desenvolvimento e que tem sido espectacular o armamento industrial em curso, sem esquecer outro sector em expansão acelerada, o das pescas.

Depois de apresentar alguns expressivos dados financeiros, o eng. Pimentel dos Santos, a concluir, declarou: «Por mais que me detenha na apreciação dos factos e dos homens, não descortino razões para descer desse destino e desse progresso. O ponto é que todos se entendam, dêem as mãos e, juntos, contribuam para a eliminação dos erros e imperfeições, com lealdade, boa-fé e espírito de bem servir. Não tenho dúvidas que assim sucederá».

O dr. Sá Machado no conselho de administração da SONAP representando a Gulbenkian

Chegaram a bom termo as negociações entre a Fundação Calouste Gulbenkian e a Companhia Francesa para a cedência da posição desta na Sonap.

Como referiu o Dr. Azeredo Perdigão, no acto da posse do Dr. Vitor Sá Machado, como Administrador da Sonap, «a presença da Fundação Calouste Gulbenkian, no quadro dos corpos gerentes da Sonap, não é um facto simples; é, antes, um facto com um significado muito particular. É mais do que um simples investimento de capitais. A finalidade é mais larga, mais importante, pois é uma finalidade verdadeiramente de interesse nacional».

Com efeito, a partir de agora todos os capitais da Sonap são portugueses, o que, inegavelmente, reveste o maior interesse para a economia e para o trabalho nacionais.

Ao acto, a que assistiu o presidente da mesa da assembleia geral, Dr. Virgílio Baião, estiveram também, presentes os Srs. Manuel Bulhosa e o Eng.º Albano Homem de Melo, do Conselho Geral da Sonap, Dr. Azeredo Perdigão e Professor Doutor Ferrer Correia, do Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian, Professor Doutor Antunes Varela, Drs. Castro Caldas, Armando Rocha e Vieira d'Almeida, Eng.ºs Fernando Mendes e Pires de Miranda, do Conselho de Administração da Sonap, Professor Doutor Sousa Franco e Eng.º Henrique Cabrita, administradores da Companhia Nacional de Petroquímica, Drs. António Fezas Vital e Luís Forjaz Trigueiros, do Conselho Fiscal da Sonap, e todos os empregados superiores da Sonap.

Lido o auto de posse, pelo Secretário-Geral da Sonap, o Dr. Vitor Sá Machado firmou-o.

Usou, então, da palavra, o Dr. Virgílio Baião para saudar o empossado, recordar a figura de Calouste Gulbenkian e enaltecer as qualidades profissionais e morais do Dr. Azeredo Perdigão.

Em seguida o Sr. Manuel Bulhosa proferiu algumas palavras para, em nome do Conselho Geral, dar as boas vindas ao Dr. Sá Machado e, nele, saudar a instituição de que faz parte, desejando-lhe as maiores felicidades pessoais no de-



O prof. doutor Antunes Varela no uso da palavra

sempenho das novas funções, garantindo-lhe a mais franca, sincera e leal colaboração dos seus pares. Saudou depois o Dr. Azeredo Perdigão e o Professor Doutor Ferrer Correia.

Falou, depois, o Professor Doutor J. Antunes Varela, como presidente do Conselho de Administração, o qual, historicando a modificação operada na estrutura jurídica da Sociedade, durante o último exercício, aludiu ao ingresso do Estado e da CUF na Sonap.

Após salientar que tem a Sonap cumprido, escrupulosamente, as suas obrigações e as responsabilidades assumidas nos instrumentos jurídicos que precederam a adjudicação definitiva da concessão da Refinaria do Sul e do correlativo complexo petroquímico de Sines, afirmou que o acto a que se assiste marca o termo oficial da colaboração, da C.F.P., com a Sonap, colaboração, a todos os títulos, valiosíssima e que não seria de mais realçar.

Manifestou, em seguida, o seu regozijo pelo ingresso da Fundação Gulbenkian no conselho de administração da Sonap, prestando calorosa homenagem à contribuição valiosa que a Fundação tem prestado à causa da educação e da cul-

tura do povo português, e destacando o papel preponderante que o seu Presidente teve, quer na criação da Fundação, quer na criação da Fundação, quer na orientação superior da sua actividade.

Congratulando-se com a entrada do novo accionista e a sua participação na administração da empresa, teceu judiciosas considerações quanto à actividade futura da Sonap como companhia distribuidora, quer no que respeita à fixação dos seus direitos do mercado, quer na ampliação da sua rede distribuidora, quer na aquisição de crudes e produtos refinados, quer finalmente na gestão das suas participações financeiras (na refinaria de Sines, na Companhia Nacional de Petroquímica e na prospecção petrolífera).

A terminar, o Professor Doutor Antunes Varela congratulou-se com a escolha do Dr. Sá Machado, já administrador da Fundação, para administrador da Sonap, considerando a sua designação como uma significativa prova de atenção para com a Sociedade em que ia colaborar e enaltecendo os méritos excepcionais do que foi estudante distinto e laureado, e funcionário dedicado e exemplar, administrador probo e consciencioso, homem de espírito jovem e aberto: «Todos estes predicados permitem augurar os melhores resultados da sua preciosa colaboração, nos quadros directivos da Sonap».

Usando, depois, da palavra disse o Dr. Sá Machado:

«Ao tomar posse do lugar de administrador da Sonap, lugar que ocupo não por direito próprio ou mérito pessoal, mas em representação da Fundação Calouste Gulbenkian, cumpre-me agradecer a V. Ex.ª, Senhor Presidente do Conselho Geral, o honroso convite que nesse sentido V. Ex.ª, houve por bem endereçar à Fundação e a V. Ex.ª, Senhor Presidente do Conselho de Administração, as boas e amigas palavras com que me distinguiu-nos, à Fundação e a mim próprio. Sinto-me particularmente

honrado por assumir estas novas funções; honra e gosto que têm a ver com a grandeza desta instituição de importância excepcional no contexto económico português, e com a qualidade das pessoas que a criaram e a servem. De entre estas, seja-me permitido destacar o Sr. Manuel Bulhosa, personalidade invulgar, rica dos talentos que lhe conferem a enorme envergadura que projecta no mundo da economia e da alta finança, e o Sr. Professor Doutor J. M. Antunes Varela, meu mestre de Coimbra, Jurista eminente, a quem a moderna ciência jurídica portuguesa fica devendo algumas das suas mais relevantes criações.

A V. Ex.ªs, Senhores Administradores, meus colegas, os meus cumprimentos muito cordiais e a afirmação do propósito de uma colaboração leal e aberta».

Usou, então, da palavra o Dr. Azeredo Perdigão, o qual agradeceu as palavras que lhe haviam sido dirigidas, saudando, por sua vez, os Srs. Dr. Virgílio Baião, Manuel Bulhosa, Professores Doutores Antunes Varela e Ferrer Correia e o Dr. Sá Machado.

As suas palavras foram especialmente de esperança e fé no futuro da Sonap que, disse, será também o futuro do contexto económico português.

No final, o novo administrador foi cumprimentado por todos os presentes.

QUEM É O NOVO ADMINISTRADOR

O Dr. Vitor António Augusto Nunes de Sá Machado nasceu em Angola, e conta 40 anos de idade.

Licenciado em Direito, com distinção, em 1957, pela Universidade de Coimbra, obteve, al, e também com distinção, licenciatura em Ciências Histórico-Jurídicas.

Director Adjunto do Serviço de Educação, da Fundação Gulbenkian, em 1960, foi, de 1962 a 1965, Adjunto do Serviço da Presidência, tendo, nesse último ano, ascendido a Director do Serviço do Ultramar. É Administrador da mesma Fundação desde 1969.

ARTES PLÁSTICAS

SEVERO PORTELA NO PALÁCIO FOZ

Hoje, às 21 horas, é inaugurada numa das salas de exposições do Palácio Foz uma mostra de 70 quadros do artista plástico Severo Portela. Nela estarão patentes obras de épocas várias destes últimos quarenta anos e por elas se pode aquilatar das contingências que influíram a vida artística do autor. Inicialmente apenas escultor, Severo Portela resolveu um dia dedicar-se também à pintura. Mas não quis (a sua sensibilidade não lho permitia) acompanhar os movimentos então chamados vanguardistas. Como escreve o arquitecto

Eugénio Corrêa, Portela «entendeu que a Arte era a mais alta expressão da pessoa humana e das suas experiências, e que Maíes e Caldeus são tão actuais como os mais modernos de hoje». De aí o reacção de reaccionarismo da obra deste artista. Que pela certa levará ao Palácio Foz muita gente para apreciar os seus quadros.

VASARELY NA QUADRUM

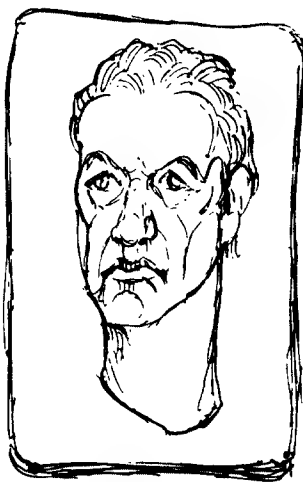
A Galeria Quadrum inaugura hoje uma exposição de obras de Vasarely, as quais serão mostradas posteriormente na Galeria Campo Alegre, do Porto.

Vasarely é um dos nomes mais importantes da pintura moderna europeia, na qual

tem já lugar como um dos grandes impulsionadores da corrente «pop». A sua obra é mostrada pela primeira vez em Portugal e serão apresentados quatro grandes telas a óleo, uma pintura sobre madeira e catorze serigrafias e três múltiplos, peças estas bastante representativas que asseguram o renome do pintor.

GRAVURA BRITÂNICA NA JUDITE DA CRUZ

Pelas 22 horas de hoje será inaugurada na Galeria Judite da Cruz uma exposição de gravura britânica, que inclui trabalhos de David Hockney, Patrick Procktor e Peter Blake.



DI/ESTRANGEIRO

PAULO VI:

"ESSE GRANDE MAL QUE É A GUERRA"

CIDADE DO VATICANO, 21 (ANI) — O Papa Paulo VI incitou árabes e israelitas a por termo ao "grande mal, a guerra" e procurar obter a paz através da justiça e da compreensão.

Dirigindo-se aos parentes dos soldados israelitas capturados pelos sírios que vieram pedir-lhe para interceder por eles, o Papa disse que os passos certos são a troca de prisioneiros e solução de outros problemas humanitários.

"Queremos exprimir uma vez mais os nossos sentimentos de reprobção por esse grande mal que é a guerra, e a nossa ardente aspiração de que as causas que a apoiam possam ser solucionadas num espírito de justiça, compreensão e reconciliação", declarou o Pontífice em francês.

"Unimo-nos a vós de todo o coração na esperança que vós e todos os que representais acalentam, de poder voltar a abraçar os vossos filhos, e desejamos que um prosseguimento positivo e frutífero das negociações possa em breve tornar possível a troca de prisioneiros e trazer uma solução para todos os problemas humanitários da crise do Médio Oriente, o que poderia representar um passo em direcção «à tão ansiada paz».

O Papa dirigia-se a Barouch Tor e Peres Mazouz, pais de

dois prisioneiros de guerra israelitas, que recebeu no fim da sua audiência geral semanal.

Os dois israelitas eram acompanhados por Meir Mendes, da embaixada israelita em Itália.

Nos círculos do Vaticano afirma-se não haver memória de outra vez que o Papa tivesse proferido um discurso formal e preparado perante uma assistência de apenas três pessoas.

Paulo VI acentuou que o sofrimento dos parentes dos prisioneiros "faz parte das numerosas feridas inflingidas pela guerra e que tão difíceis são de sarar, quando é possível sará-las".

"Quanto a nós... temos intervido repetidas vezes para contribuir para a obtenção de uma solução positiva do problema dos prisioneiros", prosseguiu o Papa.

"Gostaríamos de vos dizer, assim como aos pais que representais, e a todos aqueles que, num ou noutro campo, têm sido atingidos pela perda ou separação dos seus entes queridos que tiveram que abandonar seus lares, que nos encontramos junto de vós na dor e recomendamos-vos ao Senhor, pai cheio de amor para todos, que disse, através do seu profeta: «eu, eu próprio vos confortarei».

A citação foi tirada do Velho Testamento de Isaías, livro sagrado tanto para cristãos como para judeus.

UMA ROCHA LUNAR TÃO ANTIGA COMO A PRÓPRIA LUA

HOUSTON, 21 (ANI)

Cientistas norte-americanos declararam estar convencidos que uma rocha verde trazida da Lua há dois anos é tão antiga como a própria Lua.

A rocha lunar trazida pelos astronautas da missão «Apolo 17» em 1972 foi alvo de debates na Quinta Conferência Anual de ciência lunar.

O doutor A. Albee, do Instituto Tecnológico da Califórnia, afirmou que a rocha, identificada ao cabo de meses de análises, contém um mineral esverdeado chamado dunite e que a sua idade, determinada por métodos atômicos é de 4.6 bilhões de anos, o que se pensa ser a idade do sistema solar.

Pensou-se que rochas lunares trazidas por anteriores missões eram pedaços originais da Lua, mas os cientistas afirmaram que os métodos atômicos de averiguação da idade provaram o contrário.

O dr. John Wood, geólogo lunar do Observatório Astrofísico em Cambridge, Massachusetts, disse «que uma das grandes buscas da análise de amostras lunares tem sido encontrar rochas que sejam muito velhas, da época de formação da Lua, o que nunca aconteceu».

«As rochas que temos analisado datam aproximadamente de um bilhão de anos depois da formação do sistema solar» acrescentou Wood.

Segundo Wood a rocha de dunite é semelhante aquilo que os cientistas calculam existir no interior da Lua.

Albee pôs a hipótese de a rocha de dunite ter saído do interior da Lua devido à colisão dum enorme meteoro, permanecendo talvez bilhões de anos na superfície lunar até que os astronautas a encontraram.

PIONEIRO 11

O «Pioneiro 11» completou ontem a sua longa viagem através de uma grande cintura de asteróides, tendo informadores da NASA anunciado que modificaram o curso da nave espacial, dirigindo-a para mais perto de Júpiter, antes de a enviarem em direcção ao planeta Saturno.

O «Pioneer-11», lançado há quase um ano, atravessou a cintura de asteróides sem que se tenha verificado qualquer incidente segundo a agência espacial.

A cintura consiste na área existente entre os planetas Marte e Júpiter, com 678 milhões de quilómetros de extensão, contendo muitos astreóides, a maioria dos quais mede menos que um quilómetro de diâmetro, havendo no entanto outros maiores do que o Estado do Texas.

O «Pioneer 11», completou agora 70 por cento da sua viagem em direcção a Júpiter e está a 678 milhões de quilómetros da Terra, deslocando-se à velocidade de 49 milhões de quilómetros por hora.

Estará a uma distância de 41 milhões de quilómetros de Júpiter no dia 5 de Dezembro deste ano.

A nave «Pioneer-10» passou por Júpiter pela primeira vez em Dezembro passado, a uma distância de 129 000 quilómetros do planeta.

A mudança de curso anunciada pela NASA enviará o «Pioneer-11» numa viagem de cinco anos através do sistema solar depois deste sobrevoo Júpiter.

Com a mudança de curso, além de se aproximar mais do planeta, o «Pioneer-11» passará pelo gigante planeta mais perto da região polar. Esta mudança de curso verificar-se-á em fins deste mês ou em meados de Abril.

Nixon teria abrandado a sua atitude em relação à Europa

BRUXELAS, 21. (R) Foi acolhida com satisfação nos meios oficiais europeus o abrandamento da atitude do presidente Nixon em relação à Europa, tendo alguns membros de Governo manifestado a sua intenção de contribuir mais afinadamente para o revigoramento da Aliança Atlântica.

Em declarações proferidas ontem, Nixon suavizou o tom agreste das suas anteriores críticas aos «nove» do Euromercado, afirmando que resistiria à retirada unilateral das forças americanas na Europa.

Em Bonn, o ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha Ocidental, Walter Scheel, admitiu no Parlamento que os males que afectam a Aliança Atlântica são de «carácter grave» e prometeu que o Governo federal faria tudo ao seu alcance para reforçar a cooperação com os Estados Unidos.

Frisando a «importância» da «cooperação entre a Europa e os Estados Unidos em todas as esferas da segurança, da moeda e da economia», Scheel acrescentou: «Os americanos querem colaborar no processo de formação da opinião desde o início, ao passo que os europeus querem primeiro formar a sua opinião e consultar depois. Ai é que está o problema».

Em Londres, entretanto, uma fonte britânica autorizada declarou que o ministro dos Negócios Estrangeiros, James Callaghan, está decidido a insistir nas conversações que iniciou em Bonn com os ministros da Alemanha Ocidental que a Comunidade Europeia deve manter Washington permanentemente informada acerca das suas discussões sobre os problemas mundiais mais importantes.

Callaghan advogou, na Câmara dos Comuns, a total

cooperação da Europa com os Estados Unidos e dissociou-se de qualquer «processo de luta contra os americanos».

Em Bruxelas, os funcionários do Mercado Comum encaram o abrandamento da atitude do presidente Nixon como um passo positivo no sentido da despoletagem da atmosfera altamente carregada das relações transatlânticas.

Na C.E.E. e na sede da N.A.T.O. são insistentes os protestos de que é vital para a prosperidade de ambos os lados e para a estabilidade política mundial a estreita cooperação da Europa Ocidental e dos Estados Unidos em todos os campos.

As afirmações de Nixon de que não tencionava anuir aos pedidos para retirada unilateral das forças americanas na Europa foram recebidas em Bruxelas com certo alívio, embora ninguém acreditasse realmente que to-

masse essa medida drástica neste momento.

Em Paris, os círculos oficiais aplaudiram a linha mais conciliatória adoptada pelo presidente americano, salientando que a reacção comedida da França às suas anteriores censuras parece ter dado fruto.

Apreciaram particularmente o gesto amigável esboçado por Nixon em relação à França, ao louvar o ministro dos Negócios Estrangeiros francês, Michel Jobert, pelo seu apelo à moderação no dissídio euro-americano.

Alguns círculos oficiais parisienses confidenciaram estar convictos de que havia uma ponta de «bluff» na ameaça inicial de Nixon de retirar da Europa as forças americanas se os europeus não alinhasssem com a sua concepção de cooperação política e económica.

Novo programa anti-inflacionário do governo francês

PARIS, 21 (F.P.) O Governo francês tomou uma série de iniciativas económicas e sociais tendo em vista limitar os efeitos da inflação sobre o nível de emprego e o poder de compra e encorajar as exportações.

O primeiro-ministro francês Pierre Messmer apresentou estas medidas num discurso transmitido pela rádio e pela TV. «Num ano difícil como o de 1974», acentuou «os franceses só podem esperar manter o poder de compra dos salários».

De carácter muito técnico, as medidas em questão visam, basicamente, aumentar o volume do crédito bancário nos meses de Maio e Junho, acelerar a cobrança dos impostos sobre os salários e as sociedades, melhorar o financiamento das exportações e suprimir o duplo mercado de câmbios.

O Governo francês praticará por outro lado de agora em diante uma política contratual para os preços. No que diz respeito aos preços industriais, as empresas poderão rapidamente suportar as subidas dos preços das matérias-primas. Em contrapartida, o Governo tentará reduzir de 2 por cento, em média, as margens comerciais para os produtos cujos preços de base aumentaram demasiado nos últimos tempos.

O Governo decidiu por outro lado aumentar uma única tarifa pública: o preço dos bilhetes dos caminhos-de-ferro sofrerá um aumento de 7,5 por cento no primeiro de Abril.

No que se refere aos salários, o Governo afirma que se preocupará sobretudo com os salários baixos e preferirá prémios a aumentos hierarquizados.

O ministro francês da Econo-

mia e das Finanças, Valéry Giscard d'Estaing, acentuou que estas decisões apontavam para três objectivos básicos: moderar a progressão da procura, e designadamente da procura de energia, abrandar a subida dos preços e dos salários e restabelecer o equilíbrio da balança do comércio externo. O «déficit» da balança comercial acentuou D'Estaing será da ordem dos 18.000 milhões de francos em 1974. O objectivo do Governo é reduzi-lo para 10.000 milhões em 1975 e atingir o equilíbrio no ano seguinte.

«A situação é muito mais difícil do que alguns julgam», comentou o ministro. «As consequências dos aumentos das matérias-primas e da energia não se esgotaram» acrescentou D'Estaing para salientar a seguir que o preço das importações aumentará 31 por cento

este ano.

Depois de pôr em relevo a forte procura registada tanto nas exportações como a nível interno, o ministro disse que era preciso actuar contra o perigo de uma inflação que, tornando-se demasiado poderosa, ameaçar o emprego.

D'Estaing indicou que o Governo tinha reservado para si uma margem de manobra para o segundo semestre. O Governo pedirá ao Parlamento que o autorize a baixar a TVA (taxa com valor acrescentado) sem que, no entanto, utilize imediatamente esta faculdade.

Finalmente o ministro afirmou que a abolição do duplo mercado de câmbios não consagrava definitivamente a flutuação do franco. O Governo prepara propostas de actuação a «nove» que apresentará aos seus parceiros europeus.

BAIXA DO DÓLAR EM RELAÇÃO A MOEDAS EUROPEIAS

BONN, 21 — (R) — O dólar americano perdeu ontem quase todos os seus ganhos em relação às moedas europeias, enquanto uma nova crise de confusão se apodera dos mercados de câmbios.

Já declinante devido ao agravamento das sequelas do Watergate nos Estados Unidos, a moeda americana foi ontem duramente afectada pelas perspectivas de revalorização do marco alemão, a moeda mais forte da Europa.

Apesar dos desmentidos oficiais das autoridades alemãs, o dólar desceu verticalmente, encerrando em Frankfurt a cerca de 2.597 marcos — menos quatro «pfennings» do que ontem.

Num ambiente que os cambistas classificaram da maior crise de incerteza registada nos

mercados nos últimos tempos, desceu também consideravelmente em relação às outras moedas europeias, perdendo quase por completo os ganhos que registara em Dezembro e Janeiro, quando a crise mundial do petróleo parecia afectar com menor gravidade a economia americana do que as economias das outras potências industriais.

A moeda americana nunca atingira nível tão baixo desde meados de Novembro passado e no princípio deste ano, em plena crise energética, subira ao máximo de 2,85 marcos.

Porém, ao recomendar a revalorização do marco como medida de reajustamento das paridades monetárias para debelar a crise financeira mundial causada pela alta dos preços do petróleo, o Instituto Económico de Hamburgo desencadeou uma

corrida ao marco, perturbando o equilíbrio dos mercados de câmbios.

A forte procura da moeda alemã ameaçou também desequilibrar o sistema da flutuação conjunta das moedas do Benelux e dos países escandinavos, forçando o marco ao seu limite máximo permitido pela «serpente».

A situação anormal das bolsas de câmbios reflectiu-se imediatamente no mercado. O ouro registou uma nova intensificação da procura.

O PRECIOSO METAL

Em Londres, a especulação fez subir o preço do precioso metal para 176 dólares a onça — mais sete dólares! No princípio do ano, a incerteza da situação económica e monetária

mundial levou o ouro a ser cotado ao preço «record» de 185 dólares a onça.

O esterião seguiu o dólar no declínio, descendo em Frankfurt, onde encerrou a 6.082 marcos, ao seu nível mais baixo deste ano, depois de ter perdido mais de sete «pfennings» durante as transacções frenéticas efectuadas durante a tarde. Contudo, a moeda inglesa permaneceu mais forte do que o dólar e encerrou em Londres a 2,3445 dólares, quando no dia anterior fechara a 2,3315 dólares.



DL/ESTRANGEIRO

QUISERAM RAPTA A PRINCESA

-afirmou o ministro do Interior britânico

LONDRES, 21 (R.) A princesa Ana e o seu marido, o capitão Mark Phillips, sobreviveram a uma tentativa de assassinio e foram descritos mais tarde como «ilesos mas abalados».

Foi o primeiro ataque a um membro da família real em 34 anos. O casal esteve agachado na sua limusina durante vários minutos, enquanto um homem armado tentou desesperadamente abrir a porta do veículo. Mais tarde foi preso um homem.

Um veículo transportando detetives armados que escoltava o veículo da princesa em Mall, nas proximidades do Palácio de Buckingham, levou o homem para um interrogatório.

O primeiro-ministro Harold Wilson enviou imediatamente à princesa, de 23 anos, uma carta de simpatia e ordenou ao ministro do Interior, Roy Jenkins, um inquérito completo ao incidente.

De acordo com a Polícia e com testemunhas oculares, o ca-

sal real seguia por Mall, uma longa e estreita avenida que liga o Palácio de Buckingham à praça de Trafalgar quando um carro branco obrigou o «Rolls-Royce» a imobilizar-se. O assaltante saiu do carro e correu para o veículo da princesa, crivando-o de balas.

A senhora Sammy Scott, que seguia atrás da limusina da princesa afirmou que quando ouviu tiros acorreu ao local.

«A princesa Ana e Mark estavam no assento traseiro. O capitão Phillips parecia estar a esconder a princesa com o seu corpo.» Acrescentou que a dama de companhia de Ana, que também seguia no automóvel lhe gritou: «Abaixe-se. Anda aqui um maníaco.»

«Enquanto eu me escondia atrás do automóvel, o homem tentava forçar a porta do outro lado. Então a princesa Ana e o seu marido saíram do carro e o homem apontou-lhes a arma», prosseguiu a sr.^a Scott.

A sr.^a Scott prosseguiu o seu relato: «O casal voltou a entrar no automóvel e o assaltante começou a abanar a porta tentando também entrar.»

Depois de o detetive da princesa, o inspector James Beaton, e de o motorista terem sido atingidos, um polícia uniformizado que estava a dirigir o trânsito nas proximidades acorreu ao local, sendo igualmente alvejado. O mesmo aconteceu a um jornalista londrino que na altura passava de táxi e que também acorreu, ao ouvir o tiroteio.

O motorista ficou gravemente ferido no peito e o polícia uniformizado foi submetido a uma operação de urgência.

Um informador da Scotland Yard declarou que o inspector Beaton conseguiu disparar por três vezes contra o assaltante antes de ele próprio ter sido ferido.

O informador disse que a tentativa de assassinio parece ter sido levada a cabo por um homem, entre 25 e 30 anos de idade.

Em declarações feitas no Parlamento, o ministro do Interior declarou que o incidente fez parte de uma tentativa abortada para raptar a princesa.

Declarou Jenkins: «Foi feita uma tentativa por um homem armado para raptar a princesa Ana cerca das oito horas da noite quando ela regressava ao Palácio de Buckingham com seu marido. Foi detido um homem que actualmente está a ser interrogado.»

Em Belfast, capital da Irlanda do Norte, um anónimo telefonou para um jornal reivindicando a responsabilidade pela tentativa de assassinio. Comunicou o anónimo: «Fala o capitão John, da Associação de Defesa Católica. Somos os responsáveis pelo tiroteio de Mall.»

A Scotland Yard não fez de imediato qualquer comentário a esta reivindicação.

A princesa Ana consorciou-se com Phillips na abadia de Westminster no dia 14 de Novembro do ano passado. Regressavam esta noite ao Palácio de Buckingham, depois de assistirem à exibição de um filme com fins de caridade, quando se deu o incidente.



A princesa Ana, momentos antes do atentado. (Telef. UPI-Telimprensa-DL).

Em jogo a sorte de Heath como "leader" do Partido Conservador

LONDRES, 21 (FP) — Está em jogo a sorte de Heath como «leader» do Partido Conservador. Acusam-no de ter manobrado contra o senso comum no debate sobre o discurso do trono ao ver-se forçado a retirar uma emenda que ninguém o obrigara a apresentar, assistindo-se assim a uma vitória retumbante de Harold Wilson.

Quarenta ou cinquenta deputados conservadores tinham prevenido abertamente que iriam para a abstenção na votação, se Heath insistisse na emenda. Ontem a Imprensa conservadora já fala de eventuais substitutos.

O Partido Conservador está perante um dilema. A vida do Governo minoritário de Wilson poderá ser de curta duração, o que implicaria novas eleições gerais a curto prazo. O grupo parlamentar conservador interroga-se, pois, quanto ao melhor caminho a tomar: apresentar-se ao veredicto dos eleitores com Heath, mais uma vez, na chefia ou propor um novo chefe do Partido que não teria, porém, tempo de se dar a conhecer?

Várias individualidades reúnem algum favoritismo quanto a uma eventual sucessão. Fala-se, por exemplo, de sir Keith

Joseph, antigo ministro dos Assuntos Sociais, com muitas simpatias entre os reformados. Dizem, porém, que é muito tímido, faltando-lhe talvez dinamismo. Outro candidato seria Edward Du Cann, antigo presidente do Partido Conservador que favoreceu a eleição de Heath como chefe dos «Tories» mas que este veio depois a exonerar. E actualmente chefe dos deputados, tendo manifestado muitas vezes a sua oposição quanto à maneira autoritária como Heath conduz as questões de Governo. Praticamente, porém, ninguém o conhece no grande público. O antigo ministro do Interior Reginald Maudling, também é citado mas teve de demitir-se em 1972 ao ver-se envolvido, embora sem culpa nenhuma, num caso de corrupção de um funcionário. Perpetua com efeito a adminis-

tração de uma companhia ligada ao arquitecto Poulson condenado há dois meses a sete anos de cadeia. William Whitelaw e Robert Carr, ministros relativamente populares no anterior Governo Conservador, são, porém, pouco influentes entre os seus colegas do Parlamento, já não falando de que estiveram directamente ligados à decisão de convocar as eleições gerais na sequência da greve dos mineiros, tendo igualmente favorecido a apresentação da emenda sobre o discurso do trono que acabou por ser retirada.

Entretanto Heath não se mostra nada inclinado para a sua retirada. Uma assembleia geral dos deputados conservadores, marcada para amanhã, será talvez decisiva. Sabe-se que alguns destes parlamentares solicitaram um inquérito às responsabilidades no caso da emenda.

SOCIEDADE PARA A PROTECÇÃO DOS CIDADÃOS

LONDRES, 21 (R.) O primeiro-ministro Harold Wilson enviou uma carta à princesa Ana exprimindo o seu choque pela tentativa contra a sua vida. Um informador oficial disse que o primeiro-ministro pedira também um relatório oficial sobre o incidente.

Desconhece-se se o incidente foi inspirado por motivos políticos. Mas um político da Irlanda do Norte, Harold

McGusker, afirmou esperar que o tiroteio não esteja associado à violência na conturbada província e acrescentou: «Se esse é o caso tornaria a tragédia ainda maior. Espero no entanto que se trate apenas de obra de bandidos vulgares.»

O incidente provocou a exigência da sociedade para a protecção dos cidadãos para que seja reintroduzida a pena de morte para assassinos a sangue frio.

WATERGATE

MAIS UM ADIAMENTO DO JUÍZ SIRICA

WASHINGTON, 21 (R.) Um antigo colaborador de Nixon tentou uma acção com o objectivo de bloquear a entrega ao Congresso de um relatório secreto do Grande Júri do Watergate cujo ponto principal é o presidente.

E provável que esta medida atrase a entrega do relatório à Comissão Congressional que está a estudar se o presidente deve ser impugnado pelo seu papel no caso.

A acção foi entroposta pelos advogados de H.R. Haldeman, que até Abril do ano passado foi chefe do pessoal de Nixon e que actualmente aguarda julgamento sob a acusação de encobrir o assalto e colocação de aparelhos de escuta na sede do Partido Democrático em Washington.

O juiz John Sirica decidiu na segunda-feira enviar o relatório à Comissão Judicial da Câmara dos Representantes e estabeleceu o dia de hoje como prazo para quaisquer apelos contra a sua decisão.

Na sequência do apelo, o

juiz Sirica suspendeu a sua ordem até ao fim da tarde a fim de dar tempo a que se realize uma audiência no tribunal de apelação.

Sirica anunciou ter construído a suspensão de 24 horas a fim de dar aos advogados de Haldeman tempo para pedir ao Tribunal de Apelação que suspenda a entrega do relatório ao Congresso.

Segundo parece, há poucas probabilidades de o Tribunal de Apelação conseguir uma decisão sobre o mérito do apelo. O mais provável é que o Tribunal de Apelação prolongue a suspensão ordenada por Sirica por mais alguns dias ou mesmo semanas a fim de ouvir argumentos.

A Comissão Judicial da Câmara dos Representantes anunciou que vai informar Sirica de que necessita do relatório com urgência a fim de assegurar o seu inquérito sobre a impugnação.

O presidente da Comissão Peter Rodino, democrata de New Jersey, afirmou estar preocupado com o facto de o apelo poder demorar a conclusão do inquérito.

CONTINUA GRAVE E INQUIETANTE A SITUAÇÃO NO ESTADO DE BIHAR

NOVA DELHI, 21 (R.)

«Continua grave e inquietante» a situação no estado de Bihar, onde mais de vinte pessoas morreram em três dias de tumultos, declarou no Parlamento o ministro do Interior indiano, Shankar Dikshit.

Descrevendo a visita que efectuou ontem ao Bihar, Dikshit acrescentou que o Governo garantirá às autoridades estaduais todo o auxílio necessário para que possam reprimir firmemente a violência.

A capital do Estado, Patna, voltou a estar sob o recolher obrigatório durante todo o dia, tendo sido reimposta a proibição de circulação nas ruas depois de uma hora de afrouxamento das restrições durante o fim da tarde. A ordem de recolher obrigatório foi igualmente alargada a cinco outras peque-

nas cidades esta noite.

Unidades militares, entretanto, patrulham as zonas nevrálgicas do Estado.

A agência noticiosa indiana PII anuncia que a calma reina em Patna. Em consequência do recolher obrigatório, os estabelecimentos comerciais e os escritórios estão encerrados e os autocarros não circulam.

Para melhor imporem a lei e a ordem, as autoridades dividiram a cidade em três zonas. A decisão foi tomada numa reunião da Polícia e do Exército, presidida pelo ministro principal do Bihar, Abdul Gafur.

Entretanto, um comunicado dos caminhos-de-ferro avisa que foram cancelados os comboios de longa distância. Uma estação ferroviária foi atacada num bairro limítrofe durante uma manifestação.

LEGROS COMERCIANTE DE QUADROS FALSOS PRESO NO BRASIL

BRASÍLIA, 20 (F.P.) O Supremo Tribunal do Brasil decidiu extraditar o francês Fernand Legros, comerciante de quadros falsos, preso há mais de um ano em Brasília.

O pedido de extradição tinha sido apresentado pelas autoridades francesas que acusam Legros de ter vendido sessenta quadros falsos a um bilionário do Texas. Legros tinha sido detido em Fevereiro de 1973. Não foi ainda marcada a data da extradição.

Legros, que tem 42 anos, é um dos mais famosos comerciantes de quadros falsos.

Depois de ter feito estudos de Filosofia nos Estados Unidos e «ballet» na Companhia do Marquês de Cuevas, Legros decidiu aventurar-se no comércio de quadros.

O primeiro escândalo data de

1963: vendeu um falso Toulouse-Lautrec a um milionário americano pela bonita soma de 156.000 dólares. No entanto, o seu «caso» detonador data de 1967. A viúva do pintor Marquet declarou então que as telas de Marquet que Legros vendera não eram de seu marido.

Pouco depois, um dos seus clientes, um texano que lhe tinha comprado 58 quadros, sendo 40 falsos, apresentou queixa às autoridades francesas. A 22 de Novembro de 1967, o Governo francês lançou um mandato de prisão contra Legros.

O hábil «comerciante» refugiou-se então em Genebra. Preso pouco depois por ter documentos de identificação falsos, parte para Nova Iorque quando as autoridades suíças o libertam.

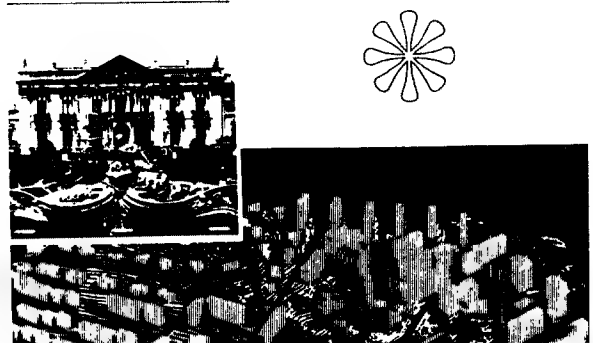
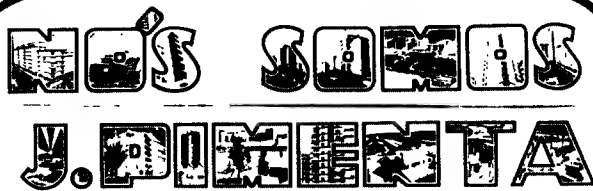
Aos Estados Unidos seguem-se o Brasil onde acaba por ser preso.

DI/GERAL

"Relações culturais luso-francesas"

Jean-Michel Massa, director do Centro de Estudos Luso-Brasileiros da Universidade da Alta Bretanha (Rennes) proferirá amanhã e no dia seguinte, às 18 e 30, na Sala dos Congressos da Fundação Gulbenkian, duas palestras subordinadas ao tema «Relações culturais luso-francesas: Philéas Lebesgue (1869/1959)».

Encontram-se expostas cartas inéditas de escritores portugueses dirigidas ao lusófilo francês no local em que serão proferidas as palestras.



QUELUZ MONTE ABRAÃO

- LOCAL DESAFOGADO E SAUDÁVEL, SEM FUMOS E RUÍDOS.
- ZONA DE EXPANSÃO DE QUELUZ NOVA.
- MUITO PRÓXIMO DA ESTAÇÃO DOS CAMINHOS DE FERRO.
- CONJUNTO URBANÍSTICO COM ESCOLAS PRE-PRIMÁRIA E PRIMÁRIA, CENTRO PAROQUIAL, GARAGENS E ZONA DESPORTIVA.
- JUNTO DE CENTRO COMERCIAL.
- AUSÊNCIA DE HUMIDADE.
- ÓPTIMAS PANORÁMICAS.
- CONSTRUÇÃO DE ÓPTIMA QUALIDADE.
- FÁCIL ESTACIONAMENTO DE VEÍCULOS.

APARTAMENTOS MOBILADOS

NOS MELHORES LOCAIS

LISBOA OLIVEIRA CASCAIS E COSTA DO SOL
PORTO ALGARVE PRAIA DA ROCHA
CASTELO BRANCO E FIGUEIRA DA FOZ

Informações:

Queluz-Edifício Sede-Av. António Enes, 25-Telef. 952021/2
Lisboa-Prça Marquês de Pombal, 15-Telef. 45843-47843

AGENTES EM TODO O PAÍS

AMEAÇAS DE CRISE SOCIAL EM FRANÇA

Continuação da pág. 3

os jornalistas da Rádio e Televisão do Estado ameaçam entrar em greve ilimitada a partir de domingo, enquanto que os funcionários públicos pedem audiência ao Governo e os comerciantes do movimento Cid Unati ocupavam durante o dia de ontem as suas Caixas de Previdência.

Todos estes conflitos têm na sua origem reivindicações materiais, próprias a cada um dos sectores onde se processam, mas com dois pontos comuns: a recusa da diminuição do poder de compra e o carácter «duro» de que se revestem. Tal como no sector operário, estes movimentos são por agora desencon-

trados, por vezes parciais e provocando desacordos entre os sindicatos.

Mas a sua acumulação poderia ser perigosa para o governo de Pierre Messmer. Basta que grandes sectores onde o

descontentamento é já patente, como o da Electricidade de França e o dos funcionários públicos, entrem em greve enquanto dura o conflito do sector bancário — e, em vez de diversos proble-

mas difíceis a resolver, o primeiro-ministro francês ver-se-ia a braços com uma séria crise.

Uma séria crise social que bem depressa se poderia transformar em crise política.

A defesa em França

Continuação da pág. 3

tres e duas oficinas da aeronáutica (3500 pessoas).

Em 1972, as construções navais do Estado forneceram 31 milhões de horas de produção directa e uma produção avaliada em 3359 milhões de francos. Os estabelecimentos de armamentos terrestres forneceram 13 milhões de horas produtivas directas e uma produção calculada em 3456 milhões de francos (de que 13 por cento dizem respeito a vendas no estrangeiro). Finalmente, as oficinas industriais da

aeronáutica realizaram números da ordem dos 250 milhões de francos (reparações e manutenção das células, motores e equipamentos).

As sociedades nacionais ou sector para-público, ocupam cerca de 93 000 pessoas, sobretudo no domínio da aeronáutica e espacial.

As empresas privadas, são as mais numerosas, empregando cerca de 120 000 pessoas. As mais conhecidas são nomeadamente: o grupo Dassault-Bréguet (cujas actividades de armamento representam 84 por cento dos números de negócios totais); Turboméca, Thomson-CSF, Hotchkiss-Brandt; Panhard, Berliet, Matra, Crouzet e Schneider.

Nos dois sectores, nacionalizado e privado, é a indústria aeronáutica e espacial que depende mais directamente dos comandos militares no que é seguida pela indústria electrotécnica e depois mecânica. Em 1972, com um efectivo de 108 000 pessoas, o número de negócios sem taxas da indústria aero-espacial foi de 8700 milhões de francos. Em cerca de 70 por cento, este número liga-se a contratos mi-

litares da França e do estrangeiro. O armamento representou 71 por cento do número de negócios total da Sociedade Nacional de Estudo e de Construção de Motores de Aviação (SNECMA) e 62 por cento da Sociedade Nacional Industrial Aero-espacial (SNIAS). Quanto à indústria electrotécnica, as encomendas de armamento representam cerca de 20 por cento do conjunto das suas actividades que reúnem 200 000 pessoas.

Finalmente, é interessante observar que em matéria de concepção e de construção de armamento à conta das forças armadas francesas, é pouco corrente fazer apelo à concorrência no interior deste aparelho industrial.

Os diferentes modos de contratação repartem-se assim: adjudicação ou concurso de ofertas, 23,7 por cento; gradualmente após concurso infrutuoso 1,3 por cento; gradualmente sem concurso prévio, 75 por cento. Assim, o último tipo de acordo é a regra, e a concorrência não cobre senão uma quarta parte das prestações industriais.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Admissão de Empregadas Auxiliares

(Antiga designação — CRIADAS)

Nos Hospitais Civis de Lisboa — Serviço de Pessoal — aceitam-se inscrições até ao dia 2 de Abril próximo, para a categoria de Empregadas Auxiliares, categoria a que corresponde o salário mensal ilíquido de Esc. 17005.

As candidatas deverão obedecer às seguintes condições:

- IDADE: mais de 18 e menos de 35 anos;
- HABILITAÇÕES LITERÁRIAS: aprovação no exame do 2.º grau do ensino primário elementar;
- Idoneidade moral atestada pela Junta de Freguesia, Regedor ou Pároco.

A sua Inscrição pode ser feita mediante o envio de carta onde constem os elementos referidos nas alíneas a) e b).

MINISTÉRIO DA SAÚDE

HOSPITAL DE SANTA MARIA

VENDA DE INÚTEIS Conc. Público n.º 53/74

APARELHAGEM CLÍNICA P/ O SERV. PNEUMOTISIOLOGIA

Conc. Público n.º 50/74

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, exceto aos Sábados (das 9 às 12.30 horas), na Secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicada no Caderno de Encargos. Lisboa e Hospital de Santa Maria, 18 de Março de 1974.

O CHEFE DO SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

o) Manuel Brioso Pina de Jesus

HERDADE

Entre Montemor e Évora, 5500 contos. Vende-se. Trata o proprietário. Carta ao Apartado 1048, Lisboa - I.

INVÁLIDOS DO COMÉRCIO

Assembleia Geral Ordinária

CONVOCAÇÃO

Por ordem do Ex.º Sr. Presidente da Mesa e de harmonia com o que dispõe o n.º 1 do art.º 20.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral de INVÁLIDOS DO COMÉRCIO a reunir no dia 29 do corrente, às 20.30 horas, na sede do Ateneu Comercial de Lisboa, Rua das Portas de Santo Antão, 110, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

— Apreciar e votar o Relatório e Contas da Direcção e o Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício de 1973.

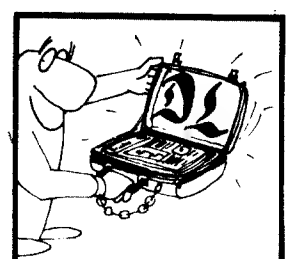
Se à hora marcada não comparecer número legal de associados, a Assembleia realizar-se-á, em segunda convocação, uma hora depois, no mesmo local e com igual Ordem de Trabalhos, como determina o § único do art.º 18.º da lei estatuinte.

Lisboa, 21 de Março de 1974.

O 1.º Secretário da Mesa, Eduardo Antão Marques

PROPRIEDADE

Na Charneca da Costa da Caparica, com 14 050 m2, integrada na Zona Urbanística H2, vende-se ou troca-se por andares. Informa: CONSTRAVE Tel. 25076—Apartado 163 AVEIRO



Sindicato Nacional dos Caixeiros e Profissões Similares do Distrito de Lisboa

Avenida da República, 29

Assembleia Geral Extraordinária CONVOCAÇÃO

Em conformidade com as disposições estatutárias, convoco a Assembleia Geral a reunir na sede deste Sindicato, no próximo dia 22 do corrente, pelas 20.30 horas, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1. Apreciação do Relatório e Contas da Gerência de 1973
2. Informações

Não havendo número legal de representantes presentes, é desde já convocada nova reunião, para o mesmo dia e local, às 21.30 horas funcionando com qualquer número, ao abrigo do artigo 30.º dos Estatutos.

Lisboa, 6 de Março de 1974.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

a) Joaquim António Madeira

MÚSICA AMBIENTE NO SEU Estabelecimento

INSTALAÇÕES: ESTEREOFÓNICAS QUADRIFÓNICAS ORÇAMENTOS GRÁTIS AUDITÓRIO VIVALDI

Av. João Crisóstomo, 91-A Tel. 53 42 08

CONSULTE-NOS !...

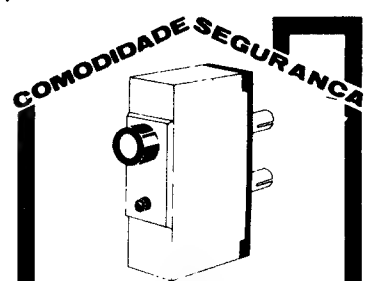
Limpezas alfaCinha SERVIÇOS DE LIMPEZAS EM GERAL

R. de Artilharia Um, 39 r/c Dt.º Telefones 65 46 97 65 46 68

utilize na sua casa ...

... OS INFUSÍVEIS STOTZ

Substituem os fusíveis comuns SEM QUALQUER ALTERAÇÃO DO QUADRO



PARA OS ADQUIRIR DIRIJA-SE ÀS BOAS CASAS DE ARTIGOS ELÉCTRICOS

Distribuidores: Fernandes & Amarante, Lda - R. Cidade da Fronteira, 54 - Lisboa I; J. de S. Hermínio Bieles (Lisboa), Lda - Av. 5.ª, 291 A - Lisboa I



Por AUGUSTO VILELA
enviado especial
do «DL»

O italiano Raffaele Pinto (Fiat) irresistível na 1.ª fase

Ao fim da manhã de hoje, e após a neutralização de duas horas no Bugaco, o italiano Raffaele Pinto (Fiat) comandava o 8.º Rallye Internacional TAP, primeira prova do Campeonato do Mundo que ontem teve o seu início em Lisboa. Milhares de pessoas assistiram à partida no Parque Eduardo VII, enquanto muitos outros milhares preferiram deslocar-se até Sintra, que apresentava o ambiente característico da grande gala do automobilismo nacional, que é o Rallye TAP.

O mesmo espectáculo poderia observar-se durante a noite nos restantes pontos do percurso, especialmente nas serras da Lousã e do Buçaco, onde muitos entusiastas passaram a noite envolvidos em mantas e agasalhos, à espera dos pilotos nos pontos mais «quentes» do percurso. Saudoso do automobilismo, o público, especialmente o público jovem, festejou o «TAP» com um entusiasmo verdadeiramente invulgar.

PINTO IRRESISTÍVEL

Os 1 200 quilómetros do Rallye TAP serão este ano corridos de uma maneira mais intensa: alguns pilotos teriam estabelecido como norma táctica não atacar logo de início, a fim de pouparem as mecânicas o mais possível. Mas para Raffaele Pinto não havia tempo a perder e o italiano começou a firmar a sua vantagem logo à saída, em Sintra e na Peninha, (as duas primeiras classificativas) que venceu com 500 à frente do finlandês Markku Allen (5.02) de Walter Rohel (5.05), de Barbazio (5.18), de Mario Figueiredo (5.20), de Warmbold (5.20). Na Peninha, Raffaele Pinto fez 7.30, seguido de Allen (7.42), Rohel (7.49), Warmbold (7.44), Anderson (8.07) e Armstrongs, 8.45.

Em Sintra começaram também as desistências, que ao longo desta etapa colocariam fora de prova algumas das mais fortes equipas. Bryan Cuolchet desistiu-se na Peninha, enquanto o seu compatriota Tony Fowkes sofria uma avaria mecânica que impediu de continuar. Para o italiano Paganelli as coisas correram bastante mal de princípio e o piloto foi obrigado a fazer toda a zona de Sintra com o carro a trabalhar apenas a três cilindros, devido a um problema de ignição que depois

foi resolvido. Mas os seus azares não ficariam por aqui:

Depois dos problemas de Sintra e da Peninha surgiram outros contratempos. A seguir a Figueiró dos Vinhos não estava lá a assistência da Pirelli e não pudemos mudar os pneus. Agora o carro está bem, mas perdemos cerca de quatro minutos.

Em Montejuento ficou Jorge jnascimento com a suspensão do seu carro desapertada. Aqui Warmbold impôs-se com cerca de 5 segundos de vantagem sobre Rohel, enquanto Allen e Pinto continuavam em luta directa para o 1.º lugar e Mário de Figueiredo se afirmava como o melhor português. Após esta classificativa, Pinto manteve-se à frente com o tempo total de 18.00 minutos, seguido de Allen (18.12) Rohel (18.44) Figueiredo (19.12) e Gomes Pereira (19.35) eram os melhores portugueses.

Warmbold começou a ter problemas com a suspensão trazeira do seu carro partindo, sucessivamente, amortecedores. Chegou ao Buçaco bastante decepcionado:

O carro está muito mal. Devido a problemas de amortecedores e molas trazeiras. Perdi muito tempo em Arganil, por me ser impossível conduzir assim.

Após a neutralização do Buçaco, Warmbold iria tentar a substituição dos amortecedores e molas especiais, por outras de tipo normal. Em Figueiró dos Vinhos, Pinto fez 5.48, Paganelli 5.51, Rohel 5.54, Allen 5.55, Warmbold 5.59. Figueiredo e Gomes Pereira, com 6.06 e 6.01, respectivamente, mantinham-se ainda como os melhores portugueses da classificação geral.

Com os concorrentes já bastante rodados, a luta tornou-se cada vez mais tensa. Na Lousã, Warmbold fez 8.48, seguido de Pinto (8.58), Rohel (9.00), Barbazio (9.02), Aderson com (9.15). Aqui outro favorito fica fora da prova: o sueco Karlsson (Datsun) que se desistiu. O piloto e o seu co-equipier, que sofreram várias escoriações, não puderam continuar. No entanto, este acidente obrigou a uma neutralização de meia hora devido à entrada duma ambulância no troço, como medida de precaução.

Também na Lousã o português «Nêquêpê», que vinha lutando para o 1.º lugar do Grupo 1, teve um despiste espectacular, ficando com o carro completamente destruído. Bem amarrados aos seus lugares, protegidos pelo arco de segurança do automóvel, os dois ocupantes não sofreram qualquer ferimento.

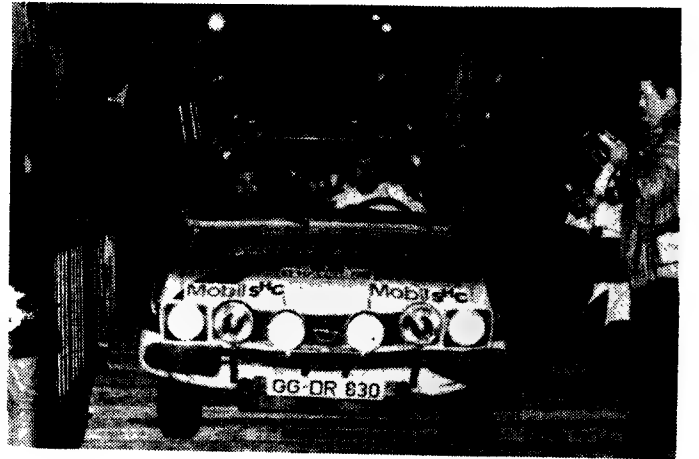
Confundi uma curva para a direita que fechava — diz-nos «Nêquêpê» — com uma curva a fundo, onde se tomava uma grande embalagem. A meio dessa curva o carro «voou» para fora da estrada ficando preso numas árvores. Fui para cima, para as pessoas me verem, enquanto o Mira Amaral demorou mais tempo a desamarrar-se. As pessoas que passaram não o viram, o que em princípio provocou certo alarido.

MAIS DESISTÊNCIAS

Raffaele Pinto continuou a manter a sua vantagem, embora na Cardosa (6.ª classificativa), o melhor tempo fosse para Fhel (5.27). Pinto gastou 1 segundo mais.

Cada vez a sentir mais dificuldades com o carro, Warmbold foi desalojado do 3.º lugar pelo finlandês Allen. Em Arganil, desistiu o italiano Sérgio Barbazio por se ter desistido. Tanto ele como o seu companheiro de equipa não sofreram ferimentos, ficando tranquilamente a dormir dentro do carro, à espera que a assistência os fosse buscar.

Nesta classificativa, Pinto voltou a registar o melhor tempo (14.41), seguido de Paganelli (14.55), Rohel (14.58), Warmbold (15.38) e Andersson (15.40). Na classificação geral Pinto totalizava 52.54, seguido



A equipa Achim Warmbold/Jean Todt prepara-se para a partida

de Rohel a 1.09. O 3.º lugar voltou a ser ocupado por Warmbold a 1.56 do líder. Nesta zona ficaria outro dos favoritos da prova, o sueco Waldegard (Toyota), que abandonou devido a problemas de ignição.

A 8.ª classificativa — Buçaco — não alteraria ainda a classificação provisória antes da neutralização. Assim, no Buçaco a

classificação geral provisória era a seguinte: 1.º Pinto (Fiat), 1.03.46; 2.º Rohel (Opel), 1.05.05; 3.º Warmbold (Opel), 1.05.50; 4.º Andersson (Toyota), 1.07.20; 5.º Figueiredo (Datsun), 1.07.20; 6.º Allen (Fiat), 1.07.58; 7.º Gomes Pereira (Opel), 1.07.59; 8.º Paganelli (Fiat), 1.10.21; 9.º Fischer, 1.10.24; 10.º Rui Gonçalves, 1.10.33.

SECIL

COMPANHIA GERAL DE CAL E CIMENTO, S. A. R. L.

Sede: OUTÃO — SETÚBAL

Escritórios Centrais: Av. Conselheiro Fernando de Sousa, 19-18.º

LISBOA

AUMENTO DE CAPITAL SOCIAL DE 300 000 PARA 350 000 CONTOS

Autorizado por Portaria de 21 de Janeiro de 1974, publicada no «Diário do Governo» n.º 21 III série, de 25 de Janeiro de 1974.

SUBSCRIÇÃO PÚBLICA DE 85 500 ACÇÕES

RATEIO

A subscrição pública de 85 500 acções da SECIL acorreram 150 138 boletins totalizando 7 315 905 acções, correspondentes a 21 947 715 000 \$00.

A emissão foi pois coberta 85,6 vezes e não há sequer a possibilidade de atribuir uma acção por cada boletim entrado.

Nestas condições e de acordo com o critério que tem sido adoptado em casos similares, foi estabelecido o seguinte rateio:

N.º de acções subscritas por boletim	Total de acções subscritas	N.º de acções atribuídas por boletim	N.º de boletins recebidos	Total de acções atribuídas
até 49	1 861 899	0	64 988	0
50 a 139	5 386 036	1	84 808	84 808
140 a 505	63 183	2	335	670
506 a 750	3 786	3	6	18
Mais de 750	1 001	4	1	4
	<u>7 315 905</u>		<u>150 138</u>	<u>85 500</u>

Tendo sido possível apurar os respectivos dados antes da data inicialmente prevista, informa-se que a devolução das importâncias correspondentes às acções não atribuídas, será feita a partir do dia 22 do corrente mês, nos locais onde foram efectuadas as subscrições.

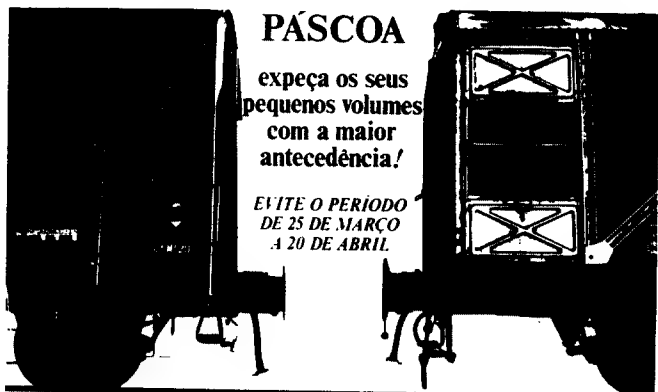
Lisboa, 20 de Março de 1974.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO.

HERDADE

Para pecuária e searas ou eucaliptos, a 100 km de Lisboa, 3000 contos. Vende o próprio. Carta para Apartado 1149, Lisboa - I.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Maria José Figueiredo. Av. José Frederico Ulrich, Bloco B, lote 2 CACILHAS



Caminhos de Ferro Portugueses

DL/DESPORTOS

VITÓRIA, 2-ESTUGARDA, 2

Ter o pássaro na mão...

O Vitória foi afastado da Taça UEFA por culpa própria: é bom que a verdade enha ao de cima, para que não estem ilusões sobre tudo quando se passou nos 180 minutos de luta.

No encontro da 1.ª «mão», o visível que a turma sadina teve o triunfo ao seu alcance.

FICHA TÉCNICA

Jogo no Estádio do Bonfim, da segunda «mão» dos quartos-de-final da Taça UEFA.

Árbitro: Iorwerth Price Jones, auxiliado por L. A. Howells e A. Roberts, todos do País de Gales.

VITÓRIA F. C. — Torres; Rebelo, Cardoso («capitão»), José Mendes e Carriço (José Lino, aos 16 minutos); Octávio, Matine e José Maria (Vicente, aos 18 minutos da segunda parte); Duda, José Torres e Jacinto João.

VFB STUTTGART — Heinze; Weidmann, Zech («capitão»), Entenmann e Coorde; Martin Handschuc e Sticke; Ohlicher, Ettmayer e Brenninger.

Ao intervalo: 2-0.

Golos de Torres e José Maria, pelo Vitória e Ohlicher e Sticke pelo Stuttgart.

principalmente na primeira parte: ontem, em Setúbal, perante o seu público (pouco) e as câmaras da televisão, chegou a ter o pássaro na mão e, depois, deixou-o fugir. Se no jogo da Alemanha interpretámos o precalço como uma escorregadela, salvaguardando logo que escorregar não era cair, para hoje teremos de adaptar outro adágio popular para justificar o desaire em que poucos acreditavam: ter o pássaro na mão e deixá-lo fugir...

Dois partes distintas para o prélio de ontem à noite: uma primeira parte com os pupillos de José Augusto a procurarem contrariar a sorte do jogo, adaptando-se às condições atmosféricas que mandaram um vento quase ciclónico para varrer o relvado, e uma segunda parte totalmente desgarrada, sem chama, com os jogadores quase empenhados em pretenderem ser simples espectadores das manobras adversárias.

Foi durante os primeiros quarenta e cinco minutos que Octávio mandou no terreno: cortando o ímpeto inicial dos germânicos que vinham dispostos a tudo menos a perder a vantagem de um tento, (nem que fosse a custo de pernas partidas) a lançar o esférico para os seus companheiros da frente, a tentar (ele também) a sua sorte, a atirar ao gol. Neste período, conseguiu o Vitória dois golos: um pelo eterno marcador da equipa, o bom gigante chamado José

Torres em admirável golpe de cabeça, e outro por José Maria a bater com inteligência toda a defensiva contrária. E tudo isto contra o vento.

Quando a segunda parte se iniciou, com o Vitória a jogar com o vento pelas costas, imaginou-se que os golos iriam nascer na baliza do guarda-bem de treino (o alemão). Mas aconteceu exactamente o contrário e logo a minuto e meio do recomeço. Quer dizer: os germânicos, até se deram ao luxo de deixar o aviso bem cedo, fornecendo à turma da casa os minutos mais do que suficientes, para se organizar assentar bem os pés no terreno e partir para a recuperação ainda (e sempre) possível. Mas não: o tento do centro avançado do Estugarda «gelou» mais os jogadores do que os espectadores, pormenor que foi habilmente aproveitado para marcar o tento do empate, aquele que deitou, definitivamente, o Vitória para fora da competição da UEFA.

Terá tido José Augusto os seus problemas para formar o «onze» inicial: aceite-mo-lo, pois ele próprio o confessou. Mas, com os diabos, fazer alinhar Carriço para substituir logo nos primeiros minutos, foi dar corda ao adversário, mostrar o seu lado fraco, lançar-se a si e aos seus no mais profundo dos poços.

Leve (depois) a sorte de alcançar dois golos: que de nada



A imagem do prélio no Bonfim: o guarda-redes Heonze em acção rodeado por todos os lados de companheiros e adversários. O Vitória atacou muito mas de pouco lhe valeu. A defesa comprometeu tudo

valeram, pois cedo permitiu a sua anulação.

Enfim... ainda não foi desta que o grupo setubalense alcançou as meias finais da «Taça» que há tanto persegue. Desta vez por culpa própria, pois é notável que a turma está a render a 10 por cento daquilo que valia aqui há uns (poucos) meses.

Esta, outra verdade que importa referir, embora isso doa a muita gente...

Pronto.

Agora há que pensar no campeonato ou na «Taça», porque só aí o Vitória poderá cavar o alíce que a levará de novo por essa Europa fora.

ORLANDO DIAS AGUDO

Alemães e italianos no caminho do Sporting

Dois equipas alemãs (o Borrússia Moenchengladbach, da República Federal, e o Magdeburgo, da República Democrática) e uma italiana (o Milan) emparceiram com o Sporting nas meias-finais da Taça dos Vencedores das Taças, cujo sorteio se realiza, amanhã, em Zurique, ao meio dia, para jogos nos dias 10 e 24 de Abril.

Resultados dos quartos-de-final, segunda-mão, desta prova: Zurique, 1-Sporting, 1; PAOK, 2-Milan, 2; Stara Zagora, 0-Magdeburgo, 0 e Moenchengladbach, 5-Glenten, 0.

Nas outras competições europeias estão apurados Bayern de Munique (perdeu 1-2 com o CSKA mas havia ganho antes por 4-1) Ujpesti (ganhou a penaltias com o Spartak de Tarnava, após novo empate de 1-1) e Celtic (vitória por 4-2, sobre o Bâle, da Suíça, com quem tinha perdido, antes, por 2-3). Atlético de Madrid e Estrela Vermelha jogam hoje.

Na Taça UEFA, classificaram-se para as meias-finais o Stuttgart, Leipzig (eliminou o Ipswich Ton por grandes penalidades após vitória de 0-1), Tottenham (nova vitória sobre o Colónia, agora por 3-0) e Feyenoord (vitória no prolongamento por 3-1) sobre os polacos de Ruch Chorzow).

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 29 DE 24 MARÇO 74

Beira Baixa, 221 1xx 1x1 11x2; Boa Nova, 221 111 111 1121; Cardeal Saraiva, 2x1 111 111 x121; Cavalcada do Ritmo, 221 111 11x x121; Centro Desportivo, 221 11x x1x 2121; Comércio de Portimão, 2x1 x1x 211 1121; Correio dos Açores, 221

1xx 11x 122x; Correio dos Açores, 2x1 11x 112 1x21; Correio do Vouga, 2x1 111 112 2111; A Defesa, 221 1xx 112 xx21; Diário do Minho, 2x1 11x 112 1221; Eu sei Tudo, 2x1 x11 1x1 11x1; Folha de Domingo, 2x1 1x1 x11 1x21; Imagens Pie-

denses, 221 112 x12 1x11; Jornal do Barreiro, 2x1 xxx 11x x12x; Jornal de Felgueiras, 221 1xx 211 112x; Jornal da Lixa, 221 112 x11 1x11; Jornal de Santo Tirso, 2x1 112 x1x 11xx; Jornal de Viseu, 221 1xx 11x 1121; Linhas de Elvas, 221 111

x11 112x; Maria da Fonte, 221 11x x1x 1221; Notícias de Chaves, 221 11x 211 1x2x; Notícias de Felgueiras, 2x1 1xx 111 xx21; Povo Algarvio, 2x1 111 111 1x21; Presença Coimbrã, 2x1 x11 211 1x21; A Rabeca, 221 1xx 111 11x1; Rádio Alentejo, 221 1xx x11 1121; Reconquista, 221 11x 111 1x21; Revista de Som, 2x1 11x 111 21x1; A Voz do Domingo 22x 11x 112 1221; Açores, 2x1 11x 111 122x; Folha de Tondela, 2x1 11x 111 1121; O Algarve, 221 111 x11 1x21; Sporting, 221 1x1 11x 1x2x; O Benfica, 221 111x22x; A Comarca de Arganil, 221 1xx 111 x221; Revista Desportiva, 221 112 112 2221; Ritmo, 2x1 11x 11x x22x; O Comércio de Leixões, 221 11x x11 1x21; O Conselho de Estarreja, 2x1 1xx 111 x22x; Às 10 espere por nós, 2x1 2xx 1x2 2221; Diário do Alentejo, 221 11x x12 xx21; Diário de Lisboa, 2x1 x11 11x x121; Ecos de Cacia, 221 11x 211 1x21; Ecos do Desporto, 2x1 1xx 11x 1221; Emissor Regional da Guiné, 221 xxx 211 xx2x; Epoca, 221 1xx 111 xx21;

Dos fracos não reza a história, 2x1 1x2 111 2xx1; A Ilha, 221 111 111 111; Jornal da Beira, 221 11x 111 x121; Jornal da Graça, 111 111 111 1111; Jornal de Notícias 2x1 11x x11 2121; Jornal de Sintra, 221 1xx 111 x12x; Litoral, 221 111 111 1x2x; Manchete Desportiva, 221 112 111 1x21; Mundo Desportivo, 221 1xx x1x 1121; O Norte Desportivo, 221 x1x x1x 1x21; Notícias de Gouveia, 2x1 1x1 111 x222; A Ordem, 2x1 112 111 21x1; Peça que não faça 221 1x2 111 1121; notícias do Totobola, 221 111 111 1121; Apostolado, 2xx 12x 11x xx21; Bondiazinho, 221 x12 112 1221; Brado Africano Desporto, 221 11x 11x 1121; Brado Africano Ronga, 2x1 1x2 11x 1121; Domingo Alegre, 221 111 112 1121; Jornal Desportivo 221 x11 11x x22x; Passatempo, 221 112 111 2121; Revista Desportiva, 221 1x2 x11 112x; Roteiro Sonoro, 221 112 111 2121; Terceiro Programa, 2xx 112 11x 122x; 20 Ponto D, 2x1 x12 212 x22x; Quelimane 73, 221 111 x1x 1x21; Renovação 221 1xx x12 1x21; Diário, 221 1xx x1x

112x; Boletim Desportivo, 111 111 111 111; Clube do Ar, 2x1 1x2 121 xx21; Diário do Porto, 221 11x x11 1xx1; Miscelânea Musical 221 111 11x 1xx1; Montra do Êxito, 221 x12 x11 x12x; Música e Desporto, 221 x12 11x 2112; O Primeiro de Janeiro, 221 11x x11 1x21; O Programa da Manhã, 221 11x 112 2xx1; Programa Sem Nome, 2x1 111 111 1121; Quadrante Desportivo, 221 112 x11 1121; Quadrante Norte, 221 x12 212 x1x1; Rádio Sports, 22x 112 211 1x21; Resenha Desportiva, 221 1xx 11x 1121; Ritmo e Amizade, 221 1x2 xx1 1xx; Só Rádio, 221 1xx x11 1xx1; Notícias de Evora, 221 11x x11 1x2x; Penalti, 211 11x 111 1121; Repórter do Dia-Angola, 2x1 11x 11x 1x21; República, 221 121 x11 x222; O Sorriso da hora do almoço, x1x 121 121 1x21; O Telégrafo, 2x1 1xx 11x 1121; Voz do Casa Pia, 221 1xx 111 1121; A Voz Desportiva, 221 112 x11 1x22; Voz de Lamego, 221 112 111 212x; A Voz de Palmela, 2x1 112 111 xx21; A Voz dos Rídiculos, 221 111 11x 1x21.

	RESUMO			BOLAS			(a)
	1	X	2	1	X	2	
1. BEIRA MAR-BENFICA	2	5	94	1	1	10	
2. GUIMARAES-SPORTING	6	31	64	1	4	7	
3. PORTO-ACADÉMICA	95	6	0	11	1	1	
4. MONTIJO-OLHANENSE	86	14	1	9	2	1	
5. CUF-BARREIRENSE	66	32	3	7	4	1	
6. PARENSE-SETÚBAL	26	50	25	3	6	3	
7. ORIENTAL-HOAVISTA	63	29	9	7	4	1	
8. BELENENSES-LEIXOES	95	4	2	10	1	1	
9. FEIRENSE-RIOPELE	60	26	15	7	3	2	
10. UNIAO COIMBRA-ESPINHO	62	27	12	7	3	2	
11. SINTRENSE-UNIAO LEIRIA	44	38	19	5	5	2	
12. ALHANDRA-ATLÉTICO	6	13	82	1	2	9	
13. MARINHA-FLUMINENSE	23	23	1	8	4	1	

a) Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entraram na urna do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A chave lógica será:
2,1 11x 111 1121

ZURIQUE, 1-SPORTING, 1

Damas no "Dia do Pai" salvou o Sporting da força

ZURIQUE, 21 — Já foi ontem, mas parecia sem fim aquela invasão de lousas a quadra de madeira que um rapaz de verde defendia em pulos e voos, em mergulhos ou a pontapé, a soco e a sapa-tada, como Deus queira e, muitas vezes, mesmo como as leis laterais lisboetas, engalfinhava no no-velo do meio-campo a debilidade de quantos surgiam pela frente e, segundo após cada segundo, ganhava novo lance, novo momento para perigo, mais um «canto», mais uma ovação para o rapazinho.

«Era o «Dia do Pai». Ele estava aqui, a ver-me: e eu queria que ele ficasse orgulhoso do seu «produto»...»

Vitor Manuel Damas de Oliveira é quase passeado em ombros pelas melhores palavras de toda a imprensa presente no Letzigrund e o próprio treinador contrário (Konietzka) teve a definição exacta: — Neste momento, Damas é o melhor guarda-redes da Europa.

SURPRESA

De facto meus amigos, não fora ele, esse tal rapazinho que sente e vibra com sportinguismo a glória ou o desaire do seu patrão e, de modo inapetível e justíssimo, esta «torcida» verde com muitos milhares de cabeças batera em retirada de Zurique com a bandeira e a gaitinha bem enroladas em papel de outra cor. A avalanche produzida pela equipa suíça foi tão impressionante, naquele dramático início de esgrima, que aos 10 minutos o Sporting tinha cedido outros tantos «cantos». Damas fizera cinco defesas espectaculares e também, tanto Bastos como Alinho, tinham conseguido cortar para aí, umas dez ou quinze avançadas com sinal de perigo a vermelho. Isto sem contar com cinco «chances» de remate na área de «penalite» que saltaram a roçar os travessões verde-brancos. Quer dizer: só visto. Contado, assim para ficar na história, ninguém acredita...

Mas, foi bom que estes muitos milhares de portugueses, vindos de todo o lado da Europa, encontrassem um secreto prazer satisfeito: a honra de estar no lote semifinalista de uma competição europeia que parecia ter fugido de Portugal com as «tácticas» de Hagan...

SINAL DOS TEMPOS

Carga ligeira do Zurique, des-trambelhamento impressionante do muito jovem Carlos Pereira (ante o turbulento Botteron) e do esforçado (mas só isso) José Carlos, que como toda a gente sabe, é neste instante uma sombra da sua própria carreira. Mas, a paixão pelo futebol e o desejo de prolongar a carreira em campo até à hora de um festival com faixa nacional e medalha europeia, fascinam aquele que foi um grande «internacional». O companheirismo de muitos anos por banda de Mário Lino e a impossibilidade de utilizar Manaca, fizeram o resto que poupamos ao texto para o leitor: uma miséria pegada.

Evidentemente que o futebol, de há uns tempos a esta parte, joga-se com força nas pernas e velocidade nos pezinhos. Não se move só com o prestígio das camisolas. É o fim dos Charltons e dos Moores, de outros Charltons e de outros Moores que temos aí por casa ainda em circulação. Sair a tempo foi a maior virtude de Peyroteu e Travassos. Quem se recorda hoje de Matateu ou de Azevedo?

OS GOLOS

Regressamos ao jogo. Vinte minutos alucinantes, de salve-se quem-puder. O golo de Botteron após concurso de pontaria, cilindrou os brasileiros dos bombos e apagou o sorriso da própria Carmizé. Os «cantos» nunca mais paravam. Pontapés para a linha lateral eram em fartote. O público perguntava a si próprio que raio de estilo de futebol era aquele, o do Sporting impante em Portugal e altaneiro na Europa. E o Zurique, depois de um «túnel» por entre as pernas de Carlos Pereira, vê o segundo golo ser cortado pelo árbitro com a marcação de um livre contra o Spor-

Pelo nosso enviado especial
NEVES DE SOUSA

ting a menos de cinco metros da bolinha branca do sítio para «penalite».

Porém, aquele «milagroso» chute de Baltasar, a concluir uma tentativa pessoalíssima de Dinis e um soberano cruzamento da direita, fez acreditar que, afinal, era de se pensar em levantar a cabeça. E o Sporting, apesar do egoísmo de Yazalde (que queria entrar com a bola dentro da baliza, mas não tinha força para o pontapé fatal, após cada série de fintas) até poderia ter conseguido outro tento: caso de sorte pura, como se entende, pois até à meia hora só havia um senhor no terreno e o sacudir de ombos «leonino» só durou o tempo dos aplausos a concretização de Baltasar como atirador ao golo.

Verdade se diga que, depois naquilo que faltava para completar um primeiro tempo que durou quase 50 minutos, o árbitro fez quanto era mais preciso para, num país latino ou sem educação de base, ainda agora estar sem fala no banco do hospital mais próximo. Deixou que os «pares» se tratassem o mais desarmóniosamente que se pode imaginar: e, desde o intratável Heer ao Dinis também com pelinho na venta, teria sido preciso um calote de cartões amarelos para contemplar os necessitados. Do ponto de vista disciplinar, portanto, o húngaro Muncz foi zero à esquerda



NELSON E FRAGUITO: Um saiu, por haver sido expulso; outro regressou à equipa após três meses de ausência por operação ao menisco

de número. E, no tempo técnico seria reprovado para juiz de distritais corporativos — desde os seus preciosismos na marcação de lançamentos laterais, até aos «penaltes» que se esquecia de ver para os trocar por livres dentro da área, houve de tudo um pouco. Como o próprio Damas confessou:

«É verdade: fizemos dois «penaltes». Mais sorridente, acrescentaria: «Mas eu defendia-os».

Aliás, num desses golos, Nelson desatou a discutir com o húngaro: viu o cartão amarelo e ficou logo na lista de espera para o olho da rua. Ao intervalo, ele teve tanto a consciência disso que pediu aos colegas:

— Ajudem-me, porque esse «ti-po» vai por-me na rua.

E assim foi.

DINIS

Todavia, ainda na primeira parte, Baltasar ficava a um passo de outro «amarelo». Yazalde entrou para o bolso de Blonda (ou de Zigerli), Wagner andaria em ofício de corpo bem ausente, Márinho ficaria em metade das suas boas corridas e todo o Sporting, tem-tentando calas, espreitaria mais vezes o relógio do estádio que um casal de noivos em almoço de casório. Isto tudo, acentue-se, no meio de um completo domínio da situação por parte do Zurique e, pelo menos, largos 20 minutos: só o golo es-

ria aquela montanha, grande como as da Suíça.

Lentamente, porém, o Sporting lá se ergueu das canetas. Ai, então foi a vez de Dinis mostrar a sua espantosa habilidade de pés: e de captivar, em sortilégio, todo o público, num render ao talento para o jogo deste rapagão-menino que só peca por ter impulsos bruscos demais para quem tem de pousar um olho no árbitro e outro no próprio exemplo que representa para quantos garotos o tratam como ídolo.

DAMAS

Rutschmann entraria para o lugar do arrasadinho Zigerli: Queimando os últimos cartuchos, o Zurique não conseguia, graças ao bom Deus, calibrar a pontaria ou apanhar Damas fora da bola. Porque, se na primeira metade o leopardo voador do Sporting fora somente brilhante, lá para o fim ele estava um colosso. Um galgo que não perdia vinte segundos para apanhar a lebre.

Dir-me-ia o dr. Nunes dos Santos:

«A surgir um segundo golo helvético, seria o nosso adeus».

Mas, foi providencial o empate: na 2.ª parte até poderíamos ter ganho, pois tivemos comportamento muito agradável, o que justifica es-



NELSON E FRAGUITO: Um saiu, por haver sido expulso; outro regressou à equipa após três meses de ausência por operação ao menisco

te resultado compensador do esforço feito pela equipa em condições que ninguém esperava. Mas, se não fosse termos Damas na baliza, não sei o que aconteceria...

Galloway, o velho treinador da época de «violinos», não se cansava de afirmar: E dos melhores do mundo — a bancada em peso dava toda a razão ao velho inglês de Florença.

NELSON

Dinis e Bastos, Alinho e Baltasar, realmente não mereciam perder aqui a sua boa estrela na «Taça das Taças». E, mesmo Yazalde, este Yazalde a meio gás sem se entender o porque, teria rasgos simplesmente portentosos: fogo na noite como breu. Mas o argentino queria justificar o cartaz: e não via, ninguém aos lados para o endosse ou para o remate. Nem mesmo Márinho, a quem não se perdoaria que recebesse sem fazer golo um dos três lances em serpentina criados por Yazalde, o fulgurante. Mas, o amigo «Chirola» persegue o ribombar da ovação por essa Europa fora. A vaidadezinha ou o entusiasmo são de perdoar em troca dos bons serviços prestados... e a prestar.

Cá temos de falar no chute de Nelson as pernas de Martinelli, a valer expulsão imediata. Nelson garantiu-me na cabina: — Não senhor, não foi com má vontade que lhe travei a corrida e ninguém é expulso. Até o Martinelli me disse

que não percebia a atitude do árbitro.

O juiz, na conferência em mangas de camisa, foi firme:

— Limitem-se a cumprir a lei. Demorei 3 minutos e 50 segundos a mais a primeira parte, porque o Sporting estava sistematicamente a queimar tempo nas reposições de bola. Gostei de ver Damas, Alinho, Dinis e Nelson: mas este, com a sua maneira antidesportiva de jogar, acaba por ser mau até para si...

O presidente João Rocha, foi confortar o madeirense:

— Nelson também recebera o prémio da vitória na eliminatória (9 contos do clube e os outros quase duplos da algebeira presidencial). Entendo que a expulsão dele foi o único erro do árbitro: e ninguém pode ser castigado por falta que não cometeu.

ALERTA

Outra vez ao jogo: Damas mergulha, voa, grita e ajuda.

Bastos e Alinho são ferozes na defesa do pecúlio já amealhado. Uma enorme confusão ficava depois na peneira: lá para a frente, era Dinis, Dinis, Dinis e mais nada. Dinis que, cá atrás, também foi «back» e dos bons.

Pontapeando por Jeandupeux, o louro Baltasar responde e fica em maus lençóis: cartão amarelo no nariz. Cabe aqui um alerta a todos os sportinguistas: que onda de nervos ou de sobrançeria é esta que está a tomar de assalto Alvalade? Já se fizeram contas à vida e reparado que só Damas, Carlos Pereira, Wagner e Yazalde, em todo o primeiro «team» de Lino, não foram castigados (com amarelos ou vermelhos) esta temporada? Quem é capaz de adivinhar o grupo que poderá alinhar numa final europeia para a qual seria preciso dispor do máximo de valores? Algo vai mal, meus amigos: vamos procurar emenda antes do julgamento?

JULGAMENTO

Aos 54 minutos «espalhaço» do árbitro: José Carlos, com a mão direita, corta com a mão uma avançada na grande área que estava a ser centrada por Jeandupeux. Cairia por aí o Carmo e a Trindade: por cá, a fleuma dá para se observar o futebol como um meio de vida e nunca um meio de morte...

Baltasar ainda trocou uns sopapinhos com Botteron.

E, copiando aquilo que Konietzka fizera antes (a saída de Heer por ter sido advertido com cartão amarelo por jogo perigoso que estava a ser continuado), Mário Lino pouco mais tempo daria a Baltasar para andar à procura do sujeito da camisola onze. Chico para o lugar de Wagner e, depois de mais duas defesas de Damas e de três brilhantes de Dinis, aí tínhamos Baltasar a dar o posto a Fraguito: a demora e a não sincronização do duplo refrescamento da turma foi exclusivamente por que Fraguito, após um exercíciozinho de aquecimento, voltou para as mãos do médico. E só jogaria em descontração, quase a passo. De resto, fica sem se compreender bem a razão porque Lino resolveu fazer o teste a Fraguito naquelas circunstâncias: toda a gente à «sarrafada» e o vila-realense exposto a novo acidente no joelho. Mas, isso não é do nosso domínio. E como médio de Trás-os-Montes nos garantiu, já no Hotel, que nada lhe tinha doido, ficamos assim.

CONCEITOS

Acaba o martírio com um minuto bonitinho: os jogadores a trocarem camisolas, Sporting de branco como anjo, no centro do estádio a recolher palmos como gladiador triunfante.

«Aqui, tudo foi diferente. O ataque de Zurique tinha de jogar a pensar só neste encontro: nós, no domingo, teremos de ir a Guimarães. A partir do momento do empate (digo mesmo: apesar do golo de abertura) nunca duvidei que já tínhamos ganho a eliminatória».

Isto me diz Mário Lino, com o sol a nascer. Acrescenta o calmo treinador do Sporting: «Temos de recuperar a equipa do esforço feito na segunda parte, quando ficou com 10 elementos. Por isso, o estágio que principiou na véspera do jogo com o Porto só terminará quando voltarmos de Guimarães para Lisboa».

Sobre o jogo: «No ângulo em que estava não vi nenhum «penalite» no jogo. Nem a falta de Nelson. Só vi toques e nunca agressões».

O presidente João Rocha dava mais autógrafos que Artur Agostinho e, sempre lembrando os dois golos que Yazalde poderia ter feito quase ao sinal de fim, declarou-me: «Há muito tempo que não via uma arbitragem como esta — excelente no critério com que manteve

DL / DESPORTOS



Dinis ganha a bola a um adversário e vai lançar Baltasar, a caminho do golo

a sua opinião perante um público que discutia com paixão cada lance. Todavia, aqueles 10 minutos iniciais estiveram prestes a desencadear uma catástrofe. Se conseguíssemos os golos perdidos por Yazalde ou aquele que seria o segundo de Baltasar, ficaríamos à frente no troféu «Adidas», o que, financeiramente seria ótimo. Mas, não se deve desejar tudo num só pedido ao Menino Jesus...

José Arsénio, director do departamento de futebol de Alvalade, afirmaria por este tom:

«De entrada, meteram-nos um certo respeito. O Damas, em noite maravilhosa, deu à equipa uma tal confiança que os colegas até se multiplicaram quando ficaram com menos um jogador. O nosso golo veio na melhor altura: e eu fiquei logo confiante. Parabéns à valentia e coragem dos rapazes. Estou também satisfeito com a arbitragem, que não nos prejudicou e conseguiu segurar os ânimos».

SUSPIRO DE ALIVIO

Volto ao princípio. Não já para falar só de Damas, sim de algo mais.

De como me espantei pelos cães com tratador que estavam à volta do relvado: e como compreendi também como é encarado por cá um puro e simples encontro de futebol. De como os disticos e as bandeiras, as gaitinhas e os bombos ajudam, mas não só: por vezes, essa proximidade dos jogadores (nos hotéis em que eles estagiam sobretudo) pode desencadear uma queda magistral e a todo o comprimento. De como há sempre um português que espera por nós algures no mundo: em Zurique, os portugueses vieram à procura de um Sporting nas meias-finais da «Taça das Taças» e isso é o que conta para explicar o carimbo no passaporte.

Mas aqui em segredo, poucos ainda recuperaram dos calafrios, daquele banho de bola que desaguou sobre a defesa do Sporting ou para as mãos de Damas ou fora dos olhos do juiz. Tudo a ajudar-nos: algum dia havia de ser. E este Sporting que continua sem exibir os seus trunfos de primeira água (Laranjeira, Tomé, um Fraguito recuperado, um «team» sem marcas de lesão ou com castigos pendurados) bem mereceu saltar a barreira. Só com o formi-

TOTOBOLA

A chave incompleta

T. CAMPEÕES	1 Celtic - Basel	/							
	2 A Madrid - E Vermelha								
	3 Ujpest - Spartak					X			
	4 CSKA Sofia - Bayern M	/							
T. TACA	5 Zurique - SPORTING					X			
	6 Salónica - Milán					X			
T. V TACA	7 Zagora - Magdeburgo					X			
	8 M'gladbach - Stettin	/							
TACA UEFA	9 SETUBAL - Stuttgart						X		
	10 L Leipzig - Ipswich	/							
	11 Tottenham - Colónia								
	12 Feyenoord - R Chorzow							X	

SPORTINGUISTAS!

ESTAREMOS ONDE ESTIVER O

SPORTING!

DOMINGO EM GUIMARÃES

COMBOIO VERDE — 250\$00

Partida — Domingo — às 5 h.

CAMIONETAS VERDES — 150\$00

Partidas — Sábado — 14.30 h.

— 24.00 h.

RESTAM POUCOS BILHETES!

CONTACTAR: Estádio Sporting

Porta 10-A

MILHARES DE CORNETAS

TODOS A GUIMARÃES

APOIANDO A EQUIPA

SPORTING!

SPORTING!

SPORTING!

LELLO & IRMÃO

EDITORES
APRESENTAM
AS NOVIDADES
LITERÁRIAS
SANT'ANNA
DIONÍSIO

**ALTO DOURO
IGNOTO**

Primorosa descrição da imponente e majestosa paisagem da região atravessada pelo Rio Douro, ilustrada com expressivas gravuras

1 volume brochado
esc. 75\$00

PINHARANDA
GOMES

**PENSAMENTO
E MOVIMENTO**

Dicionário de ideias. Um compêndio de filosofia que tanto interessa a professores como a estudantes, a eruditos como a curiosos

1 volume brochado
esc. 65\$00

RUA DAS CARMELITAS,
144 — PORTO

**SINDICATO NACIONAL DOS
TÉCNICOS DE DESENHO**

REUNIÃO GERAL DE SÓCIOS

CONVOCAÇÃO

Convocam-se todos os sócios do Sindicato, para uma reunião de trabalho, que se realiza amanhã, dia 22, Sexta-feira, às 21,00 horas, na «VOZ DO OPERÁRIO», Rua Voz do Operário, 13, em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Informações sindicais:
 - a) Convenções Colectivas de Trabalho em curso.
 - b) Enquadramento Sindical.
- 2 — Projecto dos Estatutos de Delegados Sindicais.

Lisboa, 21 de Março de 1974.

A DIRECÇÃO

**Horários
e tarifas
de passageiros**

Os Caminhos de Ferro Portugueses atendem diariamente os seus pedidos de informações das 8 às 24 horas pelo telefone 32 62 26 (4 linhas) Lisboa

Caminhos de Ferro Portugueses

televisão**HOJE**

1.º Programa (22.05)
Noite de Teatro

«O VAGABUNDO DAS MÃOS DE OIRO»

Peça da autoria de Romeu Correia com interpretações de Carlos Miguel, Rui Furtado, Leonor Poelra, Lurdes Lima, Manuela Maria, Josefina Silva, Vítor Ribeiro, Helena Isabel, Luís Horta, Armando Cortez e Cristina Cassola. A realização pertence a Pedro Martins

2.º Programa (22.30)

«OS PRIMEIROS CHURCHILL»

MADEIRA SIEMENS

INLAND

O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa
1.º Período

- 12.45 Abertura e Desenhos animados «Pica-Pau»
13.00 Da saúde e da vida
13.15 «A rapariga que sabia de mais»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Um dia com...
14.20 Logo à noite

2.º Período

- 14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa — Educação Musical (crianças)
19.25 Filme infantil «O Diário das Fábulas»
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Cinemateca
20.20 Livros e Autores
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.05 Noite de Teatro — «O Vagabundo das Mãos de Oiro»
23.50 Telejornal — 4.ª edição
00.00 Meditação e fecho

2.º Programa

- 20.30 Abertura e Desenhos animados «Pica-Pau»
20.40 Um dia com...
21.00 «A rapariga que sabia de mais»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Tempo internacional
22.30 Foi êxito na TV — «Os Primeiros Churchill»
23.25 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período

- 12.45 Abertura e desenhos animados «TV Funnes»
13.00 Saber não faz mal
13.15 «George»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Fim-de-semana
14.20 Logo à noite

2.º Período

- 14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.25 Filme infantil «O Diário das Fábulas»
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 TV Infantil
20.00 Cartaz TV
20.30 A marcha do Mundo
21.00 Inventário musical
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.05 «Minha mulher mora ao lado»
22.30 Portugal no século XX
23.00 Telejornal — 4.ª edição
23.40 Meditação e fecho

2.º Programa

- 20.30 Abertura e Desenhos animados «Pica-Pau»
20.45 Saber não faz mal
21.00 «George»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Museu do cinema
23.00 Franck Sinatra
23.55 Fecho

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado e o vento era fraco ou moderado de Noroeste e caíam aguaceiros na região de Lisboa.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	9º
P. DOURADAS	2º
COIMBRA	7º
PORTALEGRE	4º
LISBOA	10º
FARO	11º
FUNCHAL	14º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Praia da Rocha
Máxima

Penhas da Saúde
Mínima

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Agua do mar 13º
Atmosfera 9,7º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
2.41 3,6 m	8.24 1,1 m
15.06 3,5 m	20.36 1,1 m

Dia 22

3.19 3,7 m	8.58 1,0 m
15.41 3,6 m	21.10 1,0 m

Dia 23

3.54 3,8 m	9.30 0,8 m
16.14 3,7 m	21.44 0,8 m

**PREVISÃO GERAL ATÉ
AS 24 H. DE AMANHÃ**

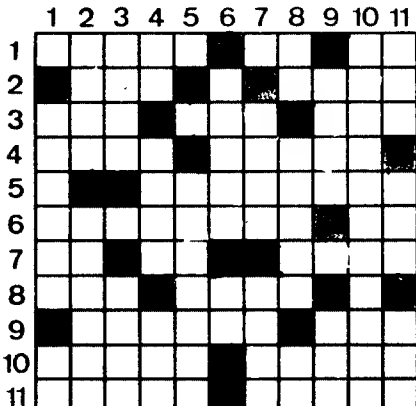
Céu com períodos de muito nublado; vento fraco ou moderado de Norte; aguaceiros diminuindo de frequência.

palavras cruzadas**COM PROVÉRBO**

PROBLEMA N.º 10730

HORIZONTAIS:

- 1 Removem. Artigo definido. Utensílio doméstico.
- 2 Viscera. Acreditadas.
- 3 Irmã da mãe. Cidade de Espanha. Ligo.
- 4 Vento forte. Domésticas.
- 5 Terminaram.
- 6 Agarramos (fig). Nota musical.
- 7 Sufixo que designa estado. Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis. Transpirem.
- 8 Graça. Vila e concelho do distrito de Évora.
- 9 Coberto de mato. Prendo.
- 10 Malogras. Lodos.
- 11 Antiga cidade da Arcádia. Freguesia do concelho de Guimarães.

**VERTICAIS:**

- 1 As idades. Gálio (s.q.).
- 2 Rio da Bética. Estavamos.
- 3 Quotidiano. Pessoa que dança mal (Prov. alentej.).
- 4 Antes do meio dia. Ilha do arquipélago do Havaí onde se encontra o Porto das Perolas. Rio da Escócia.
- 5 Quente.
- 6 Modificam. Artigo definido.
- 7 Arvore de São Tomé, de sementes medicinais. Ave semelhante à pomba.
- 8 Escândio (s.q.). Cidade de Itália. Caminhar.
- 9 Sair frequentemente à rua. Patrão.
- 10 Espíritos.
- 11 Guarnição de asas. Pronome pessoal. Sufixo que designa abundância.

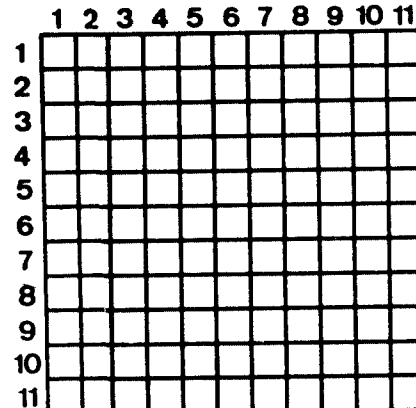
Resolva completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6888

HORIZONTAIS:

- 1 Ruim. Apelido. Mil e um em romano.
- 2 Combinar. Gritos lamentosos dos cães.
- 3 Possuir. Colocar. Nome de vários papas.
- 4 Prefixo de negação. Um dos nomes de Minerva considerada como deusa da Guerra. O mais.
- 5 Enrubesciam.
- 6 Disfarça (fig). O mesmo que rabino.
- 7 Artigo definido. (ant). Colbalto (s.q.).
- 8 Cidade de Espanha. Roo.
- 9 Quarto. Lidam.
- 10 Natalício. Pinta.
- 11 Que não fala. Deste modo.

**VERTICAIS:**

- 1 Infanta portuguesa, filha de D. Afonso Henriques. Ilha do estado da Bala.
- 2 Acolá. Freguesia do concelho de Vila Nova de Gaia.
- 3 Distar. Cento e um em romano. Basta.
- 4 Miriare. Estado da Europa que ocupa parte da orla ocidental da Península Ibérica.
- 5 Arpoara. Rio do Egipto.
- 6 Olé.
- 7 Enfeitava com objectos de ouro. Peça com que se estreitava a abertura dos chapéus.
- 8 Nota musical. Tumores malignos.
- 9 Vossa paternidade. Extremidades dos braços. Nota musical (Inv.9).
- 10 Triturava. Seis em romano.
- 11 Separa. Acento.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10729**HORIZONTAIS:**

- 1 QUEM TEM. Cá.
- 2 Ura. Temidas.
- 3 An. Cu. Pias.
- 4 Lás. Dra. Ac.
- 5 Seroar. Nio.
- 6 La. Mates.
- 7 Ana. Ca. Al.
- 8 Zã. Al. Amara.
- 9 Eta. Erva. Al.
- 10 Lava. Airosa.
- 11 Asais. Aarão.

VERTICAIS:

- 1 Qual. MAZELA.
- 2 Urnas. Natas.
- 3 Ea. Seca. Ava.
- 4 Ra. Ai.
- 5 TUDO. LHE.
- 6 Te. Rama. Rã.
- 7 Empara. Avia.
- 8 Mil. Tâmara.
- 9 Dã. NELA. Or.
- 10 Casais. Rasa.
- 11 As. Co. Calão.

Provérbo: QUEM TEM MAZELA, TUDO LHE DÁ NELA

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6887**HORIZONTAIS:**

- 1 Macedónia.
- 2 Moras.
- 3 Abalo. Ataco.
- 4 Dará. Aura.
- 5 Rir. Coa. Ror.
- 6 Ilama. Clima.
- 7 Dava. Ocas.
- 8 Martínos.
- 9 Gorar.
- 10 Jabés. Larva.
- 11 Acama. Essas.

VERTICAIS:

- 1 Madrid. Eja.
- 2 Bailam. Ac.
- 3 Amarrava. Ba.
- 4 Cola. Margem.
- 5 Ero. Ca. Tosa.
- 6 Dã. Fo. Vir.
- 7 Ora. Ac. Ralé.
- 8 Nata. Lórras.
- 9 Isáurico. Rs.
- 10 Cromas. Va.
- 11 Toaras. Cãs.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	66 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

AMANHÃ

NAScer AS 7.39
OCASO AS 19.50

DIA 23 DIA 31 DIA 6 DIA 14

EMISSION 1.º Programa

16.00 Noticiário
16.05 Ao encontro da melodia
16.30 Convívio
16.05 Música popular portuguesa
16.30 Espectáculo
19.05 Seleção da opereta «O Barão Cigano» de Johann Strauss
20.00 Jornal da noite
20.30 45.º episódio do folhetim «O Monte dos Ventos Uivantes»
20.50 Melodias
21.00 Momento 74
21.20 Música portuguesa
22.00 «O Homem e a Natureza», pelo dr. Almeida Fernandes e Gil Montalverne
22.20 Fados, por Ana Maria Xavier
22.40 Ritmos de todo o mundo
23.05 De um dia para o outro, por Armando Correia
00.00 Junção (entrada do MF 1 de Lisboa) — sinal horário

Programa em MF 1 de Lisboa

23.00 Rádio universidade
00.00 Junção com o 1.º programa

2.º Programa

16.00 Que quer ouvir? um programa elaborado por Margarida Brandão
16.00 Música portuguesa
19.00 O Canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas
20.30 Música de câmara
20.45 Temas sociológicos, pelo dr. Carlos Cunha
21.00 Opera sem palavras
21.30 A palavra e a forma

22.00 Poema sinfónico «D. Quixote» (Strauss)
22.45 A harmonia das horas, pelo reverendo padre dr. Videira Pires
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

Programa estereofónico MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Música coral sinfónica; oratória «Golgopha» (Frank Martin)
23.33 Solos de violino
00.04 Música sinfónica
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE
Onda Média

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
16.02 Programa movimento
21.03 Diálogo
21.08 Serão musical
21.30 Quando o telefone toca
22.05 Antiquário
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.19 Grandes orquestras
23.30 No mundo aconteceu
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Modulação de frequência

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
16.02 O nosso programa
19.04 Em órbita-1
21.02 Boa noite em FM
22.02 Clube à Gô-Gô

23.00 Noticiário; clube à Gô-Gô (continuação)
00.02 Em órbita-2
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Noticiário
16.05 Radiorama
16.00 Emissão 14
18.22 Palavra do dia/no final - Terço e bênção da Basílica dos Mártires
19.00 Jornal do serviço de noticiários e reportagens de R. Renascença
19.30 Página 1
21.04 Meditando
21.08 Poente
21.30 Curso de língua alemã
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema 13
23.05 A 23.ª hora.

EMISSIONES ASSOCIADAS DE LISBOA

CLUBE RADIOFÓNICO DE PORTUGAL
Das 06.00 às 10.00 e das 22.00 às 02.00

RÁDIO VOZ DE LISBOA
Das 10.00 às 12.00 e das 19.30 às 22.00

RÁDIO PENINSULAR
Das 12.00 às 14.30

RÁDIO GRAÇA
Das 14.30 às 19.30

● cinemas ●

LISBOA

TURNO B-1
TODA A NOITE

AJUDA
Boa Hora, Rua dos Quartéis, 25 (Tel. 637777)

ALVALADE
Pavia, Rinaldo Ferreira, 5-A (ao Pote de Água) (Tel. 710131). Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (Tel. 712803). Neoterapia, Campo Grande, 138 (Tel. 774682)

AREIRO
Vera Cruz, Praça Afrânio Pexoto, 2-B (à Avenida S. João de Deus) (Tel. 724941)

ARROIOS
Oriental de Lisboa, Rua de Arroios, 215 (Tel. 45079)

BAIRRO ALTO
Labor, Rua Diário de Notícias, 81 (Tel. 323428)

BAIRRO AMÉRICA
Martins, R. Fernão Magalhães, 33 (Tel. 849448)

BAIRRO DA ENCARNACÃO
Zra, Praça das Casas Novas, lote 66 (Tel. 310172)

BAIXA
Estácio, Rossio, 63 (Tel. 327067-32424)

BENFICA
Benfica, Estrada de Benfica, 678-E (Tel. 702532)

CAMPOLIDE
Central de Campolide, R. General Taborda, 17 (Tel. 680304)

CAMPO DE OURIQUE
Porto, Rua Francisco Metrass, 59 (Tel. 663349)

CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (Tel. 780181)

CONDE REDONDO
Davi, Rua Conde Redondo, 68-72 (Tel. 54342)

ESTRELA
Santos, Av. Pedro Álvares Cabral, 1 (Tel. 684282)

GRAÇA
Morão, Largo da Graça, 63 (Tel. 860700)

INTENDENTE
Gois, Rua dos Anjos, 12-12D (Tel. 840101)

LUMIAR
S. Tomé, Estrada do Desvio, lote 12-C (Tel. 790704)

RESTELO
Occidental, Rua D. Jerónimo Osório, J.M.P., 3 (Tel. 610256)

SANTOS-O-VELHO
Fontoura de Carvalho, Rua Santos-o-Velho, 12 (Tel. 662075)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sagres, Av. Luís Bivar, 69 (Tel. 472131)

XABREGAS
Romana, R. Actor Augusto de Melo, 7-A (Tel. 383800)

TURNO B-2
ATÉ AS 22 HORAS

AJUDA
Lopes Ribeiro, Rua do Cruzeiro, 117 (Tel. 633288)

ALFAMA
Aneli, Rua das Escolas Gerais, 88-A (Tel. 863940)

ALVALADE
Gasparinho, Rua Dr. Gama Barros, 45-A (Tel. 710465). Alvalade, Av. da Igreja, 18-A (Tel. 712070).

AREIRO
Onilda, Av. João XXI, 13-A (Tel. 726848)

AVENIDAS NOVAS
Cosmos, Av. João Cr. sosto-mo, 44-C (Tel. 40592). Universal, Rua Actor Taborda, 5 (Tel. 441581)

BAIRRO ACTORES
Nobel, Rua Actor Vale, 53 (a Fonte Monumental) (Tel. 842152)

BAIRRO DAS COLÓNIAS
Colonial, Rua Forno do Tijo-lo, 40 (Tel. 841122)

BAIXA
Morão, Rua da Assunção, 17 (Tel. 321289)

BENFICA
Souza, Estrada de Benfica, 429 (Tel. 780027-789985)

CAMPO GRANDE
(Ver Alvalade e Lumiar)

CAMPO DE OURIQUE
Ivone, Rua Silva Carvalho

232-C (Tel. 650760)

CAMPO PEQUENO
Miranda, Campo Pequeno 36-B (a Av. Sacadura Cabral) (Tel. 770776)

ESTRELA
Pavias e Parente, Rua de Santo António a Estrela, 96 (Tel. 66196)

LUMIAR
Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B (Tel. 790942)

MARVILA
Marvila, Rua Direita de Marvila, 25 (Tel. 381612)

OLIVAS
Higiene, Rua Cidade de Vila Cabral (ex-Rua B. 4), lote 43, zona Poente (Olivas Sui) (Tel. 310026)

PENHA DE FRANÇA
Nova Luz, Rua Domingos Jardo, 28-A (à Avenida D. Afonso III) (Tel. 843439)

PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B-C (Tel. 720703-728395)

REGO
Pratas e Mota, Rua da Beneficência, 91 (Tel. 773728)

RESTELO
Tanara, R. Rodrigo Rangel, 3-A (a encosta do Restelo próximo dos Moinhos) (Tel. 611814)

SANTO AMARO
Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B (Tel. 637020)

S. PAULO
Central, Rua de S. Paulo, 108 (Tel. 320383)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29 (Tel. 212081)

CAXIAS
Nova, R. Bernardino Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2432034)

OEIRAS
Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485)

PARADE
Macau, R. J. Elias Garcia, 60-C (Tel. 2471785)

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro (Tel. 263052)

ESTORIL
Parque, Arcadas do Parque, 3 (Tel. 260191)

CASCAIS
Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (Tel. 280141). Cascais, R. Conde de Monte Real-B.º Carxas (Tel. 282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P. D. João I-lote 148-Bº Janeiro (Tel. 932756). Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210). Igreja, P. da Igreja, 22-A (Tel. 937740). Jardim, Av. Conde de Oeiras, loja X-1-Reboleira (Tel. 938424)

DAMAIA
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Tel. 970461)

VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (Tel. 972530)

QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043). Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841)

CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181)

MEM MARTINS
Quimã, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Tel. 980456)

SINTRA
Marrazes, Rainha D. Amélia, 20 (Tel. 980155)

COLARES
Abreja (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250)

ALMADA
Silva Júnior (Tel. 278000)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fatima, Est. Nacional, 221-B (Tel. 224141)

BARREIRO
Normal, Av. Alfredo da Silva, 116 (Tel. 2073035)

COVA DA PIEDADE
Louro

MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)

MONTIJO
Diogo, R. Almirante Reis, 42 (Tel. 230032)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028)

SETÚBAL
Costa, L. da Misericórdia (Tel. 22760). Brasil, P. do Brasil (Tel. 24768)

SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

PORTO

1.º TURNO

ALVES DA SILVA, Av. da Boavista, 1016; **Azevedo (de)**, Rua do Meiral, 503; **Gomes Ferreira**, Rua Faria Guimarães, 449; **Nau Victória**, Rua Nau Victória, 723; **Ordem da Trindade**, Rua Her e Mart, Angola, s/n Terreiro, Rua da Reboleira, 21

SUB TURNO B

Antas (das), Av. Fernão Magalhães, 1076; **Ant. Porto do Olival**, C. Martires da Pátria, 122; **Falcão**, Rua de Santo Ildefonso, 61; **Ferreira**, Praça D. Afonso V., 55-B; **Lousada**, Largo do Campo Lindo, 62

COIMBRA

TURNO E

Cruz Viegas, Rua do Brasil, 154 (Tel. 22961); **Donato**, Rua Ferreira Borges, 2 e 6 (Tel. 22603); **Rainha Santa**, R. Figueira da Foz, 11-B (Tel. 24737)

ROXY (Tel. 48560)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
Technicolor Grupo D (18 anos)
Incrivelmente atrevido ROSAS VERMELHAS PARA O INIMIGO com Danny la Rue

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15 - 18.30 e 21.45
6.ª Semanal Technicolor. Grupo D (18 anos) Liv Ullmann - Gene Kelly - Edward Albert. «40 Idade Perigosa» Uma história de apaixonante interesse.

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 e 21.45
14.ª Semanal Technicolor. TODD - ao 35 Grupo D (18 anos) o filme de Norman Jewison. «Jesus Cristo Superstar»

CONDES (Tel. 322523-326710)
14.15-16.30-18.45-21.45
(Grupo D-18 anos)
«FIM DE SEMANA ILEGÍTIMO» o último grande filme de Dino Risi.

ROMA (Tel. 727778)
15.30 - 21.45 color
Grupo D (18 anos)
Giancarlo Giannini
SOU EU CULPADO?

CASINO ESTORIL (Tel. 26421-264946)
17.00 e 21.30
(grupo D - 18 anos)
«AQUELE APARTAMENTO» Com Mel Ferrer e Joanna Shimkus

CASINO ESTORIL (Te. 26421-264946)
17.00 - 21.30 Eastmancolor
Grupo D (18 anos)
O MISTÉRIO DO LAGO com Stefania Sandrelli e Keir Dullea

ESTÚDIO APOLO 70 (Tel. 763319)
15.15 - 18.30 - 21.45 19.ª Semanal Eastmancolor Grupo D (18 anos) o filme de Ingmar Bergman LAGRIMAS E SUSPIROS «Cries and Whispers» Hoje às 24.00 Clássicos à Meia-Noite Grupo D (18 anos) A FURIA DE VIVER de Nicholas Ray com James Dean

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
(Grupo C-14 anos)
Eastmancolor. Jean Louis Trintignant, Romy Schneider «O ÚLTIMO COMBOIO» 5.ª Semanal

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30 - 18.30 - 21.45 23.ª Semanal Eastmancolor Grupo D (18 anos) O PORTEIRO, Bernard Le Coq, Maureen Karwin, Michel Calabru.
Amanhã e Sábado às 00.30 Grupo B (10 anos) «Cinema Fora de Horas» VÊM AI OS CABELUDOS

IMPÉRIO (Tel. 555134)
Estreia às 21.30 Eastmancolor
Grupo C (14 anos). Simone Signoret, Alain Delon ALMAS A NU às 15.15 e 18.30 Grupo D (18 anos) ROSAS VERMELHAS.
Os Bons Velhos Tempos. Amanhã às 18.30 A obra-prima de mestre John Huston. 3 Oscars de Prémio Bienal MOULIN ROUGE com José Ferrer e Zsa Zsa Gabor.

LONDRES (Tel. 731313)
14.45 - 16.30 - 18.45 e 21.45
Colorido. Grupo D (18 anos) 4.ª Semanal Grande Prémio do Juri Festival de Cannes 1973. Uma festa fabulosa «O Convite» (L'invitation) o filme de Claude Goretta

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semanal Eastmancolor
Françoise Fabian, Jean Luc Bideau, Jane Birkin «PROJEÇÃO PRIVADA» (Estacionamento Parque Est. I)

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Eastmancolor. Piccoli, Stephane Audran «NUCIAS VERMELHAS». Um filme de Claude Chabrol.

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.15-18.30 e 21.45 2.ª Semanal (Grupo D-18 anos)
Um filme de António Cunha Teles. «MEUS AMIGOS» Manne Madeira, Teresa Mota, J. Paz Pereira, Maria Otília, António Modesto Navarro e Pedro Bandeira Freire (Metro: Alameda)

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 - 21.30 Eastmancolor
Grupo D (18 anos) Raquel Welch, Richard Johnson HELENA A GREGA Humor muito negro. Amanhã às 18.30 Grupo D (18 anos). Um filme de Ossie Davis HUMOR NEGRO E VIOLÊNCIA com Godfrey Cambridge e Redd Fox (Metro: Alameda)

S. JORGE (Tel. 54153/54154)
15.15 - 18.15 - 21.30 Grupo B (10 anos) Espectacular êxito 2.ª Semanal Ele ai está! Terence Hill E AGORA CHAMAM-ME MAGNÍFICO

ODEON (Tel. 326283)
15.15-18.15 e 21.30
(Grupo C - 14 anos) 4.ª Semanal Um filme de Constantino Esteves com Tony de Matos «DERRAPA-GEM». Atenção só à noite Tony de Matos canta no palco.

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 - 21.00
(Grupo B - 10 anos)
«CANTINFLAS FAZ TUDO» e em complemento «VIAGEM PARA O INFERNO»

POLITEAMA (Te. 326305)
15.15 - 18.15 - 21.45 Technicolor
Grupo D (14 anos) Giuliano Gemma, Bud Spencer ATE MESMO OS ANJOS COMEM FEIJÕES 2.ª Semanal
00.30 Grupo D (18 anos) Ciclo Terror à Meia-Noite. Amanhã DOIS NA GUILHOTINA (Col.) Sábado A DAMA VERMELHA MATA 7 VEZES (Col.)

VOX (Tel. 720808)
Hoje estreia às 21.45 Technicolor
Grupo C (14 anos) Nos limites da sua imaginação começa o filme COBRAS VENENOSAS. Hoje às 15.15 e 18.30 últimas exibições do filme NEM VISTO NEM ACHADO com Kurt Russell e Joe Flynn

CINEARTE (Tel. 660446)
15.30 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
Eastmancolor
Mao Ying. «A RAPARIGA INVEN-CÍVEL»

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.30 - 18.30 - 21.45 Color
Grupo D (18 anos). A obra-prima de Gisa Oshima CERIMONIA SOLENE Amanhã e sábado às 00.15 Grupo D (18 anos) CERIMONIA SOLENE

ALVALADE (Tel. 717480)
15.30-18.30-21.45
(Grupo D-18 anos)
Colorido. O último grande filme de Dino Risi «FIM DE SEMANA ILEGÍTIMO» Marcello Mastroianni, Oliver Reed, Carol Andre.
(Metro: Alvalade)

EDEN (Tel. 320768)
15.30, 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semanal Colorido
«OS 4 SARGENTOS BOINAS VERDES» William Smith e Tony Young.

PATHÉ (Tel. 821933)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Colorido
Joanne Woodward no filme de Paul Newman «A INFLUÊNCIA DOS RAIOS GAMA NO COMPORTAMENTO DAS MARGARIDAS». Prémio interpretação feminina Cannes 73 (Metro Arroios).

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 - 21.45 2.ª Semanal (Grupo C-14 anos)
Technicolor
«ATE MESMO OS ANJOS COMEM FEIJÕES» Giuliano Gemma e Bud Spencer.

RESTELO (Tel. 610275)
21.30
(Grupo D-18 anos)
Technicolor. O maior filme da época «VIDA EM FAMÍLIA» com Sandy Ratcliff e Bill Dean.

VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«ALFREDO! ALFREDO»
CARLOS ALBERTO
21.30 (14 anos)
«Sabata» e «O pequeno Ba-nhista».

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Punhos da vingança»

ÁGUA D'OURO
21.30 (18 anos)
«O Boxeur chinês»

BATALHA
21.00 (18 anos)
«O misterioso Mr. Mackintosh»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«O último comboio»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Quando passam as cegonhas»

COLISEU
21.30 (14 anos)
«Paixão cigana»

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Lágrimas e suspiros»

GIL VICENTE
21.30 (14 anos)
«A noite americana»

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«A máscara»

SOUZA BASTOS
21.30 (18 anos)
«Amores vampíricos»

EXPOSIÇÕES

ARCADAS DO PARQUE Trabalhos de Vatzia (das 10 às 22 h).

BELAS ARTES Pinturas de Pires Vieira, Artur Varela, Lucília de Brito e Francisco de Oliveira: Salão de Março (das 14 às 20 h)

CASINO ESTORIL Pintura de Júlio de Barros (das 15 às 3 h).

DINASTIA Trabalhos de Augusto Barros (das 10 às 13 e das 15 às 19 h).

DIPROVE Pintura, desenho e gravura de Zao Wou-Ki (das 15 às 21 h).

FUNDAÇÃO GULBENKIAN «100 desenhos europeus» e obras de Gabriel Fauré (das 10 às 20 h).

FUTURA Mostra de trabalhos de Isabel Gândara (das 10 às 13 e das 15 às 19 h).

GALERIA DIÁRIO DE NOTÍCIAS Trabalhos de Pina d'Emarghi (das 10 às 12 e 30 e das 14 e 30 às 19 h).

GRAFIL Xilografuras de Heine Semke (das 15 às 20 h).

OPINIÃO Obras de Lynden Keit Johnson (das 10 às 20 h).

OTTOLINI Pintura de José Nuno Câmara Pereira (das 11 às 13 e das 15 às 19 h, excepto aos domingos).

PALÁCIO FOZ Desenhos de Graçinda Marques (das 15 às 20 h).

PRISMA 73 Trabalhos de Vítor Palla (das 15 às 20 h excepto domingos, e às quartas-feiras das 15 às 24 h).

QUADRANTE Trabalhos de João Martins (das 10 às 13 e das 15 às 19 h).

S. MAMEDE Pintura de Patrick Swift (das 10 às 13 e das 15 às 19 h).

S. FRANCISCO Pintura desenho de Isabel Lagninhas (das 19 às 13 e das 15 às 19 h).

BARS BOITES

NINA Dancing com atrações Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/355167.

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Vaneidades internacionais T. 26461/264526/264506/264621/264946.

HIPOPÓTAMO Com Mario Simões Encerra aos Domingos Av. António Augustod e Aguiar, 5-A. T. 48384.

SOLAR DA HERMINIA Herminia Sil-

va, hoje e sempre Largo Trindade Coelho, n.º 10-11. Encerra aos domingos. T. 320164.

TAMILA Marão e s/ conjunto «Matinees» todos os dias Encerra aos domingos. Av. Figueira de Loulé, 69. T. 533117.

CACO Dancing com música ambiente com sítio de quarteto Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Simplesmente Revista»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«Jesus Cristo Superstar»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Chantagem»

OLIMPIA
21.30 (14 anos)
«A furia do Karate»

JÚLIO DINIS
21.30 (18 anos)
«O Porteiro»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Ferro em brasa»

DL/NACIONAL



RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIO DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDAÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF. 6545312, 3, 4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END. TEL. LISBOA TELEF. 2161
LISBOA PORTUGAL

O general Spínola entrevistado para a R.T.F.

PARIS, 21 — O general António de Spínola, entrevistado para a Rádio Televisão Francesa declara não considerar uma obra política o seu livro «Portugal e o Futuro», acrescentando não ter «divergências fundamentais de opinião» relativamente à política do seu país.

Na sua opinião «Portugal e o Futuro» não foi devidamente interpretado. Respondendo a uma pergunta sobre qual seria a sua situação actual, o general Spínola disse: «Prossigo a minha vida ao serviço do meu país». E interrogado sobre se continuava a ser general, a resposta foi «evidentemente que sim».

O funeral do alferes morto em Lamego

PORTO, 21 — Foi sepultado no Cemitério de Riba Longa, em Carrazeda de Ansiães o corpo do alferes Telmo Cardoso Mesquita, vítima do acidente com uma granada de manhã em Lamego (conforme a nota distribuída à Imprensa pelo Quartel General da Região Militar do Porto). No préstito fúnebre incorporou-se muita gente tendo uma força militar prestado as honras do estilo.

Mudança de comando na Academia Militar

O novo comandante da Academia Militar é o general Peres Pais Brandão, que já assumiu as suas funções, substituindo o general Amaro Romão. A mudança no comando do primeiro estabelecimento militar do País, onde se formam oficiais dos quadros permanentes das várias armas do Exército e da Aeronáutica, é justificada, segundo um nosso colega da manhã, por «necessidades de serviço» e «dentro de um esquema de renovação».

O general Pais Brandão, recentemente promovido ao actual posto, estava a chefiar o gabinete do ministro da Defesa Nacional e já prestou serviço na Academia Militar. Por sua vez, o general Amaro Romão, que se encontra na situação de reserva desde 1971, fora empossado nas funções em fins de 1968.



DOMINGO, 24 DE MARÇO, às 16,30 horas

GARRAIADA DOS ESTUDANTES E «PARTE CÔMICA»

A favor do Fundo de Assistência Social do Liceu Gil Vicente

CAVALEIROS AMADORES	ESPADAS
J. MANUEL C. LOPES	JOSÉ PISCO
JOÃO MOURA	MAURÍCIO VALE
M. JORGE DE OLIVEIRA	JOÃO GUERREIRO

FORCADOS AMADORES DO LICEU GIL VICENTE

PARTE CÔMICA: OS ALEIJADINHOS DA MARAFA com os seus «TREMIDINHOS VALENTÕES» (NÃO PERCA!)

6 — BRAVÍSSIMAS RESES — 6

NO ROTARY CLUBE:

O controle na indústria farmacêutica

As questões levantadas pelo controlo da qualidade na indústria farmacêutica serviram de tema a mais uma reunião do Rotary Clube de Lisboa-Norte, tida ontem, em jantar, num restaurante de Belém. O convidado da sessão foi o dr. Simões Lopes, professor da Faculdade de Farmácia de Lisboa que começou as suas palavras situando as exigências da qualidade farmacêutica ao nível económico (política empresarial) e deontológico. Quanto à verificação da qualidade dos produtos farmacêuticos referidos como seus elementos principais a análise físico-química, biológica e a farmacêutica — frisou, não só a importância de um exame que abranja a várias fases do processo de fabrico, como a de uma metodologia que garanta a não-alteração dos produtos até ao momento do seu consumo. Continuou, referindo em termos acessíveis, os progressos na investigação dos efeitos dos medicamentos no organismo, nos tecidos e, finalmente, nas células. Antes de iniciadas as intervenções dos rotários presentes, o dr. Simões Lopes sublinhou a responsabilidade, deontológica e legal, dos departamentos de verificação da qualidade num sector tão ligado à saúde pública como a indústria dos medicamentos.

O convidado começou as suas respostas criticando o que consi-

dera um preconceito em relação à Farmácia, derivado de certas acções nocivas de alguns dos seus produtos, quando as contribuições prestadas à saúde pública são inestimavelmente maiores, apesar da sua falibilidade. Mesmo a Talidomida, não esquecendo os seus efeitos trágicos, teve, em seu entender, outros positivos, pois levou a que todos os novos produtos a lançar no mercado fossem testados no ponto em que esta se mostrou nociva — os efeitos sobre o feto.

No campo da investigação,

manifestou dar grande importância ao estudo comparado das Farmacopeias, como meio de se atingirem graus sempre mais elevados nas exigências de qualidade dos produtos farmacêuticos. Referiu igualmente a acção importante que poderá vir a ter a recém-criada Ordem dos Farmacêuticos no controlo a medicamentos, ao nível dos estabelecimentos de venda, e na imposição de receita médica à venda de certos produtos que, entre nós, não necessitam de tal requisito. No final, o conferenciante foi muito felicitado.

MEN:

Cooperação com o sector privado

Continuação da pág. 1

tripulações, com habilitações correspondentes à 4.ª classe, sendo ministrados através de programas do ciclo preparatório da Telescola, gravados em «video-cassetes», ficando a monitoria a cargo dos respectivos oficiais.

A prioridade concedida à navegação provém do facto de a maioria do pessoal (mestrança e marinagem) possuir já a 4.ª classe e tal se revelar manifestamente insuficiente. E objectivo do M.E.N. a continuação destas experiências em regime de cooperação com o sector privado.

Falta de adubos entre-Douro e Minho

PORTO, 21 — Na Federação dos Grémios da Lavoura de Entre-Douro e Minho, efectua-se esta noite, às 21 e 30, uma reunião dos Grémios Federados, destinada a apreciar os problemas resultantes da falta de adubo e outros produtos necessários às culturas em curso e às próximas. Também o preço do leite será discutido.

Subpostos da P.S.P. na Ericeira

Foi criado na vila da Ericeira, a partir de 1 de Abril próximo, um subposto da P.S.P. com o efectivo de um subchefe e quatro guardas. Este pessoal será fornecido pelo Comando Distrital de Lisboa.

Apostas mútuas sobre cavalos

Foi fundada uma associação de criadores de cavalos, que vai instalar um hipódromo na Quinta da Marinha, em Cascais, de categoria internacional e com numerosas infra-estruturas relacionadas com o desporto equestre e com o turismo, englobando uma quase novidade entre nós: exploração da aposta mútua, quer em corridas de cavalos e de trote atrelado, quer em concursos hípicas, à semelhança do que acontece desde há muito noutros países.

Tudo isto foi comunicado aos órgãos da Informação, durante um «cocktail» na Quinta da Marinha, e onde estiveram presentes, além dos constituintes da nova sociedade, os presidentes da Câmara Municipal de Cascais e da Junta de Turismo da Costa do Sol, vice-presidente da Câmara Municipal de Sintra, deputado Lucena e Vale, o director-geral dos Serviços Pecuários, comandante do Porto de Cascais, etc.

Menina em caixa de cartão

Rio Tinto, nos subúrbios do Porto, vive uma surpresa originada por determinadas circunstâncias.

Sábado, quando o casal que ali reside abriu a porta, encontrou um bebé numa caixa de cartão.

Era um ammenina, muito quieta e bem cuidada, protadora de um bilhete toscamente escrito.

Fo o papel dizia assim, dirigindo-se à dona da casa: «Sendo a senhora muito bondosa, entrego-lhe esta

minha filha. Nasceu às 6 horas do dia 16 de Março. Foi parto segunda-feira para Angola. Esta filha não é do meu marido. Foi um fracasso que eu tive e não quero que ele saiba. Peço que lhe ponha o seu nome e o de seu marido».

O casal recolheu a menina que, segundo afirmou, tencionava adoptar. Rio Tinto apoiou e lamentou a mãe e mais as coisas da vida que corre ...

NOTAS VÁRIAS

REUNIÃO DA A.N.P.

A Comissão Central da A.N.P. reuniu ontem à noite sob a presidência do prof. Marcello Caetano. No final da reunião foi publicado um lacónico comunicado onde se afirmava que a referida Comissão Central se ocupou de «assuntos da sua competência estatutária». Este encontro, efectuado num momento político muito especial, foi o primeiro depois da segunda conferência plenária da A.N.P. que decorreu em Lisboa, há cerca de um mês.

MEMBRO DO GOVERNO EM VIAGEM

A fim de visitar várias instalações culturais dependentes do seu departamento, deslocou-se hoje a Coimbra o secretário de Estado da Instrução e Cultura, dr. Augusto de Ataíde. De manhã visitou o Museu Monográfico de Coimbra seguindo posteriormente para a Universidade onde, na reitoria, lhe foi oferecido um almoço.

Durante a tarde, aquele membro do Governo deslocou-se ao Museu de Arte Sacra, à capela da Universidade e ao Museu Machado Castro, presidindo finalmente a uma reunião em que foram apreciados planos de expansão das actividades culturais da Universidade de Coimbra.

Por seu lado o subsecretário de Estado da Segurança Social, dr. Duarte Ivo Cruz, também deu início hoje a uma visita de trabalho ao distrito de Faro, a qual se prolongará pelo dia de amanhã.

No programa constam visitas a serviços e instituições afectas ao seu departamento governativo respectivamente em Faro, Olhão, Tavira e Loulé. Amanhã, o dr. Ivo Cruz deslocar-se-á a Silves, Portimão, Lagos, Aljezur e Monchique, inaugurando nesta última localidade uma casa do povo.

Por último o secretário de Estado da Juventude e Desportos, dr. Valadão Chagas, desloca-se amanhã e depois ao distrito de Viana de Castelo para visitar estabelecimentos de ensino, instalações desportivas e presidir ao encerramento de um encontro dos delegados distritais da Direcção Geral dos Desportos.

MÉDICOS DOS HOSPITAIS DISTRITAIS

Por despacho da Direcção-Geral dos Hospitais, hoje publicado no «Diário do Governo», foram fixados os quadros médicos — actuais e definitivos — dos seguintes estabelecimentos hospitalares:

Hospitais Distritais de Torres Vedras, Figueira da Foz, Elvas, Angra do Heroísmo, Horta, Ponta Delgada, Oliveira de Azeméis, S. João da Madeira, Guimarães, Barcelos, Braga, Vila Nova de Famalicão, Funchal e Vila Franca de Xira.



VIAGENS
EXCURSÕES
CRUZEIROS

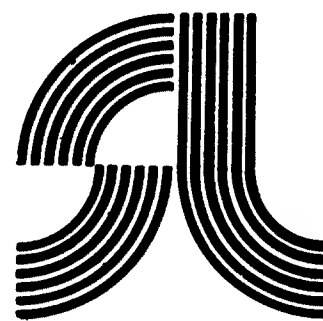
Braamcamp, 11/Telef 563401/Lisboa

RUSSIA
1974

20 ITINERÁRIOS DIFERENTES
DE MAIO A SETEMBRO
17 DIAS DE VIAGEM
a partir de
Esc: 12.980\$00
INFORME-SE PELOS Nossos
TELEFONES 563401 (10 LINHAS)

O «Diário de Lisboa» é vendido em S. Pedro do Estoril e no Murtal por Porfírio da Silva Carreira.

SUPLEMENTO LITERÁRIO



TEATRO: PÃO E BONECOS

O «Bread and Puppet Theatre» nasceu, como se sabe, num determinado tempo americano. A guerra do Vietname; a contestação académica; a desilusão kennediana; o Black Power.

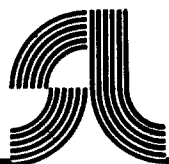
No plano artístico, surgiram o «happening»; John Cage; o Living Theatre. Romnie Davis lança o projecto do teatro de guerrilha. Surgem no teatro de rua: Teatro Campesino, Mime Troupe, sem falar do Teatro Chicano (Los Angeles), Teatro Urbano (São José e Okland), Teatro de Calle (Novo México), etc. Em 1969, participam num Festival realizado em Los Angeles cerca de dez grupos que se integram nesse movimento.

Peter Schumann, fundador e director do «Bread and Puppet» define assim o grupo: «Somos ciganos e apresentamos espectáculos em todas as ruas do Mundo». Foi em 1963 que o grupo apareceu em Nova Iorque. Peter Schumann tem, então, 29 anos: é escultor e nasceu na Silésia. Desde a infância, Peter ama o pão, que ele próprio faz; e as marionetas.

Um dia, muitos anos depois, começa, ele próprio, a construir as suas marionetas: fio de ferro coberto de papel de jornal embebido em cola. Peter Schumann pretende transformar o teatro: «Fazer um trabalho de padeiro que se compromete a cozer um pão fácil de mastigar e de digerir, e que se compromete a pô-lo à disposição de todos. Queremos pôr-nos ao lado dos padeiros, fazer pão bem feito e distribuí-lo gratuitamente».



Theatre Heute: uma cena de Simplex luz ...»



NESTE NÚMERO

LITERATURA

«Os sítios sitiados», de
Luís Neto Jorge
por Fernando Luso Soares
Pág. 7

TEATRO

«Pão e Bonecos. Que a luz
simples nasça da obscuridade
de complicada»
por Carlos Porto
Págs. 1 e 2

BALLET

«Valeu a pena»
por Raquel Roby
Pág. 3

ARTES PLÁSTICAS

«Os polípticos de S. Vicen-
te»
por Dagoberto L. Markl
Págs. 4, 5 e 6

«O Folhetim artístico»
por José Augusto França
Págs. 4 e 5

«Coincidências? Oposições!»
por José Luís Porfírio
Pág. 8

Peter Schumann começa a trabalhar só: mete os seus bonecos num «jeep» e aí vai ele pelas estradas da América. Alguns vêem o seu espectáculo e, como estão disponíveis e emam o que ele faz, juntam-se-lhe. Assim nasce o «Bread and Puppet Theatre».

«É um pedaço de pão que vos trazemos ao mesmo tempo que vos trazemos um espectáculo de marionetas porque o nosso pão e o nosso teatro são indissociáveis». Nasce várias peças curtas:

Morte Misteriosa: Um homem é preso e acusado de ter morto uma mulher. Um único actor, utilizando várias máscaras, representa as diferentes personagens: o acusado, a mulher, o polícia, os juizes. Perante ele, o coro das máscaras dos que o denunciaram.

Demonstração de guerra: Uma mesa coberta com um pano verde. Neste espaço cénico, miniaturas de personagens, figurinos, cenários, casas, paisagem. Subitamente, um avião lança a destruição.

O Tocador de Flauta do Harlem: Versão da célebre lenda alemã do flautista que atrai os ratos com o toque da sua flauta.

Os anos passaram, pois. Eis-nos nos finais de 1973. O «Bread and Puppet» transformou-se num dos mais célebres grupos do teatro marginal norte-americano. Chega a Paris, para apresentar o seu novo espectáculo: «Que a luz simples nasça da obscuridade complicada».

Teatro de rua? Nem tanto. Vou vê-lo à Cartoucherie de Vincennes onde o grupo de Peter Schumann representa não para o povo mas os jovens sobretudo universitários que são



Peter Schumann

Por
CARLOS PORTO

também os espectadores do Théâtre du Soleil.

O novo espectáculo do «Bread and Puppet» parece-me excessivamente complicado (onde está a simplicidade que Schumann defendia?) feito para um público especializado, não para um público de rua.

O que desde logo surpreende é a qualidade, a riqueza de formas das máscaras utilizadas pelo grupo. Aparecem personagens com máscaras múltiplas, o que lhes confere uma grande força e um carácter insólito.

Há dois músicos que executam violino e violoncelo, embora perfeitamente integrados no espectáculo. Obscuridade. No centro do espaço cénico, uma forma imensa vai saindo da sombra. Essa forma está coberta por um plástico negro e começa a movimentar-se lentamente à luz de uma lâmpada transportada na extremidade de uma vara. Um som forte de tambores. A forma movimenta-se lentamente como se fosse uma escultura animada ou um animal monstruoso. O movimento torna-se mais rápido: sugere agora um mar de grandes vagas. Formas larvares surgem rastejando. O trabalho de voz dos actores é notável.

O espectáculo continua com a utilização de vários objectos

Continua na página seguinte



Continuação da página anterior



que exprimem o conflito fulcral do texto: um punhal, um estudo, uma bandeira. A guerra e a violência; a destruição; o simulacro da justiça; a construção do mundo burguês: o piano, o aspirador, o candeeiro, a televisão. Através de um jogo ritualizado, vemos como se trava o confronto entre dois mundos definidos pelas máscaras.

Não é possível descrever um longo espectáculo como este (dividido em duas partes), nem sempre fácil de seguir e cujos sinais nem sempre me parece-

ram perceptíveis. Na segunda parte, Peter Schumann voltou a servir-se de elementos bíblicos, o que tem acontecido em vários dos seus espectáculos, tendência que não deixa de lhes conferir uma certa ambiguidade.

No final, vemos como os actores se transformam em saltimbancos: vêm junto dos espectadores distribuir o pão que eles próprios fabricam. É um pão saboroso que lembra o pão de milho e centeio do Norte.

No final: é a festa.

Este espectáculo do «Bread

and Puppet Theatre», apesar do seu hermetismo, é um espectáculo muito belo e verdadeiramente apaixonante.

PALAVRAS DE PETER SCHUMANN

«O mundo em que vivemos surge como essencialmente constituído por politiquice ou por tentativas de organização do homem. É necessário dar de novo vida à água, ao ar, e à terra. O nosso espírito tem fome e Jesus diz: o homem não vive só de pão, vive também de marionetas. A nossa lingua-

gem quotidiana é ridícula e esconde a verdade. É num espectáculo de marionetas que devemos descobrir uma linguagem que fala a verdade; não apenas uma linguagem mas também acções das quais um dia nascerá o diálogo entre os homens. Qual é o objectivo de um espectáculo de marionetas? Tornar o mundo claro e simples, creio eu, falar uma linguagem simples que toda a gente possa entender. Interessar o espectador, fazer dele um adepto de um mundo novo, despertar a sua tomada de consciência. Para conseguir a sua atenção, temos tambores,

clarins, e arespiração tranquila de quinhentos espectadores. Juntamo-nos à conspiração das crianças contra a vida aborrecida dos adultos».

«A importância das histórias e das marionetas pouco vale perante a fome e a mutilação. Mas esta pequena importância tem a sua importância. O conjunto de todas as pequenas importâncias somadas tem um nome: a libertação, a luz, a vida autêntica. Construiremos um circo e com este circo viajaremos através das pequenas e das grandes cidades e nesse circo contaremos o mundo inteiro». (1).

(1) Este texto bem como os elementos de que nos servimos para falar do «Bread and Puppet Theatre» foram extraídos do estudo fundamental de Françoise Kourilsky, editado por «La Cité».

TEATRO: PÃO E BONECOS



L'Art Vivant

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Admissão de Empregados Gerais

(Antiga designação — SERVENTES)

Nos Hospitais Civis de Lisboa — Serviço de Pessoal — aceitam-se inscrições até ao dia 2 de Abril próximo, para a categoria de Empregados Gerais, categoria a que corresponde o salário mensal líquido de Esc. 2.400\$00.

Os candidatos deverão obedecer às seguintes condições:

- IDADE: mais de 18 e menos de 35 anos;
- HABILITAÇÕES LITERÁRIAS: aprovação no exame do 2.º grau do ensino primário elementar;
- Idoneidade moral atestada pela Junta de Freguesia, Regedor ou Pároco.

A sua inscrição pode ser feita mediante o envio de carta onde constem os elementos referidos nas alíneas a) e b).

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Salvador e Palmeiro, Rua Manuel da Costa COSTA DA CAPARICA

Na hora da resposta europeia



INTERBAM
para a expansão da sua empresa

INTERBAM-SOCIEDADE INTERCONTINENTAL DE GESTÃO DE EMPRESAS, S.A.R.L.
Rua Júlio Dinis, 779 - 1.º Esq. - Telef. 60124/5/6 - Porto

JOFRAMA

R. dos Fanqueiros, 226-232
Telef. 86 85 72 — LISBOA

AO DISPOR DO PÚBLICO NO
NOSSO EDIFÍCIO SEDE UM

SUPERMERCADO DE VESTUÁRIO

MALHAS interiores e exteriores — ROUPARIA
DE CAMA — ATOALHADOS — COBERTORES
— COLCHAS — LINDOS JOGOS DE CAMA

SAI AMANHÃ

motor revista

QUADROS PERITAGENS—AVALIAÇÕES

TODAS AS SEXTAS-FEIRAS, DAS 16 AS 19 HORAS

A SOC. DE LEILÕES AFRAFILHOS, LDA., consciente das dificuldades com que o possuidor de um quadro para venda (óleo, aguarela, desenho ou gravura) por vezes depara para proceder à sua identificação, classificação e avaliação;

Seguindo os moldes em uso internacionalmente, obteve a colaboração de conhecidos técnicos de comprovada competência, consultores de Museus, grandes coleccionadores particulares e dos mais importantes decoradores, galerias de arte e comerciantes do ramo de pintura e gravuras;

E assim criou uma secção de peritagem, que funciona TODAS AS SEXTAS-FEIRAS, das 16 às 19 horas, na s/ sede, AV. D. LOULÉ, N.º 1-A.

CONDIÇÕES:

- 1 — Peritagem e avaliação grátis, se o quadro observado ficar entregue à agência para venda em leilão, ou negociação particular;
- 2 — Taxa de 2 % sobre a avaliação se o mesmo não ficar entregue à agência;
- 3 — Suplemento para deslocação se o quadro tiver que ser observado fora das n/ instalações;
- 4 — Possível compra e imediato pagamento dos quadros apresentados, não cobrando também neste caso a taxa de avaliação.



Ballet

O último espectáculo do Grupo Gulbenkian de Bailado, o quinto desta temporada apresentado em estreia no dia 9 de Março no Grande Auditório, foi, enfim, francamente positivo. Perante um balanço tão medíocre dos anteriores espectáculos, o público já farto de esperar, e quase a (des)esperar, recebeu satisfeito e com esperança renovada o bom programa bem elaborado e equilibrado, e sobretudo bem dançado por quase toda a companhia, que lhe foi dado ver.

É urgente e já vai sendo tempo, que o Grupo com nove anos de existência encontre e trilhe um caminho definido, procure e assegure o seu equilíbrio e pare de oscilar de espectáculo em espectáculo entre o bom, o medíocre e o mau, pois as disparidades de concepções e do real valor das obras apresentadas varia muito e entrava-lhe a marcha.

«Wop-Bop-A-Loobop», coreografia de Patrick Hurde, tendo como suporte musical alguns «rock and roll» dos anos 55 a 60, figurinos de Colin MacIntyre e colaboração fotográfica de Reinaldo Viegas. P. Hurde, bailarino do Grupo, criou as obras «Evocações», «Ultima Dança Para Meu Pai» e «Carta Branca», para o Estúdio Coreográfico, em 1972 e 1973, respectivamente.

Este seu último bailado, «Wop-Bop-A-Loobop», em estreia absoluta, é alegre, vivo, de estrutura muito simples, que procura fazer o retrato e a crítica, ainda que leve, da juventude americana (e não a nossa), que aderiu com um entusiasmo frenético à música ruidosa do «rock», e a «fez sua» e sua forma de expressão.

Partindo e baseando-se na simplicidade, P. Hurde tentou captar os tiques, a loucura dos ídolos, a identificação com eles, as paixões que abrasavam as «teen-agers» dessa época. A sua crítica, demasiado circunscrita aos jovens americanos, dos anos 55-60, (talvez esse o seu maior senão), feita num estilo muito americanizado, muito visto, e já muito batido nos filmes, teve contudo o grande mérito de saber escolher e aproveitar as potencialidades de alguns artistas que o grupo ainda tem. Foi o caso flagrante de Carlos Fernandes que teve uma interpretação boa e muito a seu jeito. O apontamento do par Marjery Lambert-Armando Jorge, muito bem inserido e cheio de espírito, encontrou nestes dois bailarinos a execução ideal.

Outro facto extremamente agradável, foi ver dançar neste bailado, um grupo de gente com ver-

dadeira alegria, dinamismo e coesão, pois muitas vezes a indisciplina e apatia em cena são tão notórias, que até ao espectador menos avisado não passavam despercebidas.

Os figurinos e cenários de MacIntyre foram sugestivos e de efeito. O coreógrafo soube usar a luz sempre com a necessária intencionalidade.

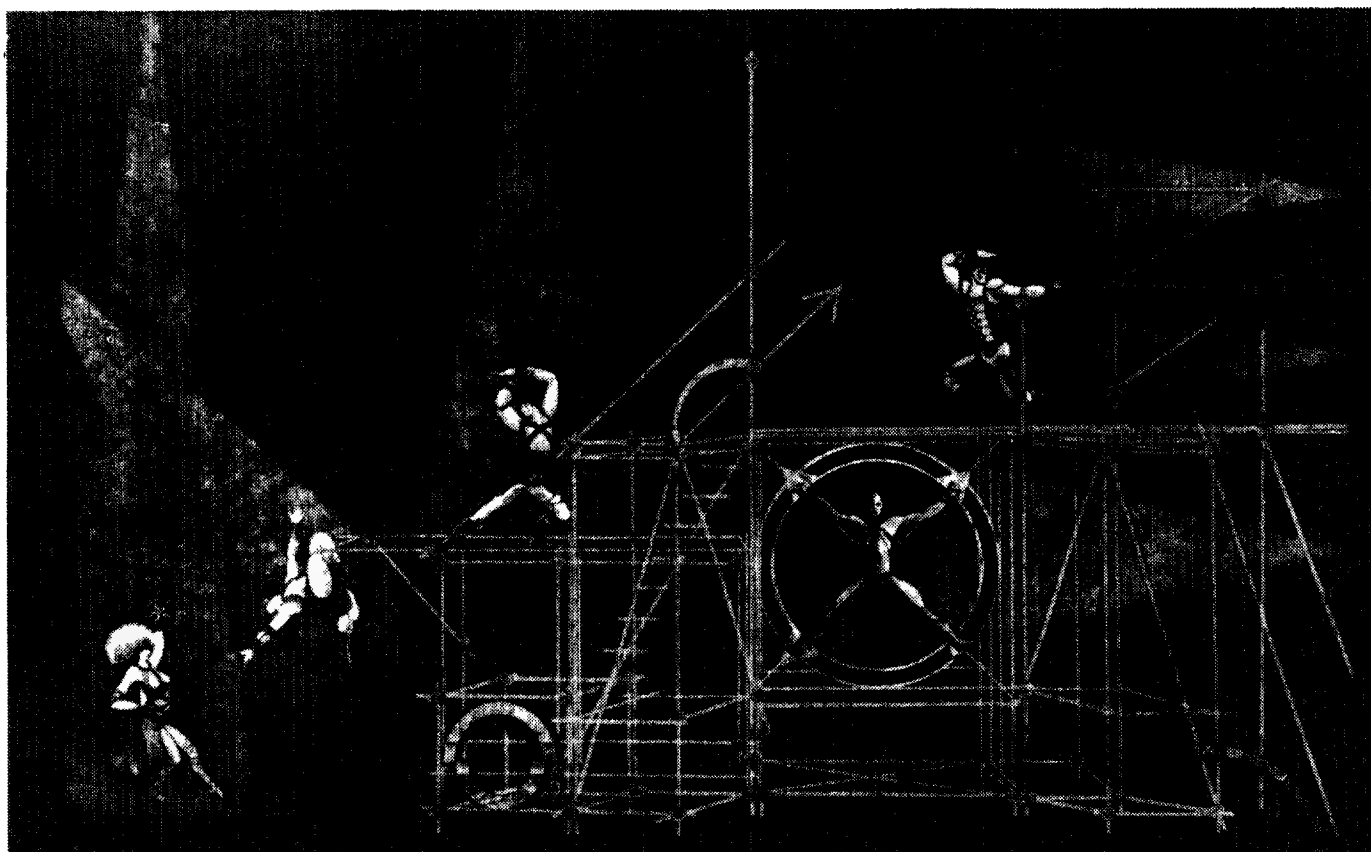
«O Mandarin Maravilhoso», coreografia de Milko Sparemblek, sobre música de Bela Bartok cenários e figurinos de Artur Casais.

Este bailado, já várias vezes dançado pelo Grupo, é do agrado geral, pois além de ter uma história dramática a contar, consegue contá-la realmente bem.

Tudo se conjuga e contribui para fazer deste «mandarin» um bailado válido: a elaboração coreográfica, a «mise-en-scène», os cenários e figurinos plasticamente certos e de perfeito enquadramento na teatralização do bailado, e o uso da luz adequada para a criação de um ambiente de mistério e suspense, são factores preponderantes.

Os três «gangsters» (Carlos Caldas, Julio Medina e Michael Wrooman), não conseguiram criar o clima de agressividade e força imprescindíveis às suas figuras, pois faltou-lhes precisão, e intencionalidade de movimentos. Os dois homens, (Carlos Fernandes e Jeremy Allen), perderam um pouco a ironia dos velhos das anteriores interpretações. O rapaz (Miguel Lyzarro), foi uma revelação. Sempre seguro, tecnicamente correcto, desenhando-se muito bem, somente lhe faltou uma certa ingenuidade e timidez, que teriam valorizado muito o seu desempenho. Margery Lambert e Penelope Wright, desempenharam o papel da mulher, com interpretações muito diferentes mas ambas certas, e portanto plenamente justificadas. Juntamente com Ger Thomas, foram a mola real do bailado. Valeu a pena vê-los dançar!

Ger Thomas atingiu quer do ponto de vista técnico quer interpretati-



Cenário de Artur Casais para o Mandarin Maravilhoso.

VALEU A PENA...

vo um «mandarin» fora de série. A passividade e imobilidade do início, a reacção subitamente imprevisível, e a vitalidade sobrenatural renascendo após cada luta, tudo ele nos soube dar, usando-se da técnica como um meio e não como um fim. Margery Lambert é, a mulher, fortemente dramática mas de um dramatismo que não recorre ao falso gesto, em que o sentimento e a força interior nascem e crescem lentamente para vir a explodir ainda que de modo muito subtil. O final, boca num grito, braços erguidos, foi cheio de um contido desespero. Tecnicamente, M. Lambert foi como sempre segura e correcta. Penelope Wright, o segundo «cast», teve nesta composição o seu melhor trabalho de sempre. Soube criar de um modo muito pessoal a figura da mulher, feminina, sensual e intencionalmente provocante. O final, boca num grito, braços erguidos, foi com P. Wright, como que o último gesto de alguém que é já um farrapo. Também tecnicamente a sua interpretação foi certa. Bravo aos três!!! «Whirligogs», coreografia de Lar Lubovitch, sobre música de L. Bério, e figurinos do autor.



Figurinos de ARTUR CASAIS

Bailado que nos fala do quotidiano, da luta frenética de todos os dias de uns contra os outros, do conflito, diário entre os homens por um lugar ao sol, da agressividade de todos, da força real do grupo contra o homem isolado. Bailado que incomoda, que confunde e perturba e que teimamos em não compreender. O corpo de baile foi o verdadeiro solista deste bailado. Ele criou, ele lutou, ele destruiu. De entre esta amálgama de gente ora anónima ora personificada ora incisivamente cada um de nós, é justo destacar dois elementos, pela precisão, pelo rigor

e intenção das interpretações: Elisa Worn e Helena Lozano.

Tudo neste bailado estava correcto. As figuras a preto projectadas no ciclorama que ou se agitantavam ou se tornavam insignificantes, a aparente desorganização a criar uma força que se vem a impor e a derrubar o par que procurava fugir ao jogo do

RAQUEL ROBY

QUINAGENS

Corte e quinagem de todos os trabalhos até 6 m

FABRIFER — Venda Seca - Belas

Telefs. 96 02 75 - 96 07 38



(Continuação do número anterior)

Na apreciação seguinte, Cortesão traz mais achegas à validade do documento: «Entendemos ainda, por nossa parte, que é possível ampliar as semelhanças entre os painéis do Museu de Arte Antiga e aqueles a que se refere o informador anónimo. De todas a mais flagrante é, sem dúvida, a que diz respeito ao próprio Santo e à sua caracterização nas duas tábuas: «figura de moço de 17 anos em cada retábulo e painel», juntos um do outro, e «a figura de S. Vicente estava virada uma para a outra, de maneira que mostrava a si cada parte do rosto». Não só a coincidência é perfeita, mas não cremos que seja possível encontrar-se uma dupla figuração de santo no mesmo retábulo por forma tão conjunta e singular, — o que, aliás, correspondia, como havemos de ver, a uma realidade social e política. Esta singularidade da representação parece-nos a mais eloquente aproximação entre os painéis de S. Vicente e a memória do informador anónimo, por tal forma esta se nos afigura um decalque daqueles. Acrescentemos a isto que as caraminholas (do francês *cramignolle*) muito altas, de veludo, umas de vermelho, outras de verde e doutras cores, pertencem às peças mais características da indumentária dos personagens dos painéis. Uma terceira coincidência, que reputamos da maior importância, não foi ainda assinalada. Segundo o memorialista, o Mota, que teria pintado os dois painéis, qualificava-se, e por modo único em toda a relação, como «pintor muito primo», nova singularidade que aproxima o retábulo descrito, quer do políptico do Museu, quer da referência de Francisco de Holanda.

Muito primo, ou seja, notabilíssimo pintor, não desdiz daquele que Francisco de Holanda incluía na sua Tavoia das aguias. De duas uma, se é que as não devemos admitir em conjunto: ou o memorialista anónimo, quando qualificava o pintor de muito primo, falava em nome de um juízo próprio — o que é de admitir em pessoa interessada pela pintura do retrato e tratando-se dum painel que reunia muitos e admiráveis retratos — ou recolhera o informe duma tradição já perdida; ou, ainda, mais provavelmente, critério próprio e velho consenso fundiram-se naquele superlativo de excelência.

Esta série de coincidências, todas de carácter singular, na representação dupla da figura central, numa particularidade tão característica da indumentária e na qualidade da pintura, — de facto as peculiaridades mais impressionantes a um primeiro relance, — aconselhavam a prosseguir no caminho aberto por Francisco de Holanda e pelo informador anónimo.

Particularmente este quase voto final do prof. Jaime Cortesão, não encontrou o eco que merecia por parte de alguns historiadores de nomeada.

Pela sua importância e pelas objecções que pode levantar, somos levados a reflectir no 3.º argumento invocado por Cortesão, ao relacionar a alta qualidade da pintura da Sé referida por Francisco de Holanda e o qualificativo de pintor «muito primo» atribuído pelo autor anónimo do manuscrito do Rio, ao Mota.

É evidentemente, estranho que este último autor, inventariando os retratos dos reis que estavam em Lisboa, não falas-

se na parte do políptico executada por Nuno Gonçalves, atendendo-se somente ao Mota. Havendo a alteração no rosto do Santo feita por este último artista sobre a pintura de Gonçalves, certamente que outros retratos existentes — designadamente o do «Homem do chapéu grande» — deviam ser mencionados bem como o seu autor. Este facto parece-nos, porém, explicável na medida em que o memorialista parece só conhecer dois artistas, o Diogo Gomes da Rosa, pintor do tempo de D. João I, e o Mota, artista de D. João II, ignorando o nome dos artistas da corte de D. Afonso V, caso de Nuno Gonçalves, como se pode verificar quando diz: «Elrey Dom A.º 5.º — está no retábulo do altar mor do carmo, também húa lharga delle e os frades o mostrá a curiosos».

Ignorância do autor do manuscrito? Ignorância do informador da Sé que lhe teria explicado os dois painéis de S. Vicente? Hipóteses a considerar mas que não invalidam a importância do texto, tanto mais que um outro especialista de paleografia, o dr. António Henrique O. Marques afirmou no seu livro «A Sociedade Medieval Portuguesa» (Lisboa, 1964): «Não há razões evidentes para duvidar da autenticidade deste texto, como o mostrou Jaime Cortesão (...) Também a análise

O POLÍPTICO DE SÃO VICENTE E O DOCUMENTO DA BIBLIOTECA NACIONAL

AREVISÃO DE UM PROCESSO ARQUIVADO (4)

se paleográfica que fizemos da letra, com base nas fotografias daquele autor (Motta Alves), nos revelou um tipo de cursivo do século XVI, com elementos góticos mas já profundamente influenciado pela escrita humanista».

Perante estes testemunhos, não entendemos o ostracismo a que continua a ser votado o manuscrito da Biblioteca do Rio de Janeiro, mau grado o seu carácter sintético e as suas omissões, muito relativas, se pensarmos quão imperfeito é ainda o nosso conhecimento dos pintores portugueses do século XV. Quem foram, Diogo Gomes da Rosa e Mota, citados pelo autor do manuscrito? No entanto, podemos, também, perguntar: citou Holanda a António Florentim, pintor de D. João I? citou João Eanes, cuja importância mau grado o desconhecimento da sua obra

não podemos ignorar? Eanes podia seguir a maneira flamenga e não agradar a Holanda, mas António Florentim era um italiano.

Vejamos agora a posição de alguns investigadores que se interessaram pelo documento descoberto por Motta Alves.

No livro «Iconografia Henriquina» (Coimbra, 1960), Luís Reis-Santos ensaia na p. 42 uma nova interpretação do significado do políptico, cujo desenvolvimento não chegou, porém, a efectuar. Podemos, todavia, concluir das suas palavras que o manuscrito do Rio de Janeiro desempenhava papel preponderante.

Partindo da descrição de D. Rodrigo da Cunha, de 1642: «Quê fosse o autor da obra (o retábulo de S. Vicente da Sé) na perfeição em que hoje está não pudemos descobrir, foy pelo menos seu restaurador,

quando não autor, ou o cardeal D. Jorge da Costa, ou seu irmão D. Martinho da Costa, no tempo que foram Arcebispos, como se vê do escudo de suas armas, que té pendurado no braço esquerdo, a gloriosa virgem, e martir S. Catherina, coluna que fica do evangelho em que remata o retábulo» e «Responde-lhe na coluna da parte da epistola, outra do Anjo do reyno, com as quinas reaes, já postas na forma em que as mandou concertar el Rey dom loam o segundo deste nome», Reis-Santos começa por concluir:

«Daqui se infere que o retábulo foi executado ou restaurado após 1485, ano em que D. João II mandou alterar o escudo nacional».

Depois de estabelecer para a execução da pintura, partin-

do da indumentária, uma cronologia mais avançada que o habitual, 1475-1495, prossegue:

«É facto sabermos que em 1469 se trabalhava num retábulo de São Vicente na Sé de Lisboa; mas esta data é, pelo menos no que se refere à factura pictórica, manifestamente prematura».

É naturalmente, nosso dever criticar esta posição do historiador e crítico de arte, porquanto já vimos ser possível admitir-se uma alteração, feita anos depois numa pintura executada algum tempo antes e a diferença, neste caso, nem sequer era grande. Conjecturando que o retábulo com a vida e martírios do Santo, de que restam tábua e meia no Museu de Arte Antiga, tivesse sido executada em 1469 e até



A cabeça do santo, painel dito «do Infante»



Políptico artístico

À morte de Manuel Jardim, em 1923, Almada Negreiros publicou um artigo no «Diário de Lisboa» — elogio fúnebre que não estava nos seus hábitos e por isso assume uma especial importância. Uma frase emerge desse texto: o pintor falecido «copiou estrangeiro para emancipação colectiva»

Não «cópia» passiva, ou mecânica imitação, mas um entendimento activo que à colectividade podia convir — porque (acrescentava Almada) os mestres «ensinam a gente a estimar todas as coisas e a usá-las com exacta e admirável responsabilidade». Se algum conceito pode imediatamente caber a Manuel Jardim é bem o da responsabilidade com que, durante perto de vinte anos, assumiu a sua profissão de pintor.

A exposição que, em boa hora, a S.E.I.T. realizou, na sequência de retrospectivas começadas com Eloy (1958) e Amadeo (1959), e de que esta é a décima terceira, permite conhecer ou reconhecer um artista dos anos 10 do primeiro modernismo português cujo nome se apagara da memória de todos — apesar de, entre a mínima bibliografia artística do Século XX, ter ele sido objecto da mais longa obra biográfica e crítica publicada em Portugal. E que ninguém lê. Mesmo que ela seja ilegível, pela ingenuidade da escrita e pela ignorância crítica do autor, o falecido professor de Anatomia das Belas-Artes, Henrique de Vilhena, a verdade é que existe — e é útil pela documentação que colige e pela informação que fornece, mesmo fora do seu propósito biográfico. É de reparar, por exemplo, como se esclarece ideologicamente a formação de uma Sociedade de Arte Moderna, em 1919, em Lisboa, como se aclara o programa de conferências futuristas de Santa-Rita, em 1915 (nas quais o Manuel Jardim aparece involuntariamente envolvido), como se desenha o perfil provinciano e «parece-mal» de um ensino artístico que Jardim e o escultor Francisco Franco iniciaram em Coimbra, por essa altura. Para além disso, que, conforme a leitura, pode ser a parte mais importante dos dois volumes publicados entre 1945 e 48, temos muitas cartas e declarações do pintor — apesar das opiniões do autor, aliás seu primo. Aliás e felizmente pois a ele se ficou devendo, além dos dois volumes,

Artes plásticas

IAL DO RIO DE JANEIRO

Por
**DAGOBERTO
L. MARKL**

Uma coisa está porém certa e é indiscutível, o retábulo iniciado em tempos de D. Afonso V (Cf. carta de quitação a Afonso Eanes de 19 de Junho de 1469, referida por Jaime Cortesão) foi acrescentado — não diremos restaurado por nos parecer ainda cedo para isso —, ou alterado, depois de 1485, como o comprova o escudo do Anjo mencionado por D. Rodrigo da Cunha (19). Baseando, por consequência, a sua ideia na des-

crição deste historiador seiscentista e avançando a cronologia, Reis-Santos infere ser o doador — o rei (?) no Painel dito do Infante — D. João II, citando em seguida o documento do Rio de Janeiro, para concluir: «É que o Rei, ao contactar com o Pintor a feitura do retábulo, logo depois da fatal data de 13 de Julho de 1491, teria ordenado que o Santo Padroeiro fosse representado com a figura e a fisionomia do seu filho...». Hipóteses a estudar, embora nos pareça mais lógica a ideia que propomos: a pintura já estava feita e em 1491, depois de Julho, houve uma alteração a qual, ao que sabemos, incidiu no repinte do rosto do Santo, sobre o qual foi colocado o de D. Afonso.

Noutro passo deste seu livro

(pp. 41 e 47-48, nota 19) e referindo as vicissitudes por que teria passado o retábulo da Sé, Reis-Santos afirma oportunamente: «A parte inferior do retábulo de Nuno Gonçalves, constituída pelas discutidas seis tábuas da «Adoração de S. Vicente», que se encontram agora expostas no Museu Nacional de Arte Antiga, de Lisboa, já devia, porém, ter sido retirada do respectivo altar e conjunto monumental, no terceiro quartel do século XVI, como consequência das decisões do Concílio de Trento». Quanto a nós, talvez fosse mais de considerar a saída das duas tábuas centrais e não do conjunto, porém esta ideia de Reis-Santos baseia-se na reconstituição que propôs do retábulo.

E ainda a propósito desta possível mutilação do retábulo de S. Vicente feita em finais do século XVI, o autor volta a aludir ao manuscrito do Rio: «Dadas as decisões do Concílio de Trento, compreende-se bem que tantas figuras de leigos representadas nos painéis da Adoração, complementar do retábulo com cenas da vida e dos martírios de São Vicente, fossem consideradas supérfluas no último terço do século XVI». Um dos argumentos usados para apoiar este ponto da sua tese é o seguinte: «No documento da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que peritos competentes, como os drs. Max Kitzinger e Jaime

Cortesão, afirmaram ser autêntico, diz o seu autor, cerca de 1614: «disseram-me ha poucos dias q não estauá ja ahi este paineis, dirá os conegos onde está».

A posição do prof. Reis-Santos, embora discutível nalguns dos seus pontos, é, no entanto, digna de registo pela coerência que revela ao incluir o manuscrito do Rio dentro da «Questão» dos Painéis.

Mais uma vez recordamos — pensando na objecção de Belard da Fonseca — a total ausência, por parte do autor do manuscrito, de alusão ao rei D. João II que, segundo Reis-Santos, estaria representado na figura habitualmente tida por D. Afonso V. Porém esta objecção não põe em causa senão o valor da tese de Reis-Santos, mas nunca o do documento do Rio de Janeiro que importa, sobretudo, para esclarecer dois pontos:

- a) O significado da figura central;
- b) A localização das pinturas.

Anos volvidos, em 1965, o dr. José dos Santos Carvalho, no seu livro «Iconografia e Simbólica do Políptico» utilizou também o manuscrito do Rio de Janeiro.

Não importa discutir aqui o valor deste trabalho. Nêle, se procura conciliar todas as teses (ou quase) referentes à figura central, acrescentando-se a sua identificação com o Arcanjo S. Miguel. A confusão é

acentuada pela tentativa de identificar um por um todos os personagens do Políptico.

Nas pp. 313 e 314, o dr. Santos Carvalho interpreta o documento, segundo a sua perspectiva, do seguinte modo:

«Alguns anos mais tarde, em 1491, um brutal desastre roubou a vida ao príncipe D. Afonso que então tinha 16 anos de idade, e seu pai, o rei D. João II, queria representá-lo no Políptico depois de morto, analogamente às figuras do Infante Santo e do Cardeal D. Jaime. Houve pois que pintar a sua face sobre a do Cardeal, o que se deduz da radiografia da face da figura principal no Painel do Voto da Cruzada (painel dito do Infante), estudada pelo dr. João Couto, assim como pelo documento encontrado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro pelo dr. Artur da Mota Alves.

D. João II teria mandado pintar a face do seu filho sobre a figura central dos painéis maiores, com o fim de poder tê-lo nos altares, pois poderia facilmente ser apresentado como figurando S. Vicente, um jovem diácono.

Assim, os painéis teriam sido enviados à Sé de Lisboa (até então segundo este autor as pinturas estavam no Paço da Alcáçova) pelo rei, por representarem uma adoração a S. Vicente pela Nação, sendo pois apropriada a sua colocação sobre o altar do santo

Continua na página seis

de José Augusto França

O CASO "MANUEL JARDIM"



Manuel Jardim «Le Déjeuner» — 1911

a salvação do espólio artístico do malfadado Manuel Jardim, falecido tuberculoso com trinta e oito anos de idade. Em vez de destruí-lo, como o moribundo desejara, a família deu-o a Henrique Vilhena a pedido deste, que, por excessiva diligência, autenticou os desenhos não assinados com o seu próprio nome, no anverso deles...

Três centenas e meia de pinturas e desenhos foram assim salvos — e quase perdidos depois, ao falecer o professor Vilhena, deixando à Universidade de Coimbra tal herança. Muitos anos atrás, Luís Reis Santos levou-me a ver a colecção que então guardava no seu museu de Coimbra, esperando melhores dias de exposição; depois ela desapareceu de novo, dizem-me que em sótãos universitários — e só um restauro cuidadoso permitiu agora voltar a salvar as malfadadas obras do malfadado artista. Folhetim quase rocambolesco que me coube apenas lembrar...

Manuel Jardim não morreu muito novo: à beira dos quarenta anos, um pintor é ou não é — ou é o que puder ser. No seu caso, um artista com qualidades, mais do que qualidades; um artista secundário que importa sem dúvida conhecer mas cujo conhecimento na verdade não altera o panorama português ou o seu sentido «colectivo», como Almada diria.

Escrevendo sobre ele, meses atrás, no quadro de uma história da arte moderna no País, dediquei-lhe as linhas necessárias, a par de Armando de Basto, falecido no mesmo ano e de outro modo frustrado. Pedi para Coimbra uma fotografia do «Déjeuner», exposto no «Salon» parisiense de 1919, e soube então que a S.E.I.T. preparava uma exposição. Propuz-me logo e naturalmente, rever a minha opinião e o enquadramento que lhe dera à luz da lembrança de um conhecimento antigo (e das informações do livro de Henrique de Vilhena) — e não foi, afinal, preciso fazê-lo.

... O caso de Manuel Jardim não deixa, porém, de interessar o historiador nacional e a informação da presente exposição é evidentemente, preciosa.

«Em extremo impressionista», como se dizia em princípios de 1908, com mais de dois anos de Paris, já então passava por admirações obrigatórias para a sua geração de «emigrantes»: Rodin e Carrière — e, mais gravemente, por não se relacionarem com uma espiritualidade simbolista (que fora, até então, a saída portuguesa possível, contra o naturalismo impante em Lisboa e no Porto), Bonnat, Bouguereau e Henner, ou seja os academismos oficial, mundano e sentimental.

O impressionismo deu-lhe, portanto, uma possibilidade modernizante, por via antiliterária — e Manet garantiu-lhe a solução, levando-o a pintar «Le Déjeuner», exposto no «Salon» parisiense de 1911.

Trata-se de um quadro único na pintura portuguesa — o qual, não fosse essa característica, se debilitaria na conta dos seguidores de Manet com compromisso «Salonnard», sem mais atenções. Assim, porém, valerá a pena ver até onde um pintor nacional pode ir, no entendimento de uma liberdade

tonal que Manet sobretudo oferecia e na figura da rapariga retratada se observa, rósea de vestido e de carnação, com uma «pâte» demasiadamente densa no rosto, não por inabilidade, mas certamente por ingenuidade de fazer «moderno», ou «mais moderno», contra o fundo em «sauce», com a toalha da natureza-morta a marcar bem a diferença entre as duas zonas picturais ou os dois domínios estéticos, senão os dois processos ideológicos entre os quais Manuel Jardim se encontrava apertado. Ou angustiado.

E sem salvação possível, dir-se-ia, diante de duas dezenas de obras com significado, para além de «pochades» de atelier. São os dois grandes retratos (que na exposição ladeavam «Le Déjeuner») e foram certamente pintados na mesma altura — ainda que esta altura deva ser discutida pois a composição foi reexposta em Lisboa, na S.N.B.A., em 1919 (aliás mal recebida — o que a pintura portuguesa não tinha direito de fazer; bem haja Abel Manta por ter sido dos raros então, a defendê-la!), e entre 11 e 19, oito anos passaram, durante os quais o pintor foi incapaz de outra coisa fazer; ou, por outras palavras, de se decidir...

Um dos retratos foi exposto em 1919 — Manet ainda, com algo de Renoir no rosto redondo e um jogo de rosas e de cinzas no vestido, no fundo, no solo, bonita pintura mundana, como a outra também é, baixando e levantando tons, até ao negro e ao vermelho.

À margem, uma natureza-morta, de mesa posta, que lembra a do «Déjeuner» mas é mais livre de factura — e, ao mesmo tempo, mais convencional, de composição, mais Fantin-Latour... Resta uma «leitura deitada», com boa escrita de pincelada — que lembra Joaquim Lopes, e não mais. E vários desenhos cuja modulação ingresa se afirma, numa não sensível, inteligente, severa, consciente, inconformista e aplicada. E altamente responsável, como lembrou Almada, à morte deste desenhador sem sorte nem futuro.

Ou sem futuro nem sorte; não sei, na verdade, como escrever...



Artes Plásticas

O POLÍPTICO DE SÃO VICENTE E O DOCUMENTO DA BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

Continuação da página cinco

situado na capela-mor do lado da epístola.

Como se vê, esta «tese conciliadora» tem a virtude de revelar neste ponto uma certa coerência e até chamar a atenção para as radiografias, por nós acima referidas. A modificação nelas revelada da figuração inicial terá obedecido a alguma ideia e a notícia do documento descoberto por Motta Alves pode explicá-la.

Finalmente, em 1966, Maria Julieta Ruival na separata de «Belas-Artes» n.º 21-22, «Quem foi o pintor Nuno Gonçalves? I - Nuno Gonçalves de Goes, um português do século XV; II - Nuno Gonçalves de Goes, e seu irmão Vasco Farinha de Goes serão os pintores Nuno Gonçalves e Grão Vasco?» a p. 25 refere uma vez mais o manuscrito. Fá-lo, porém, num ponto que não aquele sobre o qual nos debruçamos.

Interessa-se esta autora em analisar a referência ao pintor Diogo Gomes da Roza, mencionado no mesmo documento como artista que trabalhou para os reis D. João I e D. Duarte.

Muito pertinente uma sua afirmação que se pode, de resto, aplicar ao restante texto do manuscrito e à posição assumida pela crítica: «Aconteceu que os críticos de Arte, quando estudaram este documento, estranharam o nome da roza e como não fosse possível indentificá-lo com os poucos pintores conhecidos que poderiam

ter existido em tempo de D. João I, puseram de parte a ideia de estudar o tal pintor de roza que lhes parecia uma fantasia do desconhecido autor do manuscrito...». O mesmo se poderá dizer do pintor Motta, como do Mestre Jácome e do Martinos do tempo de D. João II, estes últimos citados por Francisco de Holanda.

Quanto à interpretação proposta por Maria Julieta Ruival relativamente ao Diogo Gomes da Roza, cujo nome aparece no manuscrito como «d.º gomez da roza» e que esta autora lê «do gooes da roza», não a discutimos uma vez que não se relaciona com o texto que estamos a analisar.

Terminámos este estudo das diversas posições assumidas por historiadores, críticos e investigadores perante a relação dos «Retratos de reis que estão em Lisboa».

Desde a revelação do texto feita em 1933, há 41 anos, por Afonso de Dornellas, com consentimento do descobridor do documento, numa sessão da Academia das Ciências, passando pelo estudo permenorizado, da autoria deste, em 1936 no opúsculo «Os painéis de S. Vicente, num códice da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro», muito se discutiu. Parece-nos, porém, que o documento, embora de comprovado valor histórico, foi divulgado na pior altura. Já se tinham constituído grupos bem definidos, e se os «vicentistas» não se bateram por ele como de-

viam, por seu lado todo o grupo defensor de teses diferentes resolveu ignorá-lo ou criticá-lo ligeiramente, com ideias preconcebidas, como vimos. Mais tarde, surgiram as novas teses — mais ou menos sensacionalistas e todas padecendo do mais lamentável dogmatismo — cujo valor reside somente no material de estudo que mobilizaram.

Concluimos este longo trabalho resumindo a questão concernente a este documento, e pondo esse resumo à apreciação dos interessados:

1. O documento é autêntico (segundo as peritagens de Kitzinger, Jaime Cortesão e Oliveira Marques).

2. Nele se referem dois Painéis representando um jovem (o príncipe D. Afonso, filho de D. João II) na figura de S. Vicente, em cada um, virado um para o outro.

3. Essa dupla-figura encontra-se rodeada por outras personagens que com ela se fizeram retratar.

4. Estas personagens exibem na cabeça caraminholas, chapéus usados a partir da 2.ª metade do século XV.

5. Estes painéis encontram-se na Sé de Lisboa ainda em finais do século XVI, ou inícios do século XVII, tendo sido retirados nessa altura, segundo o próprio documento.

Já 64 anos passaram desde a tese que o dr. José de Figueiredo («O pintor Nuno Gonçalves», Lisboa 1910), com inegável precisão, expôs e infatigavelmente defendeu até à sua morte em 1937; é o momento de rever os caminhos seguidos, propor novos, e seguir-lps, como seja o da análise laboratorial do políptico, e uma busca em larga escala a levar a efeito nos arquivos seguindo as poucas pistas de que dispomos. Desejamos também, se a houver, uma discussão séria do problema, sobretudo construtiva, sem dogmatismos e ideias preconcebidas.

É tempo de rever a documentação que até hoje se reuniu, de a reinterpretar, de a

repensar. Estamos certos de que, se esta relação de retratos tivesse sido oportuna e devidamente considerada, teria poupado esforços inúteis, tempo melhor aproveitado noutras investigações — mesmo dentro do âmbito do políptico —, conjecturas transformadas em certezas, e tantos outros males que contribuíram para gerar o desinteresse, a ironia e a dúvida sistemática que, na nossa historiografia de arte, assume foros de doença paralisante. Tudo isto para não falarmos no descrédito perante a crítica estrangeira.

DAGOBERTO L. MARKL

1) Afonso de Dornellas, «Os Painéis do Mosteiro de S. Vicente - II Elementos para a sua identificação», Lisboa 1931.

2) Reinaldo dos Santos, «Nuno Gonçalves», Phaidon Press, Londres 1955.

3) Charles Sterling, «Les panneaux de Saint Vincent et leurs enigmes», in L'Oeil, Revue d'Art, n.º 159, Março 1968. Tradução portuguesa in João Couto, In Memoriam, Lisboa 1971.

4) Adriano de Gusmão, «Nuno Gonçalves», col. Saber, Lisboa 1957.

5) Martin Davies, «Roger van der Weyden», Phaidon Press, Londres 1972.

6) Jaime Cortesão, «Descobrimientos Portugueses», Tomo I, Lisboa s/d data (1958/62).

7) Francisco de Holanda, «Da fabrica que falece ha Cidade de Lisboa» (1571). Edição fac-similada in Jorge Segurado, «Francisco D'Ollanda», Lisboa 1970.

8) João Couto, «A Radiografia do Santo no Painel do Infante», in Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga, n.º 9-10, Lisboa 1944.

9) Adriano de Gusmão, «Os Primitivos e a Renascença», in João Barreira, «Arte Portuguesa-Pintura», Lisboa s/d data.

10) António Belard da Fonseca, «Dom Henrique, Dom Duarte, Dom Pedro?», Lisboa, 1960.

11) Mário Sampaio Ribeiro, «Da Singularidade e das Anomalias da Iconografia do Infante D. Henrique» (separata da revista Ocidente), Lisboa 1961-62.

12) Francisco de Holanda, «Da Pintura Antigua», Porto 1930 (2.ª edição).

13) José dos Santos Carvalho, «Iconografia e Simbólica do Políptico de São Vicente de Fora», Lisboa 1962.

14) Em 1963, o prof. Jorge de Sena publicou sob o título «Os Painéis ditos de «Nuno Gonçalves», (na revista Ocidente, n.ºs 305 e 306 e no n.º 54 da Revista de História de S. Paulo) um trabalho basicamente inspirado na mais fascinante das hipóteses interpretativas, a do prof. Vitorino Magalhães Godinho (Revista de História, n.º 37, Janeiro-Março de 1959, S. Paulo).

Sem dúvida alguma fascinante a hipótese deste historiador, e sobretudo admiravelmente apresentada talha, porém, na cronologia proposta (1446-1448) e, por isso mesmo, terá que ser arquivada ao lado, por exemplo, da de Almada Negreiros, também fascinante.

O que surpreende no caso de Jorge de Sena é que este poeta e historiador, escrevendo em 1963, ignore o manuscrito do Rio, cujo valor e autenticidade tinham sido já estabelecidos por Jaime Cortesão em 1958-62 em «Os Descobrimientos Portugueses», obra para mais concluída por Vitorino Magalhães Godinho (!) com a colaboração de Joel Serrão, após a morte do autor.

Este desconhecimento de Jorge de Sena é evidente, quando afirma: «E estranho, no entanto, a total falta de referências a uma obra que, embora suprimida, as crónicas ou qualquer documento não deixariam de referir».

Porém, noutro passo do seu trabalho, o autor parece conhecer a posição de Jaime Cortesão, quando em nota à passagem que acabamos de mencionar, escreve: «E certo que o facto da invocação dessa capela (a do palácio de Sintra) ser o Espírito Santo, já serviu para duas hipóteses contrárias: a de os painéis estarem imbuídos do «Espírito Santo» que seria a divindade tutelar da nação portuguesa (e não se vê onde o dito Espírito possa estar nos painéis, já que o duplo santo não pode representar uma entidade divina que, em matéria de figura plástica, nunca foi além de passa-



A cabeça do santo, painel dito «do Arcebispo»

ro)».

Como entender que Jorge de Sena desconheça: 1.º - Que o livro aberto nas mãos do Santo, no painel dito do Infante, o está no Evangelho de S. João que se lia na missa votiva do Espírito Santo; 2.º - Que Jaime Cortesão designava esta parte do retábulo por «Painel da investidura do Rei na Missão do Espírito Santo» e o conjunto por «Retábulo da investidura da nação pelo Espírito Santo», apresentando razões históricas comprovativas deste culto em Portugal no século XV. As relações entre os Painéis e o culto do Espírito Santo foram, também, estudadas por José Luís Conceição Silva (Cf. O Políptico das Janelas Verdes, in «Diário de Notícias, suplemento Artes e Letras», 2.º e 9 de Fevereiro de 1967).

E curioso verificar que a grande maioria dos investigadores que se debruçaram sobre a questão dos Painéis não procurou ler o livro aberto pelo Santo na sua totalidade e por isso lhe chamaram evangelário... o próprio Cortesão caiu neste erro. Se efectivamente na página da esquerda se lê o texto do Evangelho de S. João, na da direita o texto é o do Prefácio próprio do Domingo do Espírito Santo até ao Sábado seguinte, conforme, de resto, já o tinham assinalado Georges Kalfal (Essai iconographique sur les Panneaux attribués à Nuno Gonçalves, in separata do Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga, vol. II, fasc. 6, 1942) e Garcez Teixeira (O significado dos Painéis de São Vicente, separata de MUSEU, vol. IV, 1945). Fig. 6

15) Adriano de Gusmão, «O Nuno Gonçalves da Phaidon», Lisboa 1956.

16) José Saraiva, «Os Painéis do Infante Santo», Leiria 1925.

17) Vide nota 4.

18) Vide nota 6.

19) Não se nos atreva a trazer a história da execução do Retábulo de S. Vicente na Sé de Lisboa, com base nas insígnias de D. Jorge da Costa e no escudo reformado de Portugal — descritos por D. Rodrigo da Cunha — e nos documentos referidos por Jaime Cortesão.

D. Jorge da Costa, o famoso Cardeal Alpedrinha, governou a Sé de Lisboa entre 1464 e 1500; as armas de Portugal foram reformadas por D. João II em 1485. Partindo destas datas cotejemo-las com as dos documentos.

Desde 1467 que D. Jorge da Costa recolhia fundos em todo o arcebispado para as obras da capela de S. Vicente da Sé (item 37 da Visitação à Igreja de S. João de Mocharro de Obidos, em 14 de Fevereiro de 1467), daqui se inferindo que o prelado fomentava o culto do Santo, ainda que admitamos não se relacionarem destas obras da capela com as do retábulo que figurava na capela-mor, onde se situavam as reliquias do taumaturgo, conforme se lhe refere D. Rodrigo da Cunha.

Em 19 de Junho de 1469 passa-se a Afonso Eanes, chantre da Sé de Lisboa, uma carta de quitação, pela qual se sabe que D. Afonso V deu 5650 reais ao «cabido da dita Sé de esmola para o retábulo que se ora faz na dita Sé do martel S. Vicente». Trabalhava-se neste ano, portanto, na execução do conjunto pictórico em simultâneo, possivelmente, com as obras da capela do padroeiro da cidade, associando-se o rei D. Afonso V à iniciativa de D. Jorge. Jaime Cortesão admite

que «se o Rei deu, como sabemos, uma esmola para o retábulo de S. Vicente, que então se fazia na Sé, devemos concluir que a iniciativa dessa obra tinha pertencido ao Arcebispo de Lisboa». E natural que assim tenha sido, até por nela figurarem as armas deste.

A complexidade do tema encomendado ao pintor, e certamente aos seus colaboradores, leva-nos a admitir que a obra teria levado vários anos a executar, mais até que os três admitidos por Cortesão. Estando o retábulo a fazer-se em 1469, em Junho, é natural que tivesse começado antes, talvez mesmo em 1468, arrastando-se a sua execução até 1471 ou para além deste ano, o que é confirmado pelos traços militares dos cavaleiros no Painel dito do Arcebispo, muito semelhantes aos das Tapeçarias de Pastrana, mandadas fazer depois de 1471, data das campanhas de Arzila e Tânger, que comemoram.

No entanto, tudo isto se passa muito antes de 1485, data da reforma do escudo em Portugal, e até antes da moda do chapéu usado pelo personagem em 1.º plano, à direita, no painel dito do Infante. Fernanda Espinosa, na p. 259 do seu livro, já citado, referindo a evolução dos chapéus escreve: «Aos variados modelos de copa muito alta, que culminam em torno de 1470 num último sobressalto gótico, vão suceder-se formatos mais comedidos. Ao aproximar-se o nono decénio, a copa será progressivamente mais baixa. Uma vez rígida, à maneira dum «chapéu de coco»... E exactamente esta forma rígida, lembrando o chapéu de coco, que aquele personagem usa, donde concluímos que este retrato foi executado perto deste nono decénio, muito provavelmente nos anos 80 do século XV. Ora tendo morrido D. Afonso V em 1481, podemos admitir que se trate de pintura posterior a esse ano e já executada no reinado de D. João II numa nova campanha de obras no retábulo, talvez um acrescentamento ditado por algum motivo que nos escapa. Poder-se-ia pôr a questão: Referir-se-á às relações entre este monarca e seu pai, D. Afonso V, o texto do Evangelho de S. João do missal que S. Vicente segura, no painel dito do Infante (Mas para que o mundo saiba que amo o Pai, e faço o que ele me manda...)».

Após esta constatação, somos levados a admitir, como hipótese de trabalho, ser este acrescentamento feito em cerca de 1485 na mesma altura em que o Anjo do Reino passou a ostentar as armas reformadas. D. Jorge da Costa continuava no seu arcebispado e, com as suas armas, passaram a emparceirar-se as novas de Portugal. Terá sido esta nova campanha de trabalhos que levou D. Rodrigo da Cunha a falar em restauros.

Finalmente, em 1491, terá havido uma nova alteração, a que já fizemos referência.

Naturalmente que toda esta campanha de obras, excepto a de 1491, foi executada por Nuno Gonçalves, conforme com a notícia de Francisco de Holanda, embora possamos pôr de remissa a sua intervenção no reinado de D. João II. A de 1491 já teria sido entregue a outro pintor, o Motta referido no documento do Rio de Janeiro, pois Nuno Gonçalves deve ter falecido neste ano, ou pouco depois de entrada do seguinte.

EXCURSÕES CP

ESPAÑA E EUROPA

● SEMANA SANTA E PASCOA EM MADRID E NAVACERRADA (Serra do Guadarrama)

Partida: «Lusitânia-Expresso» de 11/4; regresso: comboio «Ter» de 14/4

— Aloj. em Hotéis centrais de 1.ª e 2.ª; assistência e transporte das estações de Madrid para os Hotéis e vice-versa; e passeio à neve: Navacerrada (Serra do Guadarrama).

PREÇOS POR PESSOA

	Hotel 2.ª P. compl. Residência.	Hotel 1.ª P. compl. Residência.		Hotel 2.ª P. compl. Residência.	Hotel 1.ª P. compl. Residência.
LISBOA	1.890\$00	1.750\$00	PORTO	2.040\$00	1.900\$00
Evora Beja	2.010\$00	1.870\$00	Braga	2.090\$00	1.950\$00
Faro Lagos	2.110\$00	1.970\$00	V. Castelo	2.120\$00	1.980\$00
Santarém Tomar	1.860\$00	1.720\$00	Aveiro	1.960\$00	1.820\$00
Castelo Branco	1.860\$00	1.720\$00	Viseu	1.990\$00	1.850\$00
Abrantes	1.800\$00	1.660\$00	Coimbra	1.910\$00	1.770\$00

● SEMANA SANTA E PASCOA EM SEVILHA, ANDORRA, LOURDES, PARIS, ITALIA...

Circuitos de autocarros a partir de Madrid

— Asseguramos reservas completas e rápidas com ligação de todas as estações portuguesas à capital espanhola pelos comboios LUSITÂNIA-EXPRESSO E TER.

PROGRAMAS E INFORMAÇÕES:

LISBOA — Estações de Lisboa-Rossio e St.ª Apolónia
— EGT — Rua do Arsenal, 124
PORTO — Estação de Porto — S. Bento

Reservas rápidas — LISBOA T. 36 75 29
— PORTO T. 5 70 61

OU NA SUA AGÊNCIA DE VIAGENS



Um REMÉDIO Seguro

Mentholatum!... Tenha em casa, tenha a mão Mentholatum!... um remédio seguro contra inflamações do aparelho respiratório, constipações, dores de cabeça... Contra irritações de pele, cietos, queimaduras e mordeduras de insetos... Mentholatum é remédio seguro! Simples de aplicar — e de efeito rápido — para crianças, adultos, a família inteira. Compre Mentholatum hoje, ao seu farmacêutico — Tenha em casa, tenha a mão Mentholatum!

BOÍÕES E TUBOS
MENTHOLATUM
UM REMÉDIO SEGURO

A VENDA MAIS



UM NÚMERO DE

motor



Intervenção crítica

Fernando Luso Soares

OS SÍTIOS SITIADOS de Luiza Neto Jorge



Luiza Neto Jorge

A antologia poética de Luiza Neto Jorge, agora publicada com o nome geral de «Os Sítios Sitiados», dá-nos testemunho (dá-nos sinal) do significado dianteiro que este poeta tem indiscutivelmente na moderna poesia portuguesa. Tal volume não pode deixar de ser classificado ou reconhecido como um dos mais relevantes ou importantes dos últimos tempos. Eis um lugar que esta autora-poeta tem logrado obter pelo silêncio de ouro da sua não-palavra publicitária, já que Luiza Neto Jorge não é, sem dúvida, daquelas pessoas que estão sempre a preocupar-se quotidianamente com os factos, pequenos ou grandes, da sua glória, pequena ou grande.

Digamos, pois, que o volume total de **Os Sítios Sitiados** representa um digesto geral da obra de Luiza Neto Jorge. Vejamos rapidamente, e em esquema, porquê.

Aqui deparamos, neste livro, a par de um núcleo de poemas inéditos de singular atracção para o leitor de poesia, com a «recordação» de **A Noite Invertebrada**, de 1960 (págs. 11 a 22), com a **Quarta Dimensão**, de 1961 (págs. 29 e 41), **Terra Imóvel** (págs. 47), **O Seu a Seu Tempo**, de 1967 (págs. 125 a 130), **Dezanove Recantos**, de 1969 (págs. 209 a 249) e **Ciclópico Acto**, de 1972, que fora publicado de colaboração com Jorge Martins, pintor. E agora, ainda também com a adjunção de **Os Sítios Sitiados**, os inéditos que dão o título ao presente volume, e **O Amor e o Ócio**, de 1973, que alguém disse ser o núcleo das mais belas poesias de Luiza Neto Jorge.

Estamos diante de um dos livros que, na verdade, me parece ser dos mais relevantes da obra poética portuguesa dos nossos dias. E é precisamente por isso que me espanta que Luiza Neto Jorge sofra de uma lamentável carência de estudos sérios (profundos) sobre a sua poesia.

Só o segredo dos deuses pode explicar, a meu ver, o desta ilícita carência cultural, deste relativo silêncio de coxos críticos e ensaísticos — excepção feita a alguns textos como por exemplo os de Gastão Cruz, que poderemos ler nas suas páginas de **Poesia Portuguesa Hoje**, e poucos mais.

Se atentarmos naquilo a que se poderia chamar a especificidade da sua poesia, talvez nos acontecesse coisa análoga à daquela pergunta que algures se pôs assim: — só uma mulher-poeta lograria escrever poemas como estes?

Evidente é que há certos textos poéticos de Luiza Neto Jorge que unicamente foram possíveis por ela ser mulher, à parte o seu magnífico talento. Evidente é, por exemplo, que também só uma mulher poderia ser o autor de um tão belo e ao mesmo tempo tão cru e implacavelmente desnudado poema como a sua autobiografia «Só-Neto Jorge, Luiza» com que deparamos a páginas 255 de **Os Sítios Sitiados**: — «A silabar que o poema é estulto/o amado abre os dentes e eu deslizo;/ sismos, orgasmos tremem-lhe no olhar/ enquanto eu, quase a rimar, exulto».

Mas aí reside uma particularidade de género que não nos diz toda a dimensão do poeta que temos diante de nós. Não sei se Luiza Neto Jorge acaso vale — como quer alguém, mas isso de gradações é quanto a mim coisa quantitativa que pouco importa — o facto de ser o maior poeta da sua geração. Ou de não ser. Os poetas (os escritores verdadeiros, significantes) não são nem deixam de ser maiores ou menores do que. São-no simplesmente. Importa-me bastante mais este realístico reconhecimento de que não se «fabrica» o poeta, precisamente porque o poeta é como tal desde sempre: — «O poeta é um animal longo/ desde a infância» (págs. 135 de **Os Sítios Sitiados**). Isto não só enquanto ele se constitui sujeito da enunciação — tendência épica no poeta, ou de todo o poeta, como enquanto se constitui o próprio sujeito enunciado — a sua tendência lírica.

Em raros poetas, limitar-me-ei a dizer agora, duas tendências ganham equilíbrio tão eloquente como acontece com Luiza Neto Jorge. Aqui me parece encontrar-se um dos segredos da originalidade de que ainda vai sendo possível nos poetas do nosso tempo. Deste tempo, enfim, em que já se chegou a vaticinar o desaparecimento da arte, como manifestação da superestrutura ideológica alienada, no momento em que a sua realização de uma praxis total a tornasse supérflua como coordenada independente.

E que dizer sobre o mundo e a sua visão em Luiza Neto Jorge?

Um «glossário» quase português que por aí circula com novidades espantosamente-espantosas sobre os escritores da nossa terra, deu a este propósito para afirmar categoricamente que a poesia de Luiza Neto Jorge como que traduz o caótico e o sem sentido dos tempos modernos, e logo o «contaminado» pelo cientificismo e pela máquina desumanizante. E eu volto a perguntar: — o que dizer sobre isto?

Rejeito liminarmente esta teoria desfasada. O que antes acontece com a poesia de **Os Sítios Sitiados** é coisa muito diferente daquilo que vimos afirmado em tal «glossário».

O sensualismo de Luiza Neto Jorge não se compadece de modo nenhum com o impressionismo caótico e acrítico daquele observador que se desconchava todo em face da extrema diversificação das relações sociais ou de produção no mundo actual. A sua poesia não é decerto uma poesia de ideias, e se acaso assim fosse ela estaria por demais ultrapassada. Seria mesmo um cadáver sem interesse, como tentativa frustrada de reflexo do actual. E neste sentido, porque não se trata (nela) de uma situação de ideias (ou de ideias postas em situação), o problema-cerne jamais poderia ser aqui, nesta poesia agora considerada, o de uma estrutura lógica. A coerência de um poema, em Luiza Neto Jorge, é de outra ordem. Trata-se, direi então, de uma coerência de funcionamento. Uma espécie de coerência constelar. E assim a conexão — não das ideias, evidentemente, mas de imagens — situa-se a tal altura que até pode parecer, aos menos dotados para ver com a vista de dentro, para sentir e para captar, uma desconexão inagregável.

Se a coerência na obra de Luiza Neto Jorge é de outra ordem que não a causalista, e se portanto o nexo existente entre as suas partes integrantes é funcional e não causal, torna-se-nos lícito aplicar à conjuntura geral de **Os Sítios Sitiados** aquela observação que, por exemplo, Todorov fez a propósito da poética moderna no seu ensaio sobre **Estruturalismo e Poética**. Hoje em dia, com efeito, a literatura orienta-se para a narrativa (cinquenta por cento dos poemas de Luiza Neto Jorge são narrativas sincopadas do quotidiano aparentemente comum) de tipo espacial e temporal, em manifesto e iniludível detrimento da causalidade.

Certo é que em «Poesia 61» — publicação colectiva onde Luiza Neto Jorge colaborou ao lado, por exemplo, de Fíama Hasse Pais Brandão, Casimiro de Brito, Gastão Cruz e Teresa Horta — o binómio premente, sobredeterminante, pareceu ser, não o de uma expressão dialógica entre Homem e Realidade, mas antes situada entre Coisa e Signo. Ganhará relevo evidente, com estes poetas, essa questão para eles julgo que bem fundamental (em poesia) das relações entre a palavra e o sentido.

Mas este facto particular não despe a possibilidade de a poesia de Luiza Neto Jorge ser materialisticamente realista. E isso é o que mais me interessa agora.

Dir-se-ia que tais poemas resolvem um dos aspectos da fisionomia da nossa época ao dizerem, como no poema sexto de **Os Sítios Sitiados** (a págs. 201), que «para além do real o artifício / atenta». O artifício, a aparência, o fenómeno, a pseudo-concreticidade das coisas é sempre o não-real que oculta a realidade concreta, desnudada. Assim, a realidade é outra daquela que aparece. Sempre sem dúvida difícil de captar: — «Há no mundo inteiro uma, quando muito, rua / difícil de encontrar» (págs. 204).

Mas a poesia, se é extremamente realista, materialista e reflectida, como a de Luiza Neto Jorge, não deixará de operar, logo até e enquanto relação estabelecida entre a palavra e o sentido, uma descarnada ou dissolvente liquidação dos fetiches. Lembraria que fetichizado se encontra todo o objecto que o homem «sente» valer como **coisa de troca**, não como **coisa de uso** para seu directo benefício. Pois veja-se esta passagem do poema significativamente chamado «Os frutos frios por fora» (a págs. 178 e seguintes, designadamente a págs. 180): — «Não há respeito por ninguém; / por exemplo o diamante / não tem a utilidade de uma jóia: / é só um diamante (para um asceta) / só um dia amante (para um suicida). / Com uma jóia, sim, compra-se o mundo».

A **Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa** colocou há anos, pelo texto introdutório de Maria Alberta Menêres e E. M. de Melo e Castro, no nível da mais radical vanguarda a obra poética de Luiza Neto Jorge. Porém, o que significa mais de perto, em termos menos genéricos e menos abstractos, esta posição?

Julgo que não se poderá negar a Luiza Neto Jorge a sua costela surrealista. Nem depois do surrealismo terá existido alguma poesia que possa dizer-se de todo isenta deste antecedente. Estou a pensar, por exemplo, na observação certa de Gastão Cruz enquanto em «O Conceito de modernidade e a poesia portuguesa contemporânea» reconheceu que a contribuição surrealista rompeu caminhos quer para o discurso metafórico de Herberto Helder, quer para a desintegração própria da «Poesia 61» e, por consequência (decerto indirecta), para a posterior reconstrução da discursividade poética na qual teria alinhado Luiza Neto Jorge, designadamente com **Dezanove Recantos**.

Assinala-se, agora na sequência quase cronológica (mas coerente) dos textos deste volume geral de **Os Sítios Sitiados**, mais do que uma subversão gratuita da sintaxe comum, um processo de emancipação da linguagem poética, cada vez mais ausente da linguagem só referencial. Trata-se de uma lição que me parece remontar àquele Mallarmé, que foi quem respondeu a Degas: — «A poesia faz-se com palavras, não com ideias».

O que não quer dizer, obviamente, que a poesia se não faça com imagens que são reflexo do real. Eis a recuperação, assim, de um discurso do qual na verdade deve também ter sido Mallarmé a primeira mola. Controle do acaso. E isto ao mesmo tempo em que se afirma a impossibilidade da abolição deste, pelo menos em certa margem. E ainda a insinuação dialéctica sob a marca relativista de um talvez.

Por um lado, então, a palavra extremamente pessoalizada, longe da referência comum: — «Palavra é o que lembro / ou o que meço?» (págs. 190). Mas, por outro, o fluir dialéctico, quer no jogo das palavras, quer mais fundamente na transformação das substâncias materiais. Assim, no primeiro caso, o poema de págs. 47: — «Esclarecendo que o poema / é um duelo agudíssimo». E no segundo, o de págs. 172: — «Ninguém duas vezes passa o rio».

Em Luiza Neto Jorge é puríssima a justeza da palavra à situação. Deve ter sido por isso que já alguém (Gastão Cruz) notou com inteligência que na autora de **Os Sítios Sitiados** o adjectivo não é simplesmente acessório. Eu acrescentaria que, segundo a expressão inglesa, eles são as **quality words**; tal como nos poemas em que está patente a variabilidade do ser, a metamorfose, a transformação, particularmente as revoluções da matéria dos poemas de págs. 123 e seguintes, os verbos são as **Action words** de toda uma complexidade existente. Curioso é, para remate, notar que Luiza Neto Jorge, no poema de págs. 164-165 nos chega a falar em «verbos andantes».

Crítica de artes plásticas

Jose Luis Porfírio

COINCIDÊNCIAS...? OPOSIÇÕES!

Poderia também dar a este texto de hoje o título «Como falar de Pintura?» II, continuando assim uma conversa só aparentemente iniciada há oito dias e, possivelmente, poderia continuar a mantê-lo por tempo indeterminado. Com efeito, perante determinadas questões que a pintura a si própria se põe, e a todos nós vai pondo também quando sempre renovada, essa pergunta, mesmo quando pintura já deixou de o ser e enveredou por outros caminhos que, apesar de tudo, a ela continuam inevitavelmente ligados, até pelo nosso olhar tradicionalmente habituado, e agradável de uma pintura de cavalete multissecular.

Por vezes o calendário das exposições proporciona-nos felizes surpresas associando manifestações que, quer pela sua coincidência quer pelo seu contraste e (ou) oposição, resultam extremamente ricas para estudar em conjunto, estão neste último caso as exposições (duas) de Pires Vieira na Galeria de Arte Moderna da S.N.B.A. e de José Nuno da Câmara Pereira na Galeria Otolini.

Não vou falar aqui, como vem sendo costume meu, de uma exposição e depois de outra, ou de um autor a seguir ao outro, ambos como exemplos significativos de uma referida situação, não! Embora correndo o risco de ser confuso prefiro, neste caso ir a par e passo comparando as duas atitudes, que aparentemente contrastam em extremo, senão que se opõem, de pintores sobre a sua disciplina.

Para quem tem visto umas e outras exposições, quero também dizer, desde já, que não se trata aqui do contraste, afinal fácil de estabelecer, porque evidente, entre uma atitude (ou uma atitude) e uma qualquer pintura de série, por mais sedutora que se nos apresente, ou uma qualquer habilidade decorativa e agradável para encher parede. Aí o contraste é óbvio, e a «moral» torna-se, como já disse, muito fácil de tirar (o que não quer dizer desnecessária). Duas poéticas (e duas até porque não?), aqui se afrontam pelo acaso espalhadas por três galerias de Lisboa e este acaso, pela riqueza dos problemas que uma e outra levantam, pela sua seriedade também e, sobretudo, pela dificuldade que há em resolvê-los assim, afrontadamente, é daqueles sucessos que podem transformar uma, quase rotineira, visita a exposições num acontecimento que nos marca, porque nos força pensar... e a sentir, assumindo, por momentos que seja através das artes plásticas, a difícil complexidade de uma época como a nossa.

Antes do mais vejamos pois os...

ANTECEDENTES

Pires Vieira realizou em Maio do ano passado uma exposição, também na Gal. De Arte Moderna da S.N.B.A. e que constava de uma série de suportes sem qualquer preparo, montados como se se tratasse de quadros de cavalete, tendo estampada ou recortada uma mesma repetição de imagens que grosso modo se pareciam a um peso, nenhum título genérico, bem como nenhuma biografia do artista acompanhava a exposição. Agora, pelas folhas que acompanham as presentes exposições fico a saber que participou em numerosas exposições e de grupo já nos anos setenta (numa altura em que me encontrava bem longe de Lisboa). Desta exposição ficara-me o apetite aberto para novas propostas, ou para prolongamento da já manifestada, o que veio a confirmar-se agora, que mais e melhor dissessem sobre as intenções do seu autor, definindo-o pelo menos como introdutor em Portugal de uma ma-

neira radical de pensar uma pintura que já não o é ou não o quer ser sobretudo.

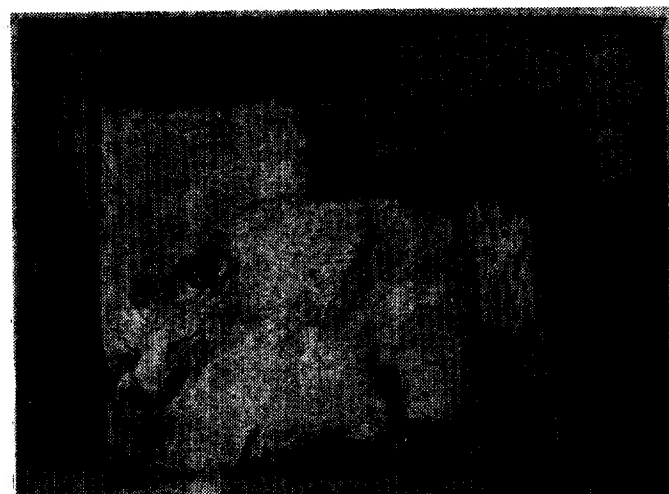
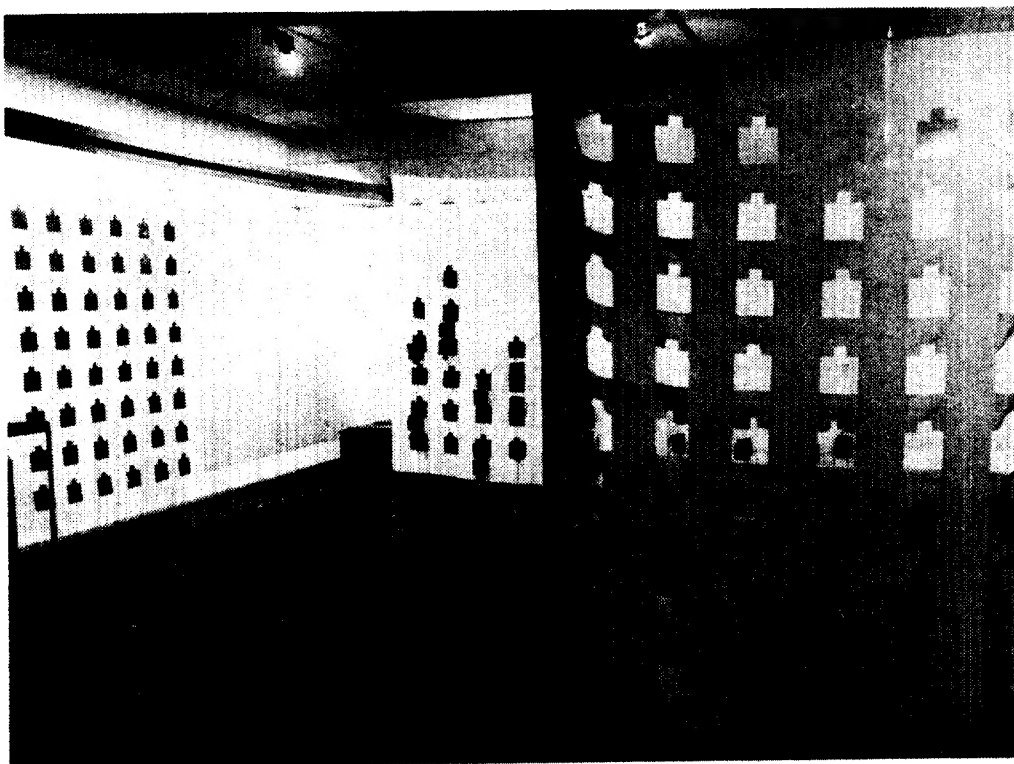
De José Nuno, embora mais velho que Pires Vieira nada conhecia a não ser, o que é muito importante, uma pequena mostra ou «acrobacia» de trabalhos de aluno seu que esteve, juntamente com várias outras, patente no AR-CO no final do passado ano lectivo. Dela se desprendia toda uma lição de liberdade na procura que cada um iniciava sobre a tela, através de um conhecimento imediato dos materiais e da cor e que numa aparente ausência de programa encerrava uma atitude expectante perante as pesquisas individuais sempre possíveis.

AS EXPOSIÇÕES

Mais interesse do que quaisquer informações sobre o passado de um e outro tem certamente a comparação entre os objectos que actualmente propõem assim:

— as exposições de Pires Vieira intitulam-se Nada (meta) «Texturas» a da S.N.B.A., e «des»-construções a da Quadrante. Na S.N.B.A. para além de um longo pano estampado com a forma já conhecida do ano passado, Pires Vieira propõe uma série de quadros de terra sobre e sob os quais se estendem, real ou ilusionisticamente, cordas que constituem, quanto a mim, uma referência directa aos fios que são a trama de um suporte habitual da pintura, a tela, duas cordas na diagonal, primeiro, depois quatro cruzando-se no centro do quadrado, depois três cruzando-se imaginariamente sob a terra (muito embora não estejam lá), em seguida quatro e finalmente um esquema que associa, parceladamente, às soluções dos três primeiros casos. Para além destas experiências uma outra prolonga também a já tentada no ano passado, mesmo em frente à única entrada de público um suporte suspenso deixa cair para o solo a sua trama simbólica feita das mesmas cordas entrançadas.

Na quadrante as intenções do autor são mais fáceis de distinguir, novamente, nas paredes, o pano estampado, também à entrada um suporte suspenso e perfurado através do qual pode ser vista toda a exposição, no chão, repetindo-lhe o ritmo a trama das cordas e em mais dois exemplos, repete-se a história dessa «des-construção» com o suporte, pano ex-quadro esvaindo-se da sua materialidade corda-trama que tomba para o chão, chão que, na terra realmente colocada sobre o pavimento das Belas Artes, adquire evidente sentido metafórico. No espaço propício à surpre-



sa, mais do que à serena visão, da galeria Otolini, José Nuno da Câmara Pereira confirma o que já me tinha dito através dos seus alunos. A sua pesquisa dentro de uma tradicional pintura de cavalete, muito que vintade em formatos pequenos, quase miniaturais, é a de

gênese das formas através da cor e também através do gesto inicial e caligráfico, do «scribble» ou da raspagem, para, em certos casos partir em busca de um, sempre velado emblematismo, da incisão também que num exemplo só chega mesmo a assumir uma impor-



«Des construções», de Pires Vieira, em exposição na Quadrante.

Quadros de José Nuno Câmara Pereira, em exposição na Galeria Otolini.

tância de negação espacial, longe de toda a atmosfera em que banha a restante exposição... Apetecer-me-ia aqui não repetir, mas reinventar a expressão abstracionismo lírico para a pôr como rótulo a esta exposição, não como referência directa a determinada corrente da pintura dos anos cinquenta, mas como necessidade para ajudar a uma aproximação desta pintura-pintura que se quer e se arrisca dentro dos estreitos (?) limites do quadro de cavalete.

OPÇÕES

Estamos, é fácil de ver, perante duas posições contraditórias, perante duas opções frente à prática da pintura que importa entender simultaneamente: uma convida-nos a olhar para a própria pintura e para as capacidades de fascínio visual e de sedução poética que encerra essa disciplina, a outra convida-nos a «regarder ailleurs» e a travar outros combates interiores e exteriores à pintura com os pés assentes numa terra que, por mais «real» que seja, é também a terra da utopia; numa adere imediatamente a minha sensibilidade, dada a sua extrema qualidade formal (que nada tem que ver com formalismo) e só imediatamente me ponho a reflectir sobre ela, a outra é um imediato ponto de interrogação, voltado para a parte intelectual que à medida que descobre um sentido, descobre também, um jogo e também um sonho, ou melhor uma construção material muito simples que também funciona como «machine à rêver», ou máquina de sonhar (acordado).

Até nos riscos que possivelmente correm, estas opções são diversas, o de Pires Vieira é o da corda (passe a insistência) tensa sobre o abismo de uma radicalização necessária, indispensável, das suas posições e dos seus objectos, sobre o «obstinado rigor» que deverá pôr neles e a autocrítica necessária para não se repetir inutilmente; José Nuno corre o risco real de ser devorado pelo fascínio decorrente da sua pintura, numa época em que esta se tornou apenas numa coisa, de consumo decorativo, contra este consumo estão os quadros que produz menos bem armados que os objectos de Pires Vieira, que ostensivamente o recusam e são, por enquanto, supponho, por ele recusados.

É urgente uma proposta estética que busque nas fronteiras da pintura novos significados e novas propostas e que, ao mesmo tempo, procure libertar-se do mundo asfixiante de interesses que em torno da arte circulam?

É! É urgente uma pintura que se assuma como tal objecto de sedução e de interrogação dentro de uma disciplina tradicional, que se recuse como auto-academismo?

É! E nesta terra de formalismo e academismos disfarçados ainda mais!

Será que José Nuno e Pires Vieira conseguiram o que queriam nas suas exposições?

Não sei, aos riscos exteriores há que juntar os que se somam dentro de cada um de nós, um quadro, tal como outra proposta estética tem que ser um risco constante, não um confortável reafirmar do já sabido, logo o problema é deles e... de todos nós.